

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JACKLINE ALTOÉ DOS SANTOS

**AS RELAÇÕES RETÓRICAS NO GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA:  
UM ESTUDO DA SUPERESTRUTURA DO GÊNERO E DA EXPRESSÃO  
LINGUÍSTICA DAS RELAÇÕES**

MARINGÁ- PR

2012

JACKLINE ALTOÉ DOS SANTOS

**AS RELAÇÕES RETÓRICAS NO GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA:  
UM ESTUDO DA SUPERESTRUTURA DO GÊNERO E DA EXPRESSÃO  
LINGUÍSTICA DAS RELAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio

MARINGÁ- PR

2012

JACKLINE ALTOÉ DOS SANTOS

**AS RELAÇÕES RETÓRICAS NO GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA:  
UM ESTUDO DA SUPERESTRUTURA DO GÊNERO E DA EXPRESSÃO  
LINGUÍSTICA DAS RELAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio  
Universidade Estadual de Maringá - UEM  
Presidente da Banca – Orientador

---

Profa. Dra. Maria Regina Pante  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat  
Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico esta conquista a minha família:  
mãe, pai, Tuti e Felipe; meu tudo, sempre.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, sem o qual nada é possível.

À minha família, em especial meus pais e irmãos, por estarem sempre do meu lado, independentemente de qualquer coisa. Por me aceitarem sempre, me apoiarem em todas as decisões que tomo em minha vida.

Um agradecimento todo especial e cheio de carinho ao Tuti e ao Chuck, por todo o amor que me dedicam e por me tirarem os melhores e mais sinceros sorrisos, mesmo nos momentos mais tensos.

Aos meus amigos tão queridos, Angélica, Natalia, Rafael, Péricles, Tiago e Pedro, por muitas vezes aguentarem meu mau humor.

Às minhas queridas amigas de mestrado Neia e Érika, pelos avisos, pelas risadas, pelo apoio, pelos domingos de estudo, pelos “vamos amiga, a gente consegue”.

À queridíssima professora Ana Cristina Jaeger Hintze, por sempre me inspirar, me incentivar, me fazer acreditar que sou capaz e competente.

Ao meu orientador, professor Juliano Desiderato Antonio, por toda ajuda, competência, profissionalismo, paciência e bom humor.

Às professoras Maria Regina Pante e Maria Beatriz Decat, pelos apontamentos feitos na qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras. Em especial ao Professor Renilson José Menegassi, pelo auxílio, principalmente no capítulo sobre gêneros textuais de minha dissertação.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de estudos.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos auxílios prestados.

## RESUMO

De acordo com a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST), além do conteúdo explícito veiculado pelas orações de um texto, há relações implícitas que surgem da combinação entre partes do texto e da combinação entre orações. Neste trabalho, pretende-se descrever a ocorrência dessas relações, chamadas relações retóricas, relações de coerência ou proposições relacionais, na superestrutura do gênero resposta argumentativa. O *corpus* analisado foi composto por 15 redações do gênero Resposta Argumentativa (doravante RA) do Concurso Vestibular de Inverno 2009 da Universidade Estadual de Maringá. Nessa redação, os candidatos deveriam se basear em uma coletânea de textos, que tinha como tema “vício na internet”, para responder à pergunta: “A internet é nociva?”. A escolha do *corpus* baseou-se em critérios que verificaram se a forma de organização das porções textuais estava adequada ao gênero Resposta Argumentativa, na resposta dada pelos vestibulandos à pergunta feita. Essa adequação da resposta dizia respeito à argumentação desenvolvida. Na análise descrevemos as relações que ocorrem a partir das relações da superestrutura e vão até a microestrutura, uma vez que as relações retóricas permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações (MANN E THOMPSON, 2010). Além disso, descrevemos os meios linguísticos utilizados pelos produtores dos textos na marcação das relações. A análise da superestrutura textual mostrou que a maioria dos candidatos desenvolveu a afirmação inicial com a relação de evidência. O que justifica o grande número de ocorrências dessa relação é o fato de que o candidato tem como intenção aumentar a crença do leitor no conteúdo do núcleo quando utiliza essa relação (MANN E TABOADA, 2010). Ainda em relação à superestrutura textual, das 15 redações analisadas, 3 não apresentaram conclusão. Isso não comprometeu a superestrutura dos textos, uma vez que a conclusão não é obrigatória no gênero resposta argumentativa. No nível mais alto do interior da porção textual que compõe a afirmação inicial, a relação que foi encontrada com maior frequência foi a de contraste (26,6%). O que justifica essa frequência é o fato de que o próprio comando e os textos de apoio da prova levam o candidato a estabelecer contrastes: a maioria dos textos afirma que a internet traz benefícios se for utilizada da maneira correta, caso contrário, ela é nociva e pode prejudicar as pessoas. No nível mais alto do desenvolvimento das redações, a relação de lista foi identificada em 46,6% das relações encontradas nesse nível. O que justifica esse número de ocorrências dessa relação é a própria forma do gênero RA, já que o produtor do texto deve responder à pergunta, exemplificar e explicar sua resposta. Na relação de lista, o produtor apresenta elementos de mesmo estatuto de informação, ela é utilizada pelo candidato para exemplificar a afirmação inicial, ou elencar argumentos, que são desenvolvidos no nível seguinte. No nível mais alto do interior da porção textual que compõe a conclusão, a relação com maior frequência de ocorrência foi a de contraste, encontrada em 8 das 15 redações analisadas. Como a conclusão é uma reafirmação da afirmação inicial, era de se esperar que a relação encontrada com maior frequência no tópico também fosse identificada com maior frequência na conclusão. Consideramos também nessa pesquisa a microestrutura textual, aquelas relações que surgem entre as orações e colaboram para o desenvolvimento da argumentação nos textos argumentativos, uma vez que expandem ou acrescentam informações ao núcleo. Em cada um dos exemplos analisados, foi feita uma análise do meio de

expressão utilizado para marcar as relações retóricas. Essa análise comprovou que muitas vezes as relações são identificadas por critérios semânticos e pragmáticos, e não apenas por marcas formais, como afirmam Gómez-González e Taboada (2005).

**Palavras-chave:** estrutura retórica do texto (RST); superestrutura textual; microestrutura textual; gênero resposta argumentativa; expressão linguística das relações retóricas.

## ABSTRACT

According to the Rhetorical Structure Theory (RST), besides the explicit content conveyed by the sentences of a text, there are also implicit relations that emerge from the combination of different parts of the text and the arrangement among sentences. This study attempts to describe the occurrence of those relations, also called rhetorical relations, coherence relations, or relational propositions, in the superstructure of the argumentative response (AR) genre. The corpus of the texts analyzed was composed by 15 AR pieces of writing selected from the 2009 winter university entrance test applied at Maringá State University - Paraná, Brazil. For this particular writing the students had, based on a series of texts that had as the central theme "Addiction in the Internet", to answer the following question: "Is the Internet harmful?". The selection of this particular corpus was based on criteria that verified if the organization form of the different textual parts was adequate to the AR genre in the answer given by the candidates. The answers' adequacy was related to the argumentation developed. In the analysis, the relations that take place from the super to the microstructure are described, once the rhetorical relations permeate all the text, from the major parts to those relations established by just two sentences (MANN E THOMPSON, 2010). In addition to that, the linguistic means used by the writers in marking relations are also described. The textual superstructure analysis demonstrated that the majority of candidates developed the initial statement in relation to the evidence given. This relation high frequency may be explained by the fact that the candidate has the intention to increase the reader's belief in the content found in the core of the text (MANN E TABOADA, 2010). Still concerning the textual superstructure, from the 15 pieces of writing analyzed, three of them did not present a conclusion. This did not compromised the texts superstructure, since a conclusion is not mandatory in the AR genre. At the highest level of the textual part that composes the initial statement, the relation that was more often found was of contrast (26.6%). This frequency may be attributed to the fact that the command itself, and the supporting texts in the test, led the candidates to establish contrasts: most texts states that the Internet is beneficial if used correctly, otherwise it is may be harmful to people. At the highest level of writing development, the roll relations were identified in 46.6% of cases. This may be justified by the AR genre form itself, since the writer must answer the question, exemplifying and explaining it. In the roll relation, the writer presents elements of the standing information, which are used to exemplify the initial statement, or to list the arguments which are developed in the next level. At the highest level in the textual part that composes the conclusion, the relation with the greatest incidence was again of contrast, found in eight of the 15 writings analyzed. As the conclusion is a reaffirmation of the initial statement, it was no surprise that the relations most often found in the topic would also be the ones identified in the conclusion. The textual microstructure was also considered in this study. It refers to those relations that emerge among sentences and help to develop the argumentation in argumentative texts, since they expand or add information to the core of the text. In each of the samples analyzed, it was also performed an analysis of the means of expression used to mark the rhetorical relations. This analysis demonstrated that relations are very often identified by semantic and pragmatic



criteria, not just by formal marks, as stated by Gómez-González e Taboada (2005).

**Keywords:** Rhetorical Structure Theory (RST); textual superstructure; textual microstructure; argumentative response genre; linguistic expression of rhetorical relations.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1-	Relações núcleo- satélite.....	23
Figura 1.2-	Relações multinucleares.....	23
Figura 1.3-	Tipos de esquemas.....	23
Figura 1.4-	Diagrama da RA8.....	29
Figura 2.1-	Editor de relações.....	44
Figura 2.2-	Segmentação de textos.....	45
Figura 2.3-	Esquemas que representam as relações entre as porções de texto.....	46
Figura 3.1-	Superestrutura prototípica do gênero RA.....	48
Figura 3.2-	Superestrutura do gênero RA sem conclusão.....	49

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Frequência de ocorrência de relações utilizadas pelos candidatos no desenvolvimento da AFIRMAÇÃO INICIAL.....	49
Quadro 2-	Frequência de ocorrência das relações utilizadas na CONCLUSÃO.....	53
Quadro 3-	Frequência de ocorrência das relações utilizadas pelos candidatos no nível mais alto do interior da AFIRMAÇÃO INICIAL.....	56
Quadro 4-	Frequência de ocorrência das relações utilizadas no nível mais alto do interior da porção textual que compõe o DESENVOLVIMENTO.....	61
Quadro 5-	Frequência de ocorrência das relações no nível mais alto do interior da porção textual que compõe a CONCLUSÃO.....	67
Quadro 6-	Frequência de ocorrência das relações utilizadas a microestrutura da RA.....	71

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	17
1.1 O Funcionalismo .....	17
1.2 Teoria da Estrutura Retórica (RST) .....	21
1.3 Gêneros do discurso.....	31
1.3.1 O círculo de Bakhtin.....	31
1.3.2 Os gêneros do discurso .....	32
1.3.3 Gênero Resposta Argumentativa .....	34
1.4 Tópico frasal .....	36
CAPÍTULO 2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	40
2.1 Coleta e seleção do <i>corpus</i> .....	40
2.2 Parâmetros de análise .....	42
2.2.1 Frequência das relações utilizadas pelos candidatos para desenvolver a porção nuclear da superestrutura .....	42
2.2.2 Frequência das relações utilizadas pelos candidatos no interior da porção nuclear .....	43
2.2.3 Frequência das relações utilizadas no desenvolvimento da porção satélite .....	43
2.2.4 Como as relações são expressas linguisticamente .....	43
2.3 Ferramenta computacional utilizada na análise .....	43
CAPÍTULO 3- ANÁLISE DOS DADOS.....	47
3.1 Superestrutura utilizada pelos candidatos para produzir a resposta argumentativa.....	48

3.2 Relações utilizadas pelos candidatos na superestrutura da resposta argumentativa .....	49
3.2.1 Relações utilizadas pelos candidatos no desenvolvimento da afirmação inicial .....	49
3.2.2 Relações utilizadas pelos candidatos na conclusão.....	53
3.3 Relações utilizadas pelos candidatos no nível mais alto do interior da porção textual que compõe a afirmação inicial .....	56
3.4 Relações utilizadas pelos candidatos no nível mais alto do interior da porção textual que compõe o desenvolvimento .....	61
3.5 Relações utilizadas pelos candidatos no nível mais alto do interior da porção textual que compõe a conclusão .....	65
3.6 Relações utilizadas pelos candidatos na microestrutura da Resposta Argumentativa .....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	85
ANEXOS .....	89
Anexo A – Prova de redação do Vestibular de inverno 2009 da UEM....	90
Anexo B- Definições das Relações Retóricas .....	93
Anexo C- Diagramas das Redações .....	97
Anexo D- Redações .....	113

## INTRODUÇÃO

Antes da primeira metade do século XX, os estudos linguísticos privilegiavam os aspectos formais da língua e tinham a frase como nível máximo de análise. O surgimento de teorias que têm como objeto o estudo da língua em uso fez que o texto e o discurso passassem a ser considerados objetos de investigação da Linguística (KOCH, 1988). Dentre essas teorias que levam em conta fatores interacionais e pragmáticos em sua análise, considerando também as expressões linguísticas em seus contextos de uso, destacam-se as teorias funcionalistas.

Esta pesquisa está embasada no Funcionalismo, que tem como mais marcante característica o pressuposto de que a gramática é suscetível a pressões de uso, ou seja, o funcionalismo ocupa-se das funções dos meios linguísticos de expressão. Segundo Neves (2006), o Funcionalismo investiga os fins a que servem as unidades linguísticas. Nesta pesquisa, portanto, levaremos em conta fatores interacionais e pragmáticos nas análises dos enunciados.

Um grupo de linguistas formado por William Mann, Christian Matthiessen, Sandra Thompson, dentre outros desenvolveu uma teoria de cunho funcionalista que tem como finalidade investigar as relações retóricas (também chamadas proposições relacionais, relações discursivas ou relações de coerência) que se estabelecem entre partes do texto. Essa teoria é a chamada Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST). Os estudos baseados na RST buscam estudar a organização textual por meio das relações implícitas que são estabelecidas entre as partes do texto.

Este trabalho tem como objetivo principal descrever as relações retóricas que ocorrem na superestrutura do gênero resposta argumentativa. Para alcançar esse objetivo, é importante descrever as relações que ocorrem a partir dessas relações da superestrutura e vão até a microestrutura, uma vez que as relações retóricas permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações (MANN & THOMPSON, 1988). Além disso, é necessário descrever os meios linguísticos utilizados pelos produtores dos textos na marcação das relações. Para identificar as relações de acordo com a RST, o analista deve basear-se em critérios funcionais e semânticos, isso quer dizer que se deve considerar a função de cada porção

de texto, bem como dos meios linguísticos utilizados para relacionar essas porções e o modo como o texto produziu o efeito desejado pelo produtor do texto em seu receptor. Para Mann e Thompson (1988), uma vez que o analista não tem acesso direto ao produtor do texto, e por isso não pode ter certeza se a análise está correta, os julgamentos feitos por ele são de plausibilidade.

As relações deste estudo foram identificadas de acordo com duas questões apontadas por Gómez-González e Taboada (2005), as quais são relevantes na análise e identificação das relações: mostrar como as relações implícitas podem ser identificadas e como as relações marcadas formalmente podem ser interpretadas de maneira clara pelo analista.

Para que alcançássemos o objetivo principal, fizemos um levantamento de 15 redações do gênero Resposta Argumentativa, doravante RA, do Concurso Vestibular de Inverno 2009 da Universidade Estadual de Maringá. A escolha do *corpus* baseou-se em critérios que levaram em conta se a forma do gênero e a organização das porções textuais estavam adequadas.

Além de analisar as relações retóricas que atuam no desenvolvimento de textos argumentativos, buscamos descrever as marcas linguísticas que podem auxiliar na identificação das relações retóricas e apontar como elas podem auxiliar na distinção entre as relações.

A estrutura desta pesquisa foi definida da seguinte forma: introdução, capítulo I- fundamentação teórica, capítulo II- procedimentos metodológicos, capítulo III- análise do *corpus* e considerações finais.

No capítulo I, apresentamos as teorias que serviram de base para a pesquisa: teoria funcionalista, RST e teorias sobre gêneros textuais (principalmente os estudos de Bakhtin), uma vez que o *corpus* foi composto por redações do gênero RA. Além disso, foi feito também um breve estudo a respeito de tópico frasal, uma vez que ele será considerado o núcleo das respostas.

No capítulo II, apontamos os parâmetros de análise do *corpus* e os procedimentos metodológicos utilizados em cada parte do capítulo de análise.

O capítulo III, trata das análises dos dados quantificados, bem como da presença, ou ausência, de marcas formais que auxiliam na identificação das relações responsáveis pelo desenvolvimento da argumentação e pelo estabelecimento de coerência textual nas redações. As análises realizadas se

baseiam na frequência de ocorrência das relações utilizadas para desenvolver a porção nuclear da superestrutura, frequência de ocorrência das relações utilizadas no interior da porção nuclear, frequência de ocorrência das relações utilizadas no desenvolvimento da porção satélite e como essas relações são expressas linguisticamente.

A última parte do trabalho aponta as conclusões às quais chegamos após a análise do *corpus*.

O que justifica a realização deste estudo é o fato de que a descrição dessas relações pode auxiliar o desenvolvimento de pesquisas de ensino de escrita, além de auxiliar o próprio professor a perceber e mostrar para seu aluno como as relações entre as partes do texto são importantes para produzir uma redação bem elaborada.



## CAPÍTULO 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo é dividido em três partes e apresenta os aspectos teóricos nos quais se fundamenta esta pesquisa. A primeira traz os pressupostos básicos do Funcionalismo, modelo teórico-metodológico no qual se baseia o trabalho. Logo em seguida, são expostos os principais pressupostos da Teoria da Estrutura Retórica, utilizada para a análise do *corpus*. Um breve estudo a respeito de tópico frasal também fará parte deste capítulo, uma vez que o tópico será considerado o núcleo das respostas nas análises. Por fim, uma apresentação sobre os gêneros textuais fundamentada em Bakhtin encerra as considerações teóricas necessárias para a realização desta pesquisa.

### 1.1 O Funcionalismo

Os estudos de base funcionalista buscam analisar como os usuários de uma determinada língua se comunicam de maneira eficiente, por isso, em uma análise funcionalista, o que se deve levar em conta é a *competência comunicativa do falante* (DIK, 1989), termo cunhado por Dell Hymes. Segundo Hymes (1974), competência comunicativa é a capacidade que os indivíduos têm de interagir; ou seja, não basta codificar e decodificar expressões, mas também usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Os funcionalistas têm como objeto de estudo a própria língua em uso; ou seja, para o Funcionalismo, o conceito de comunicação não se restringe à codificação e à transmissão de informação, mas compreende todos os fatores envolvidos no evento de fala (BUTLER,2003). Assim, o discurso e as relações contextuais são importantes nas teorias de cunho funcional, já que a comunicação não acontece por meio de frases soltas, e sim de um “discurso multiproposicional” que é organizado nas diversas formas de interação entre as pessoas e remete ao que Bakhtin (2003) aponta como gêneros do discurso.

Dik (1989) trata das regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que, segundo ele, comandam a constituição da expressão linguística. Elas são vistas como instrumentos de um outro tipo de regras, as pragmáticas, que constituem os padrões de interação verbal nos quais esses elementos linguísticos são utilizados. Dessa forma, para o autor, o foco do Funcionalismo é a interação verbal entre os falantes. Assim, sob um ponto de

vista funcionalista, as expressões linguísticas não são estudadas isoladamente, mas são considerados os propósitos, as intenções do falante que constitui os enunciados no contexto em que ocorreram (ANTONIO, 2009).

Em uma análise funcionalista, os enunciados e os textos são relacionados às funções que desempenham na comunicação interpessoal. A intenção é explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que ocorre esse uso (FURTADO DA CUNHA, 2009). São apontadas por Furtado da Cunha duas propostas básicas de análise:

- i) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si, ou seja, deve-se levar em conta o fator pragmático, a intenção que o usuário tem ao produzir determinado enunciado. Assim as expressões linguísticas não são objetos isolados, mas fazem parte de estratégias utilizadas pelo falante para cumprir seu objetivo na comunicação. Esse processo de interação verbal é guiado por regras, nem sempre muito explícitas, tais como: a quantidade de informação do falante e do ouvinte e as informações prévias e suficientes para a compreensão de ambos.
- ii) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico, isso quer dizer que os enunciados são produzidos de acordo com o contexto em que são utilizados e as intenções do produtor do discurso.

Dessa forma, percebemos que a análise funcionalista não se limita a analisar um determinado elemento sem considerar a função que ele exerce em relação ao sistema linguístico e aos seus diferentes contextos de uso. Por isso, Furtado da Cunha (2009) observa que a língua não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, ela reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas.

O Funcionalismo teve seu início na Escola de Praga, em 1926, trazendo ideias que se opunham ao Formalismo e ao Estruturalismo. Foi na Escola Linguística de Praga que, segundo Neves (1997), surgiram os termos funcional e funcionalista e estabeleceu-se o que chamamos de *funções da linguagem*.

A proposta inicial de Bühler (1879-1963) identificou três funções da linguagem, a de representação, a de exteriorização linguística e a de apelo. Dessa forma, ele reconhece que em cada evento de fala são necessários três elementos: um *emissor* que informa um *receptor* sobre *algo*.

As funções de Bühler são tomadas como ponto de partida para diversos estudiosos que estabelecem proposições de funções da linguagem, entre eles os mais conhecidos são Jakobson (1969) e Halliday (1973).

Roman Jakobson propõe seis funções da linguagem, considerando os elementos do processo comunicativo, são elas: contexto (função referencial); remetente (função emotiva); destinatário (função conativa); contato (função fática); código (função metalinguística) e mensagem (função poética). Para o autor, os enunciados apresentam mais de uma função de linguagem, que está presente em todo ato linguístico.

Ao propor suas metafunções<sup>1</sup>, Michael Halliday considera o papel que a linguagem possui ao ser utilizada pelos falantes em suas experiências. Dessa forma, como aponta Neves (1994), para o autor, a linguagem serve primeiramente à expressão do conteúdo, é o que ele chama de *função ideacional*. Essa metafunção corresponde não só à experiência de linguagem dos falantes, mas também às relações lógicas estabelecidas por eles, uma vez que é por essa função que o falante/ouvinte organiza e incorpora na língua suas experiências dos fenômenos do mundo interno e externo, “da sua própria consciência como suas reações, cognições, percepções, bem como seus atos linguísticos de falar e de entender” (NEVES, 1997, p.13). É uma metafunção que envolve o cognitivo, a expressão do conteúdo de cada falante.

Halliday também trata da *função interpessoal*, uma vez que a linguagem é utilizada como um meio de interação verbal. Por isso, para Neves, essa função exerce o importante papel de estabelecer e manter os papéis sociais que são inerentes à linguagem humana. Na *função interpessoal*, o que se leva em conta é a interação entre os interlocutores, o falante usa a linguagem para participar do evento de fala. Por meio dela o falante expressa suas atitudes, julgamentos

---

<sup>1</sup> Segundo Matthiessen & Halliday (1997, p.10), entendemos por metafunções os diferentes modos de sentido construídos pela gramática.

personais e as relações que estabelece entre si próprio e o interlocutor; ele faz isso por meio de sistemas gramaticais.

Halliday ainda aponta uma terceira metafunção, a *textual*, que está envolvida na criação do texto, na organização do discurso. É essa função que contextualiza as unidades linguísticas, fazendo-as operar no contexto e na situação de uso, uma vez que o discurso só acontece porque o emissor pode produzir um texto e o leitor pode reconhecê-lo. A função textual não se limita apenas ao estabelecimento de relações entre as frases; ela trata de sua organização interna, do seu significado como mensagem, tanto em si mesma como na sua relação com o texto.

Atualmente, as correntes funcionalistas são divididas em três vertentes, segundo Nichols (1984) e Du Bois (1985). São elas: a corrente conservadora, que acrescenta princípios funcionais à análise formalista padrão, sendo, dessa forma, uma extensão, e não uma alternativa às teorias formalistas; a moderada que, segundo Van Valin (2002), além de rejeitar os princípios formalistas, propõe um modelo alternativo no qual a estrutura gramatical é influenciada pela semântica e pela pragmática, explorando a relação estrutura/função na linguagem; o Funcionalismo extremado, por sua vez, nega a existência de uma estrutura linguística (NEVES, 1997) e considera que a gramática é fortemente influenciada pelo discurso.

Halliday (1985) aponta que o Funcionalismo leva em conta enunciados efetivamente realizados e, por isso, podemos afirmar que o modelo funcionalista é sistêmico, ou seja, o falante tem várias opções de expressões linguísticas e escolhe entre elas aquelas que melhor satisfaçam suas intenções comunicativas. A tarefa do Funcionalismo, segundo ele, é descobrir quais são os fatores que influenciam as opções que se tornam padrões de uso.

Segundo Halliday (1985), uma análise linguística de cunho funcionalista tem como finalidade, no nível textual, permitir que se explique como e por que o texto diz o que diz, além de explicar por que um texto produz ou não os resultados pretendidos por seu produtor, já que considera o modo como as expressões linguísticas de um texto se relacionam com seu contexto.

Dentre as várias teorias funcionalistas, escolhemos para dar suporte a esta pesquisa a Teoria da Estrutura Retórica, que será objeto da próxima seção.

## 1.2 TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA (RST)

Segundo Taboada (2009), a construção de um discurso é feita por partes de textos que são “costuradas”, como se fossem “peças” que se relacionam com outras “peças”. Se essas peças não forem bem “costuradas”, a coesão do texto fica comprometida, assim como a coerência do discurso.

A *Rhetorical Structure Theory*, doravante RST, é uma teoria descritiva que tem como foco o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre suas partes (MANN & THOMPSON, 1988). Para os pesquisadores da RST, existem proposições implícitas que emergem dessas relações, além do conteúdo proposicional explícito veiculado por seu produtor. São as chamadas *proposições relacionais*, que podem emergir entre porções de textos ou entre duas orações e são responsáveis por estabelecer a coesão textual. As relações retóricas podem atuar tanto na macro quanto na micro estrutura textual que, para Van Dijk (1992), são, respectivamente, a informação semântica que fornece unidade global ao discurso, ou seja, segmentos maiores do discurso, e as relações entre sentenças ou proposições, pares, conexões lineares entre elementos em uma sequência, as porções menores do discurso. Por isso, Mann e Thompson (1983) afirmam que o fenômeno das proposições relacionais é *combinacional*, definido no âmbito textual, ou seja, é resultante da combinação de partes do texto.

As proposições relacionais surgem da combinação de orações e não precisam de um sinal específico para existir. Isso significa que não há necessidade de marcas linguísticas para se estabelecer as relações retóricas (como as conjunções, preposições, locuções conjuntivas etc).

Segundo Taboada (2009), essas relações podem ser identificadas com base no conhecimento de mundo que o leitor tem, às vezes são esses conhecimentos que garantem coerência ao texto. A autora afirma que algumas relações não são claras, ficam implícitas, como no caso das implicaturas, e outras são marcadas por sinais, como sintagmas ou construções, que nos levam a identificá-las.

De acordo com os pressupostos da RST, os textos são formados por grupos organizados de orações que se relacionam de várias maneiras entre si. O que serve de base para explicar essa organização estabelecida entre as orações são a intenção comunicativa do enunciador e a avaliação que ele faz

do enunciatório. Isso reflete suas escolhas para organizar e apresentar conceitos.

A RST trabalha com quatro tipos de mecanismos: relações, esquemas, aplicações dos esquemas e estruturas.

As *relações* marcam as condições que ligam duas partes de um texto. Mann e Thompson (1987) estabeleceram uma lista com aproximadamente 25 relações após analisarem centenas de textos utilizando a RST<sup>2</sup>. Essa lista apresenta um grupo de relações suficientes para descrever a maioria dos textos, mas não é fechada e, nesta pesquisa, utilizaremos outras relações, já definidas por outros pesquisadores, que vão além do rol de relações clássicas da RST. Para se estabelecer a definição de uma relação, é necessário que se avaliem quatro condições: a) restrições sobre o núcleo; b) restrições sobre o satélite; c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; d) efeito.

As funções gerais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos:

a) as funções que tratam do *assunto* têm como finalidade fazer que o enunciatório reconheça a relação em questão. São elas: elaboração, circunstância; solução, causa volitiva, resultado volitivo, causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, sequência e contraste.

b) as funções que tratam da *apresentação* da relação têm como função aumentar a vontade do enunciatório de agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar, acreditar, aceitar o conteúdo do núcleo, ou seja, seu objetivo é convencer o enunciatório de algo. São elas: motivação, antítese, background, competência, evidência, justificativa, concessão e preparação.

Quanto à organização, as relações são divididas em dois grupos:

- Relações núcleo-satélite: Nesse tipo de relação uma porção do texto, o satélite, é dependente de outra porção de texto, o núcleo, que, por sua vez, é considerado mais central para as intenções do produtor do texto. O satélite acrescenta informações a respeito do núcleo (fig. 1.1);

---

<sup>2</sup> As relações clássicas podem ser encontradas no site: <http://www.sfu.ca/rst/>



Figura 1.1- Relações núcleo-satélite

- Relações multinucleares: Nesse tipo de relação cada porção do texto é um núcleo distinto, uma não serve de base para outra (fig 1.2).



Figura 1.2- Relações multinucleares

Os *esquemas* são padrões pré-definidos que especificam de que modo porções do texto se relacionam para formar porções maiores ou o texto todo. Na figura 1.3, podem-se observar os quatro tipos de esquemas possíveis na RST, acompanhados das relações que exemplificam esses esquemas.

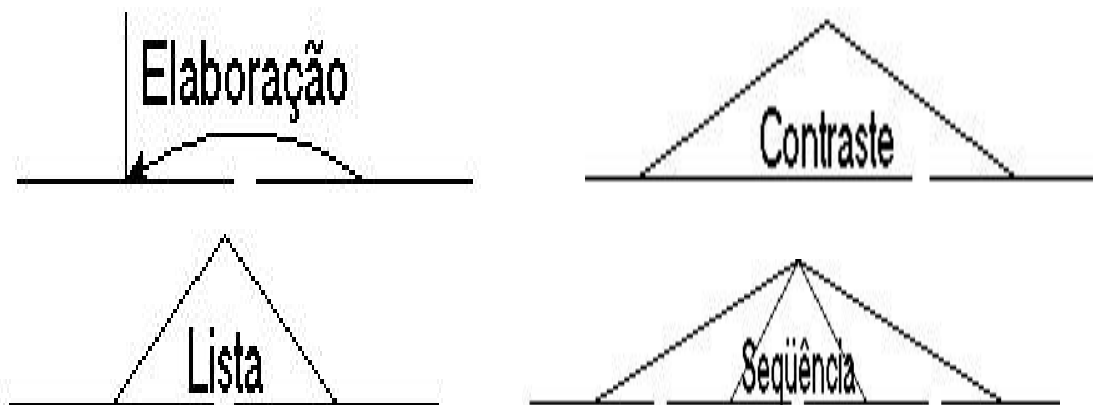


Figura 1.3- Tipos de esquemas

As curvas, que apresenamos na fig.1.1 e no diagrama da relação de elaboração, servem para representar as relações estabelecidas, as linhas horizontais marcam porções de textos e as verticais, os núcleos. Existem

algumas relações com apenas um núcleo (a maioria delas), e outras com mais de um núcleo, como a de contraste (com dois núcleos), a de lista (com vários núcleos) e a de sequência.

Existem três convenções que devem ser aplicadas para se determinar os esquemas:

- (i) a ordem em que o núcleo e o satélite aparecem não é fixa;
- (ii) as relações individuais nos esquemas multirrelacionais são opcionais, mas pelo menos uma das relações deve ser estabelecida;
- (iii) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes ela for necessária na aplicação do esquema.

A *estrutura* é representada por um diagrama arbóreo e é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre as porções do texto sucessivamente maiores. Tomemos como exemplo a figura a seguir (fig.1.4), que faz parte do corpus desta pesquisa. <sup>3</sup>Trata-se do esquema de uma redação do gênero RA, cuja finalidade é responder uma pergunta com argumentos que convençam o leitor. Na prova que será analisada nesta pesquisa, a pergunta é “a internet é nociva?”. A primeira parte da estrutura (1-4 página 26) é o que vamos chamar de tópico, parte na qual o candidato ao vestibular responde a pergunta:



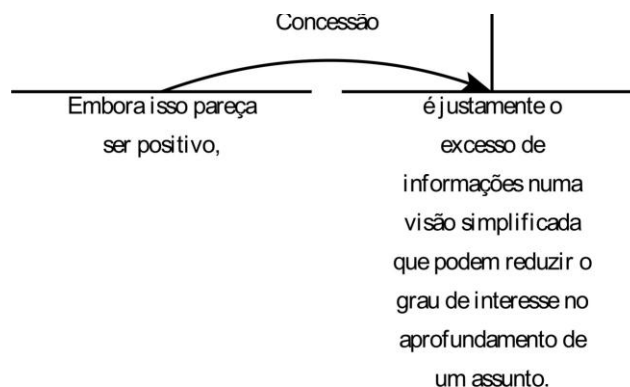
#### E1.1- RA8

Nesse caso, o candidato respondeu que ela pode ser nociva, para explicar o porquê de sua afirmação, utilizou uma relação de causa, que foi marcada com a locução conjuntiva “à medida que”. O candidato apresentou um lado positivo (“à medida que traz uma gama de informações em poucos

<sup>3</sup> Optamos por colocar a estrutura inteira neste exemplo para que se visualize de maneira clara como serão feitas as análises.



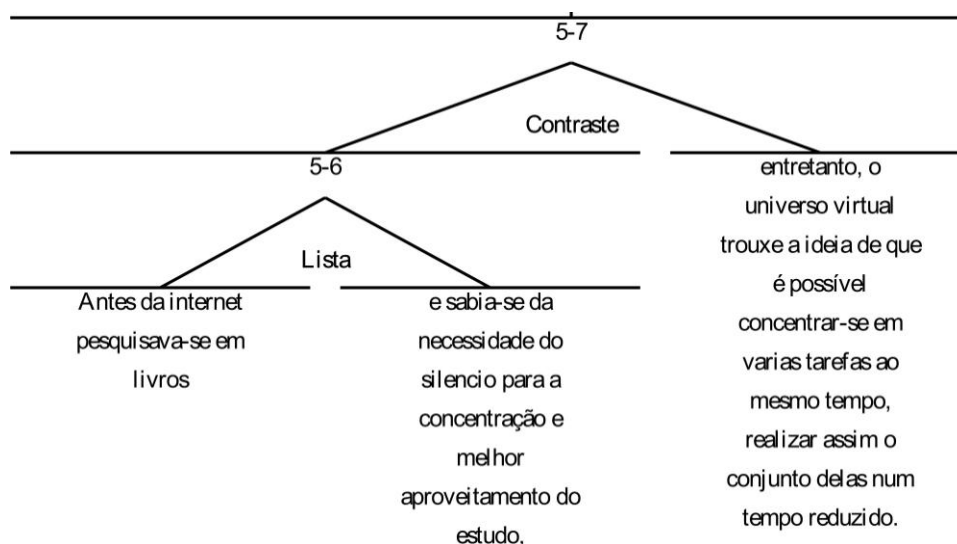
*minutos de busca*”), para, em seguida, estabelecer uma relação de **concessão**, marcada pelo conectivo “embora”:



#### E1.2- RA8

A relação de **concessão** implica uma quebra de expectativa, o núcleo cria uma expectativa no leitor, e essa expectativa não se concretiza no satélite (MANN E TABOADA, 2010). Apresentamos no exemplo uma relação de **concessão** que não foi marcada por conectivo algum, mas pode ser compreendida pelo leitor, ou seja, o candidato explicou que é bom ter acesso a muitas informações e em pouco tempo, porém essas informações costumam chegar de maneira simplificada e acabam reduzindo o “*grau de interesse no aprofundamento de um assunto*”.

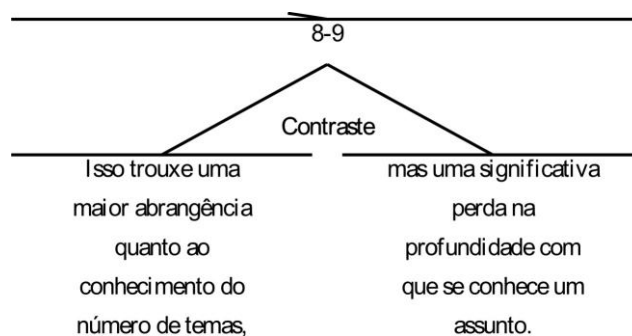
No desenvolvimento da redação, o candidato optou por utilizar uma relação de **evidência** na superestrutura:



#### E1.3- RA8

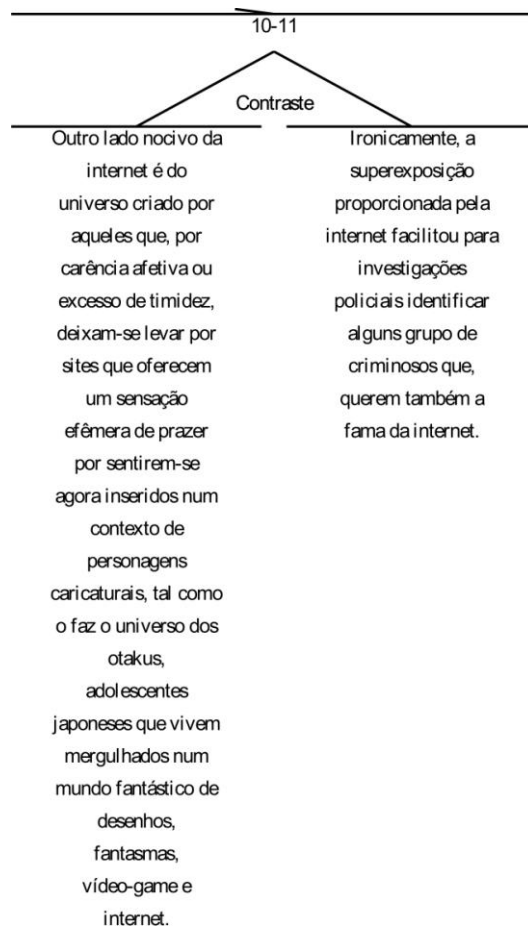
Na porção textual que compõe o **DESENVOLVIMENTO** da redação estabeleceu-se uma relação de **evidência**. Nessa relação, o autor utilizou uma

**lista** composta por dois exemplos de como a internet pode ser nociva. Primeiramente, ele afirmou que antes da internet as pessoas utilizavam mais os livros e se concentravam melhor. Nesse ponto, estabelece-se uma pequena **lista**, marcada pelo conectivo “e”. Em seguida, pode-se observar uma relação de **contraste**, marcada pelo conectivo “*entretanto*”, dessa forma o candidato apontou que as pessoas aprenderam a buscar conhecimento de outra forma (utilizando a internet), e começaram a se concentrar em várias tarefas ao mesmo tempo. Ainda nessa primeira relação de **lista**, estabelece-se uma relação de **resultado** para mostrar o que acontece por causa dessa mudança na forma de buscar informações, nessa relação de **resultado**, ainda se estabeleceu uma relação de **contraste** que marcou um ponto positivo e um negativo de se usar a internet.



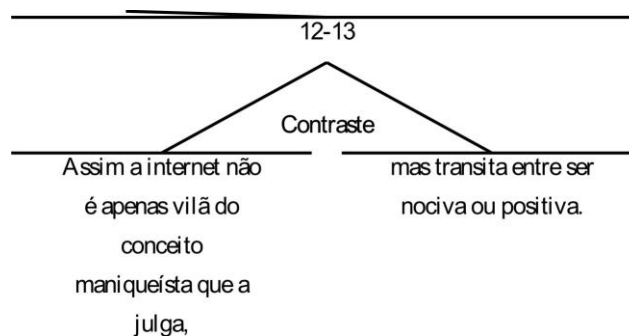
#### E1.4- RA8

Na segunda relação de **lista** apresentada no texto (E1.5), emerge uma relação de **contraste** na qual aponta-se que muitas pessoas, por excesso de timidez ou carência afetiva, acabam vivendo no mundo virtual. A outra porção que evidencia o **contraste** não é marcada por um conectivo, mas mostra que a superexposição que a internet proporciona facilita a vida dos policiais em algumas investigações, uma vez que alguns grupos de criminosos também querem se expor, desejam a “fama” que a internet pode proporcionar.



E1.5- RA8

A porção textual que compõe a CONCLUSÃO desse texto foi marcada com o item “*assim*”. O candidato estabeleceu uma relação de **contraste**, explicitada pela conjunção “*mas*”. Essa relação foi utilizada para mostrar que a internet não é só boa ou má, mas tem pontos positivos e negativos. Dessa forma (utilizando o *assim*), o candidato retomou o que foi dito na afirmação inicial.



E1.6- RA8

Como pudemos observar em algumas partes da redação analisada, as relações nem sempre são marcadas linguisticamente, mas estão presentes no

texto e atuam tanto na super quanto na macroestrutura textual. Com o diagrama a seguir podemos visualizá-las detalhadamente na redação do candidato (fig 1.4).



Figura 1.4- Diagrama da RA8

Para identificar essas relações, o analista baseia-se em julgamentos funcionais e semânticos, que têm como objetivo identificar a função de cada parte do texto e verificar como é produzido o efeito desejado em seu possível receptor. O julgamento feito pelo analista é baseado em princípios de plausibilidade, uma vez que ele tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido, das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, porém não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos possíveis receptores, por isso ele não pode afirmar que a análise está correta, pode apenas sugerir uma análise plausível (Mann & Thompson, 1988).

Segundo Taboada (2009), a coerência de um texto é estabelecida pela relação que o leitor faz entre o texto e o *contexto*, ou seja, as relações são estabelecidas entre a “peça atual”, o texto que se tem em mãos, e a situação em que ele foi criado. A autora ainda afirma que todas as relações retóricas podem ser marcadas, mas não precisam disso para serem interpretadas. O que o analista deve considerar é a intenção do criador do texto, ou o que ele julga ser sua intenção. Muitas relações são definidas de acordo com o efeito que causam, como aconteceu no exemplo da Fig.1.4, em que o candidato apresentou uma relação de contraste (10-11) e não marcou essa relação com um conectivo ou algum outro tipo de expressão, mas é possível identificar essa relação por meio de outros critérios.

Sanders, Spooren e Noordman (1992) afirmam que a coerência é estabelecida por aspectos que vão além do linguístico, são de natureza cognitiva, por isso a representação da coerência de um discurso não é determinada somente por marcas formais. Os autores apontam que existem duas formas de se estabelecer coerência em um texto. A primeira é chamada por eles de *referencial* ou *continuidade tópica* e está relacionada com a parte semântica do texto, com o assunto. A segunda forma de se estabelecer coerência é entre partes do discurso, segmentos do texto. Esses autores apontam que, na literatura, existem vários nomes atribuídos a essas relações estabelecidas entre partes do texto e conferem coerência ao discurso: predicados retóricos (*rhetorical predicates*; Grimes, 1975; Meyer, 1975); relações retóricas (*rhetorical relations*; Grosz & Sidner, 1986); proposições relacionais (*relational propositions*; Mann & Thompson, 1986); e relações de

coerência (*coherence relations*; Hobbs, 1979, 1983, 1985). Para Sanders, Spooren e Noordman a característica principal dessas relações é estabelecer coerência nas representações que eles chamam de cognitivas.

Como foi mencionado no item anterior, a teoria na qual se fundamenta o trabalho é a RST. No entanto, para que esta pesquisa atinja os objetivos propostos, é necessário que também se busque respaldo teórico nos estudos Bakhtinianos a respeito dos gêneros textuais, uma vez que os textos que compõem o *corpus* desta investigação são redações produzidas para um vestibular orientado pela teoria dos gêneros.

### 1.3 GÊNEROS DO DISCURSO

#### 1.3.1 O CÍRCULO DE BAKHTIN

Mikhail Bakhtin dedicou sua vida a definir noções, conceitos e categorias de análise de linguagem com base em discursos do cotidiano, artísticos, filosóficos, científicos e institucionais. Foi um dos mais conceituados pensadores de um grupo que produziu um grande material teórico acerca das formas de estudar linguagem, literatura e arte. Esse grupo incluía Valentin Voloshinov (1936- 1985) e Pavel Medvedev (1938- 1981).

O grupo ficou conhecido como círculo de Bakhtin e concebia a linguagem como um processo de interação que era mediado pelo diálogo. Para eles, a língua materna, seu vocabulário e sua estrutura não eram conhecidos pelos manuais de gramática ou dicionários, mas sim pelos enunciados concretos, que ouvimos e reproduzimos na interação que temos com as pessoas, ou seja, na comunicação efetiva do dia-a-dia.

Para esses autores, a língua só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela nas diversas situações de comunicação. O sujeito é agente das relações sociais, é responsável pela composição e pelo estilo do discurso e se vale do conhecimento de enunciados anteriores para formular seus enunciados, que são sempre moldados por ele para se adaptar ao seu contexto social, histórico, ideológico e cultural. Braith (2009) afirma que essa “adaptação” acontece porque, caso contrário, o sujeito não seria compreendido.

Os estudiosos do círculo de Bakhtin afirmavam que a relação de comunicação entre os sujeitos é dialógica, ou seja, os envolvidos no ato de

comunicação esperam responsividade do outro. Assim, a interação por meio da linguagem se dá em um contexto em que todos participam em condição de igualdade. Aquele que enuncia seleciona palavras apropriadas para formular uma mensagem compreensível para seus destinatários, pois dessa forma terá uma resposta.

Foi Bakhtin quem começou a realizar a classificação dos gêneros quanto às esferas de uso da linguagem (gêneros primários e secundários, dos quais trataremos adiante). Ele definiu que em cada uma dessas esferas existem vários gêneros apropriados, que determinarão o estilo da mensagem de acordo com o contexto em que ela se insere.

Os estudos do Círculo são de extrema importância para o desenvolvimento dos estudos atuais acerca das produções textuais. Uma vez que o *corpus* desta pesquisa é constituído por redações que fazem parte de um determinado gênero textual, esse breve estudo a respeito do círculo de Bakhtin é bastante relevante para o desenvolvimento da pesquisa.

### 1.3.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Os gêneros organizam nosso discurso assim como são organizados pelas formas gramaticais. Aprendemos a moldar nosso discurso em gêneros e sabemos qual é o gênero do discurso alheio nas primeiras palavras, adivinhamos uma determinada construção composicional, conseguimos prever seu fim, ou seja, nós temos a sensação do conjunto do discurso e de suas diferenças nos processos de fala. Segundo Bakhtin (2003), se os gêneros não existissem, a comunicação discursiva seria quase impossível.

Para Bakhtin (2003), os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, por isso o caráter e as formas desse uso são tão multiformes quanto os campos da atividade humana, ou seja, o ser humano em quaisquer de suas atividades servir-se-á da língua e, a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os enunciados linguísticos realizar-se-ão de maneiras diversas. Bakhtin chama essas diferentes formas de incidência dos enunciados de gêneros do discurso.

O emprego da língua acontece em forma de enunciados concretos e únicos, que podem ser orais ou escritos e são produzidos por sujeitos pertencentes a diferentes campos da atividade humana. Eles refletem as



condições específicas e as finalidades de cada campo pelo conteúdo, estilo da linguagem e composição. Esses três elementos são determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação e estão ligados entre eles.

Esses três elementos- o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional- estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003. P.262)

Bakhtin afirma que os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis e normativos que estão vinculados a situações típicas da comunicação social. Sendo assim, é o uso que faz o gênero. Sabemos que cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização tem sua especificidade. Cada situação pede um tipo de enunciado diferente, e nós identificamos essa necessidade de adaptar os discursos. Conseguimos perceber que o texto de uma propaganda, por exemplo, é diferente do texto de uma carta de reclamação, comunicamo-nos de formas variadas, adaptando a estrutura do texto e a linguagem utilizada de acordo com as necessidades de cada contexto pré-estabelecido, mas mantendo nosso estilo particular.

Ora, se o autor conceitua os gêneros como tipos de *enunciados* relativamente estáveis, cabe aqui tecer comentários a respeito do que o círculo bakhtiniano entendia por enunciado. Bakhtin afirma que enunciados são unidades concretas e reais da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos das diversas esferas da comunicação humana. Cada enunciado é um novo acontecimento; ele não se repete, mas pode ser citado. Isso porque, nesse caso, ele será um novo acontecimento, já que estará em outro momento; ele representa apenas um elo na cadeia discursiva e contínua da comunicação discursiva, mantendo relações dialógicas com outros enunciados, ou seja, nasce de um enunciado e é base para o surgimento de outros.

O estudo da natureza do enunciado e de sua heterogeneidade é de suma importância para grande parte dos campos da linguística e da filologia, afinal, todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto opera

inevitavelmente em enunciados concretos relacionados aos diversos campos da atividade humana e da comunicação.

O que é necessário para classificar os gêneros é avaliar suas condições de produção, circulação e recepção. É de fundamental importância enxergá-los como um produto social e, por isso, heterogêneo e propenso a mudanças. Bakhtin aponta três elementos principais que devem nos fundamentar para verificar o gênero a que pertence determinado enunciado. São eles: conteúdo temático, plano composicional e estilo.

O conteúdo temático trata do assunto que será abordado no enunciado em questão, é o assunto da mensagem que será transmitida. O plano da composição diz respeito à estrutura formal da mensagem. O estilo, por fim, leva em conta questões do próprio sujeito produtor do discurso, questões individuais de seleção e opção, tais como: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais, entre outras.

### 1.3.3 GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA

O gênero Resposta Argumentativa ocorre na esfera escolar/acadêmica e faz parte de um processo de avaliação. Sendo assim, o que o produtor do texto leva em consideração ao produzir o gênero é, justamente, a avaliação. Por isso o cumprimento dos objetivos estabelecidos pelo comando é de extrema importância para o produtor do texto. Para que o candidato possa cumprir o comando, é necessário entender o que o enunciado pede.

Garcia (1985) afirma que a argumentação tem como propósito principal convencer, persuadir ou influenciar o leitor. Isso faz parte do gênero resposta argumentativa, o produtor do texto deve se basear nos textos de apoio (no caso do concurso e vestibular da UEM) para formular sua argumentação e convencer o leitor (a banca de avaliação de redações do vestibular). Na argumentação não basta expor as ideias, é necessário que o produtor do texto influencie na formação da opinião do leitor mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

Dois elementos são apontados por Garcia (1985) como principais na construção da argumentação. São eles:

- i. a consistência do raciocínio: para o autor, a legítima argumentação deve ser construtiva em sua finalidade; não deve ser vazia de sentido nem ausente de senso comum;
- ii. a evidência das provas: o autor remete a Descartes para definir o que é evidência. Segundo Garcia, a evidência é a certeza manifesta, a certeza a que se chega pelo raciocínio ou pela apresentação dos fatos, independentemente de qualquer teoria. São cinco as maneiras mais comuns de evidenciar um fato para sustentar a argumentação: **os fatos** mostram o que aconteceu realmente, têm um sentido bastante amplo e costumam designar a própria evidência; **os exemplos** são fatos típicos ou representativos de determinada situação; **as ilustrações** são um prolongamento dos exemplos em narrativa detalhada e entremeada de descrições; **os dados estatísticos** são fatos específicos que têm um grande valor de convicção e constituem quase sempre uma prova ou evidência incontestável; por fim, **o testemunho**, que é um fato trazido à tona por intermédio de terceiros.

Para que se formule uma resposta argumentativa, portanto, é necessário que o candidato compreenda o enunciado e argumente, convença o leitor de seu ponto de vista. Para isso ele precisa apresentar um raciocínio consistente e evidenciar provas que sustentem seus argumentos.

Menegassi (2010) propõe que a resposta argumentativa seja realizada em etapas. A primeira consiste em levantar as informações principais dos textos de apoio, pois isso auxilia na compreensão da coletânea. Em seguida, deve-se escolher as informações mais relevantes para apresentar no texto de resposta, aquelas informações que sustentarão melhor a argumentação. Outro ponto de extrema importância, que deve ser realizado na sequência, é apresentar a afirmação inicial (tomaremos aqui como afirmação inicial, o tópico frasal, que será abordado no próximo item da pesquisa). Por fim, Menegassi afirma que o autor do texto deve apresentar argumentos que sustentem a afirmação inicial proposta.

A argumentação desenvolve-se em função de um destinatário, que influencia direta ou indiretamente na evolução dos argumentos propostos, ou seja, o produtor do texto desenvolve sua argumentação de acordo com o

público que ele quer atingir. Isso envolve desde a adequação da linguagem até a escolha dos exemplos que reforçarão a argumentação. No concurso vestibular da UEM, os candidatos devem se basear nos textos de apoio para formular suas argumentações e levar em consideração que serão avaliados por uma banca de professores.

Em suma, pode-se afirmar que, ao produzir uma resposta argumentativa, o autor do texto tem como objetivo responder uma pergunta, convencendo o leitor de seu ponto de vista. Para isso, ele deve retomar a pergunta, responder o que foi pedido e convencer a banca de que seu texto está correto e de que seu ponto de vista corresponde às expectativas dos avaliadores, apontando as melhores evidências para sustentar a afirmação inicial apresentada na resposta.

Este breve estudo sobre Círculo de Bakhtin, gêneros do discurso e resposta argumentativa fez-se necessário porque utilizamos, neste trabalho, um *corpus* composto por redações pautadas no gênero Resposta Argumentativa. A seguir, realizar-se-á um breve estudo a respeito do tópico frasal, segundo os pressupostos de Garcia (1985). O conceito de tópico frasal será tomado por nós como a afirmação inicial, a resposta propriamente dita, que serve como base para a produção do gênero resposta argumentativa.

#### 1.4 TÓPICO FRASAL

Garcia (1985) afirma que o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período em que se desenvolve determinada *ideia central*, ou *nuclear*, à qual se agregam outras, que são *secundárias*, e intimamente ligadas à central. Essa definição é de um parágrafo considerado ideal. Podem existir, entretanto, outros tipos de parágrafos. A estruturação dependerá da natureza e da complexidade do assunto que será tratado, além da competência do autor e do tipo de público que se quer atingir.

O parágrafo é marcado por um ligeiro afastamento da margem esquerda da folha. Essa estrutura torna mais fácil para o escritor a tarefa de isolar e ajustar as ideias principais do texto. Além disso, ajuda o leitor a acompanhar os diferentes estágios do desenvolvimento do texto.

Uma vez que o texto é um conjunto de ideias associadas, cada parágrafo deve corresponder a uma ideia, por isso sua extensão varia tanto

quanto sua estrutura. O importante é que o autor saiba organizá-las em parágrafos, que saiba desdobrar as mais complexas em mais de um parágrafo, e, principalmente, deve saber organizar as informações secundárias em torno do núcleo, da ideia central.

Segundo Garcia (1985), o parágrafo-padrão – aquele que possui a estrutura mais comum e mais eficiente – é formado por duas ou, eventualmente, três partes. São elas: a *INTRODUÇÃO*, que é formada por um ou dois períodos curtos em que se expressa de maneira sucinta o *tópico frasal*, ou ideia-núcleo; o *DESENVOLVIMENTO*, que é a explanação do tópico frasal; e a *CONCLUSÃO*, que pode não aparecer nos parágrafos mais curtos em que o tópico frasal não apresenta maior complexidade.

O *tópico frasal* é composto de um ou dois períodos curtos e marca de modo geral o assunto do parágrafo, sua ideia-núcleo. Como podemos observar no exemplo a seguir da RA3.

#### E1.4.1

A internet pode ser considerada nociva devido a vários aspectos. Pessoas que passam horas em frente ao computador, deixam de se relacionar com outras pessoas pessoalmente, e passam a ter contato apenas por e-mails e mensagens instantâneas em sites de relacionamento, isso pode trazer problemas futuros devido a falta, digo, dificuldade de socialização que a pessoa poderá desenvolver. [...]RA3

No E1.4.1 o que está sendo considerado como tópico é o grifo, que corresponde à resposta da pergunta que norteia a produção da redação (a internet é nociva?). É essa resposta que deve “guiar” o texto todo.

Todavia, nem todos os parágrafos apresentam essa característica; algumas vezes a ideia-núcleo fica *diluída* no texto. Nesse caso, o parágrafo é composto apenas pelo desenvolvimento (detalhes, exemplos, fatos específicos) e constituído de tal forma que se possa deduzir, ou induzir, a ideia nuclear<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Nesta pesquisa não encontramos ocorrência alguma de texto sem tópico; isso acontece porque selecionamos textos que deviam atender aos aspectos formais de uma resposta argumentativa, e esse gênero precisa ter um tópico marcando a resposta; algumas vezes podemos encontrá-lo no meio do parágrafo, e não no início, como é mais comum, mas ele sempre aparece.

Após analisar centenas de parágrafos, Garcia verificou que mais de 60% deles apresentavam tópico frasal inicial. Segundo o autor, isso acontece porque o tópico frasal é um método muito eficaz de explanar ou expor ideias. Se a ideia-núcleo for exposta logo no início, o tópico frasal garante a objetividade, a coerência e a unidade do parágrafo. Ou seja, se o autor marca o tópico logo no início, ele define sobre o que falará, dá um norte às ideias que serão desenvolvidas no decorrer do texto.

Garcia (1985) afirma que o tópico frasal facilita a tarefa de começar um texto, já que nele está a síntese do pensamento do criador do texto. O autor ainda estabelece diferentes feições para o tópico frasal. São elas:

- i) declaração inicial: é o modo mais comum de se iniciar um parágrafo, ou um texto. O autor faz uma declaração no início do parágrafo e, em seguida, fundamenta sua posição com argumentos;
- ii) definição: é um método bastante didático em que o tópico frasal assume a forma de uma definição;
- iii) divisão: é um método bastante objetivo e claro em que o autor apresenta o tópico sob a forma de divisão ou discriminação de ideias que serão desenvolvidas no decorrer do texto. Acontece, por exemplo, quando o produtor do texto coloca um ponto a favor e outro ponto contra determinado assunto;
- iv) alusão histórica: acontece quando o autor inicia o tópico fazendo alusão a fatos históricos, lendas, tradições, credences, anedotas ou acontecimentos de mundo que ele tenha presenciado como participante ou testemunha;
- v) omissão de dados identificadores em um texto narrativo: para que a atenção do leitor se mantenha suspensa durante um bom tempo. Alguns autores omitem certos dados necessários para que se compreenda o tópico e se entenda a verdadeira intenção do autor;
- vi) interrogação: nesse caso, o autor inicia o texto com uma pergunta, que é respondida no decorrer do texto.

Embora a maioria dos parágrafos comece ou termine com uma afirmação que engloba a ideia geral do texto, alguns parágrafos trazem o tópico

diluído no texto. Esses são formados só pelo desenvolvimento e constituídos de tal forma que se possa deduzir (ou induzir) a ideia central<sup>5</sup>.

Nesta pesquisa, o tópico frasal será considerado a resposta, portanto, se ele for bem elaborado, provavelmente o candidato terá uma redação bem estruturada e uma argumentação bem desenvolvida, uma vez que o tópico frasal ajuda a organizar melhor o desenvolvimento da R.A.

Em relação à RST, o tópico é o núcleo, a resposta dada pelo candidato, e as relações que se estabelecerem a partir dele serão os satélites. Esses satélites devem expandir o núcleo, argumentando, desenvolvendo as respostas dos candidatos por meio de relações retóricas.

---

<sup>5</sup> No *corpus* que constitui esta pesquisa não houve esse tipo de ocorrência, uma vez que o tópico é a resposta em si e faz parte da estrutura característica do gênero.

## CAPÍTULO 2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, dividido em 3 seções, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. A primeira parte trata da coleta e da seleção do *corpus*. Na segunda seção, expõem-se os critérios de análise que serviram de base para a pesquisa. Por fim, apresenta-se a ferramenta computacional utilizada no trabalho.

### 2.1 COLETA E SELEÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* desta pesquisa é composto por 15 redações do gênero Resposta Argumentativa, que fizeram parte do vestibular de inverno de 2009 da Universidade Estadual de Maringá.

A prova, que se encontra no anexo A deste trabalho, traz o seguinte comando:

“(UEM inverno 2009) Redija, em até 15 linhas, uma **resposta argumentativa** à pergunta “A internet é nociva?”. Sua resposta pode apoiar-se na coletânea de textos, mas não deve apresentar cópia dela.”

De acordo com o comando, o candidato deveria responder, com base nos textos de apoio, se a internet é nociva ou não. Boa parte dos candidatos não se posicionou claramente; eles afirmavam que a internet não é nociva, mas quem a utiliza é que pode fazer que ela se torne perigosa.

Acreditamos que a própria coletânea levou os candidatos a se posicionarem dessa forma, pois os textos de apoio mostravam isso. O primeiro texto afirma que a internet é considerada um vício como álcool, drogas e jogatina. Nos outros textos, especialistas, jornalistas e relatos de pessoas viciadas apontam que esse vício acontece devido ao uso excessivo e à falta de controle das pessoas. Sendo assim, os candidatos se posicionaram, na maioria das vezes, de acordo com a coletânea.

Para esta pesquisa, as 15 redações selecionadas estão entre aquelas que foram melhor avaliadas pela Banca de Avaliação da UEM. Isso quer dizer que responderam à pergunta feita no comando de maneira clara e satisfatória,



apresentaram afirmação inicial, que é a resposta à pergunta, desenvolvimento, que é a argumentação. A redação RA1 é um modelo de material analisado:

RA1.

“A internet se tornou um recurso tecnológico fundamental para nossa vida, porém, em alguns casos ela se torna nociva. Ao visitar sites do mundo virtual, muitas são as opções de entretenimento, diversão, informação, contudo, quando os objetivos primordiais ao acessá-lo pautam em pesquisas escolares, trabalhos ou estudos, esses são deixados de lado para nos divertirmos com todas essas páginas interessantes proporcionadas pela internet. Devido a esse fato, muitas vezes somos prejudicados no âmbito escolar e no acúmulo de conhecimentos.

Além dos sites convidativos, os jogos online atraem muitos jovens, contudo esses jogos podem se tornar instrumentos de banalização da violência. Jogos de carros que atropelam as pessoas e de armas altamente destrutivas estimulam a juventude ao mundo do crime, já que os criminosos do mundo virtual nunca são punidos. Portanto a internet deve sim ser utilizada no cotidiano, mas seu uso deve ser moderado e restrito, para que os jovens e crianças cresçam conscientes de que seu uso indevido não os favorece em nada, somente acarreta o surgimento de anomalias na sociedade, tais como a criminalidade.”

Nessa redação, o candidato começa o texto respondendo à pergunta. Ele afirma que a internet é um recurso que se tornou fundamental nos dias atuais, mas as opções de entretenimento podem prejudicar as pessoas. No desenvolvimento ele traz exemplos e informações sobre os excessos cometidos por quem se deixa levar pelas facilidades da internet e acaba se viciando. Por fim, o candidato apresenta uma conclusão que retoma a afirmação inicial, dizendo que a internet é boa, mas seu uso deve ser moderado.

Todas as redações coletadas foram identificadas como RA, e cada uma recebeu uma numeração pela ordem em que foram sendo analisadas; a primeira redação analisada recebeu o nome de RA1, por exemplo. Todas as redações estão disponíveis na íntegra no anexo D desta pesquisa.

## 2.2 PARÂMETROS DE ANÁLISE

Para que se realizasse a análise do *corpus*, foi necessário que se estabelecessem os seguintes parâmetros:

### 2.2.1 FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DAS RELAÇÕES UTILIZADAS PARA DESENVOLVER A PORÇÃO NUCLEAR DA SUPERESTRUTURA

Segundo Van Dijk (1983), todo texto se organiza por dois planos textuais distintos. Um deles é de natureza semântica, chamado de macroestrutura, e comporta as partes centrais de um texto; o outro é esquemático, chamado de superestrutura, e agrupa essas partes em uma ordem global.

A macroestrutura tem relação com o sentido do texto, enquanto a superestrutura é um esquema textual abstrato, com formas relativamente fixas, composto por categorias vazias (que são preenchidas pela macroestrutura), que correspondem ao formato característico de um determinado tipo de texto.

Assim a superestrutura é o gênero resposta argumentativa, que precisa apresentar uma resposta, exemplos, e pode ou não apresentar conclusão. A macroestrutura, por sua vez, corresponde à resposta em si, é o que o candidato vai dizer sobre o que foi perguntado a ele.

Para Van Dijk (1983), a macroestrutura e a superestrutura estão intimamente ligadas, uma precisa da outra para que o leitor compreenda o texto. O autor afirma que a superestrutura organiza o texto da mesma maneira que a sintaxe organiza o sentido de uma sentença. A superestrutura determina a ordem, enquanto a macroestrutura determina o conteúdo.

Nesta pesquisa a superestrutura é composta por afirmação inicial, DESENVOLVIMENTO e pode, ou não, ter CONCLUSÃO. Observamos, primeiramente, a frequência das relações que emergem no interior da porção nuclear na superestrutura do gênero (que corresponde ao tópico, a resposta propriamente dita); em seguida, se existia ou não conclusão e quais relações retóricas foram utilizadas para desenvolver essa conclusão.

## 2.2.2 FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DAS RELAÇÕES UTILIZADAS NO INTERIOR DA PORÇÃO NUCLEAR

Foi necessário que se analisassem também as relações encontradas no interior da superestrutura das respostas; nos diagramas, são as relações que estão nos níveis mais altos da estrutura retórica. As relações que se encontram nesse nível mais alto da estrutura retórica reforçam a argumentação, uma vez que acrescentam informações, desenvolvem ou listam elementos para convencer o leitor. A partir delas, podemos encontrar ainda outras relações.

## 2.2.3 FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DAS RELAÇÕES UTILIZADAS NO DESENVOLVIMENTO DA PORÇÃO SATÉLITE

Na porção satélite das estruturas retóricas, podemos encontrar outras relações retóricas. Essas relações são microestruturas adjacentes, que estarão no que chamaremos de um nível mais baixo da estrutura textual. Para Van Dijk (1992), a microestrutura são as relações entre as sentenças ou entre as proposições, ou seja, quando falamos em microestrutura, estamos nos referindo às relações lineares que existem entre elementos em uma sequência.

As microestruturas podem ocorrer tanto no núcleo quanto nos satélites, entretanto, nesta parte da pesquisa trataremos somente dos satélites.

## 2.2.4 COMO AS RELAÇÕES SÃO EXPRESSAS LINGUISTICAMENTE

Gómez-González e Taboada (2005) afirmam que todas as relações retóricas podem ser marcadas formalmente (com conectivos, verbos, entre outros), mas também é possível identificar relações que não possuem essa marca formal. Segundo as autoras, as relações são definidas de acordo com a intenção do autor do texto, com a intenção que ele pretende causar; essa intenção não precisa ser marcada.

Nesta pesquisa, analisamos e comentamos o tipo de conectivo, ou marca (como tempo verbal, ou tipo de oração, por exemplo) encontrado para identificar as relações retóricas. Levamos em conta a intenção dos produtores do texto e a plausibilidade das análises.

## 2. 3 FERRAMENTA COMPUTACIONAL UTILIZADA NA ANÁLISE

Para a realização das análises de acordo com a RST, elaboramos diagramas da estrutura retórica das redações<sup>6</sup> que compunham o *corpus*. Para isso, utilizamos o programa RSTTool, versão 3.11, de Mick O'Donnel<sup>7</sup>.

O programa foi desenvolvido com a finalidade de facilitar a diagramação da estrutura retórica para análise de textos. É importante salientar que o programa é utilizado apenas para dar forma aos diagramas resultantes das investigações feitas pelo analista. Para utilizar o programa, primeiramente criam-se duas listas de relações (do tipo núcleo-satélite e multinucleares), como podemos observar na figura 2.1:

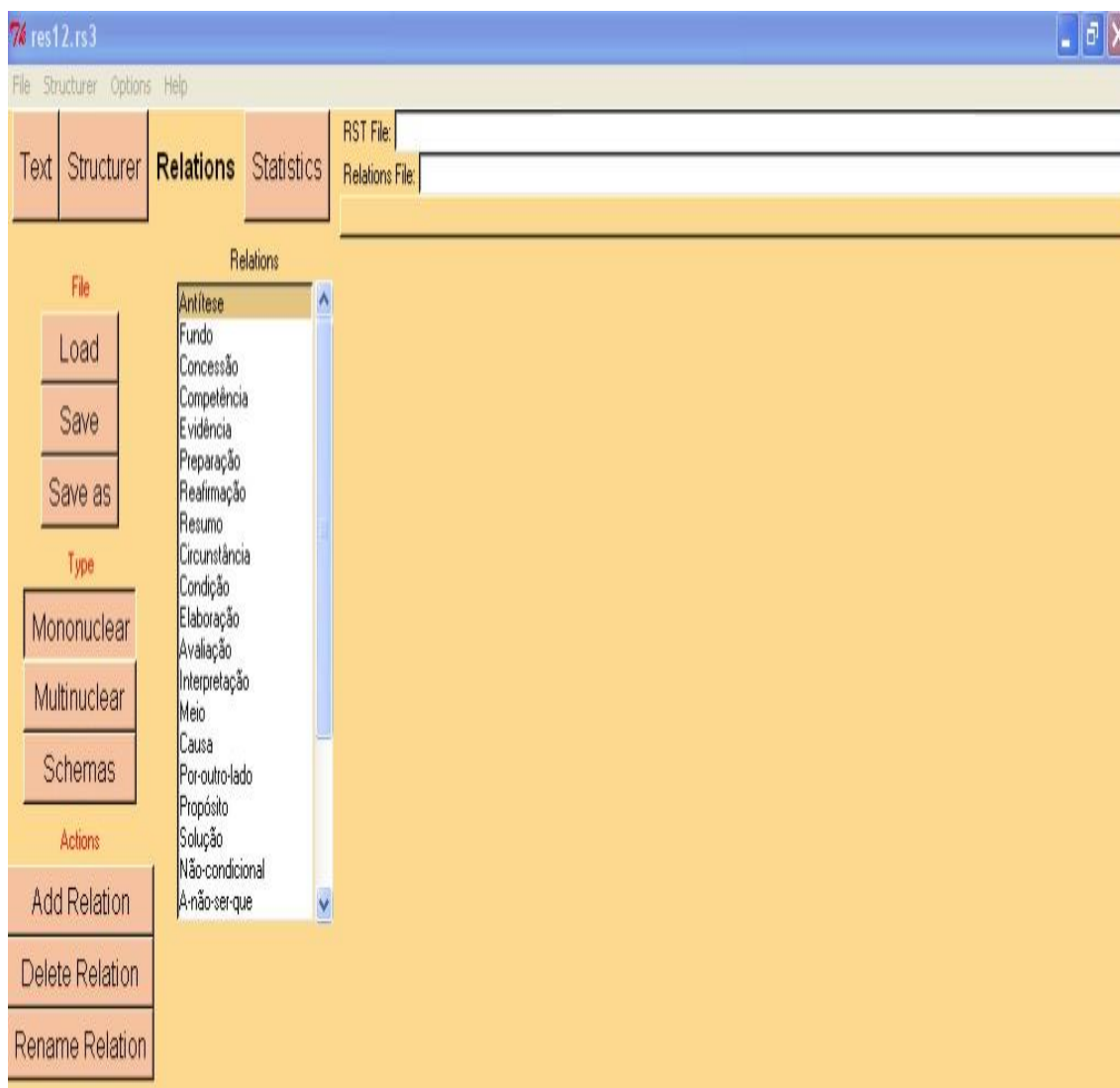


Figura 2.1- Editor de relações

<sup>6</sup> Os diagramas encontram-se no anexo C deste trabalho.

<sup>7</sup> O programa RSTTool encontra-se disponível para *download* no site [www.wagsoft.com](http://www.wagsoft.com).

Depois disso, segmenta-se o texto em unidades, como na figura 2.2:

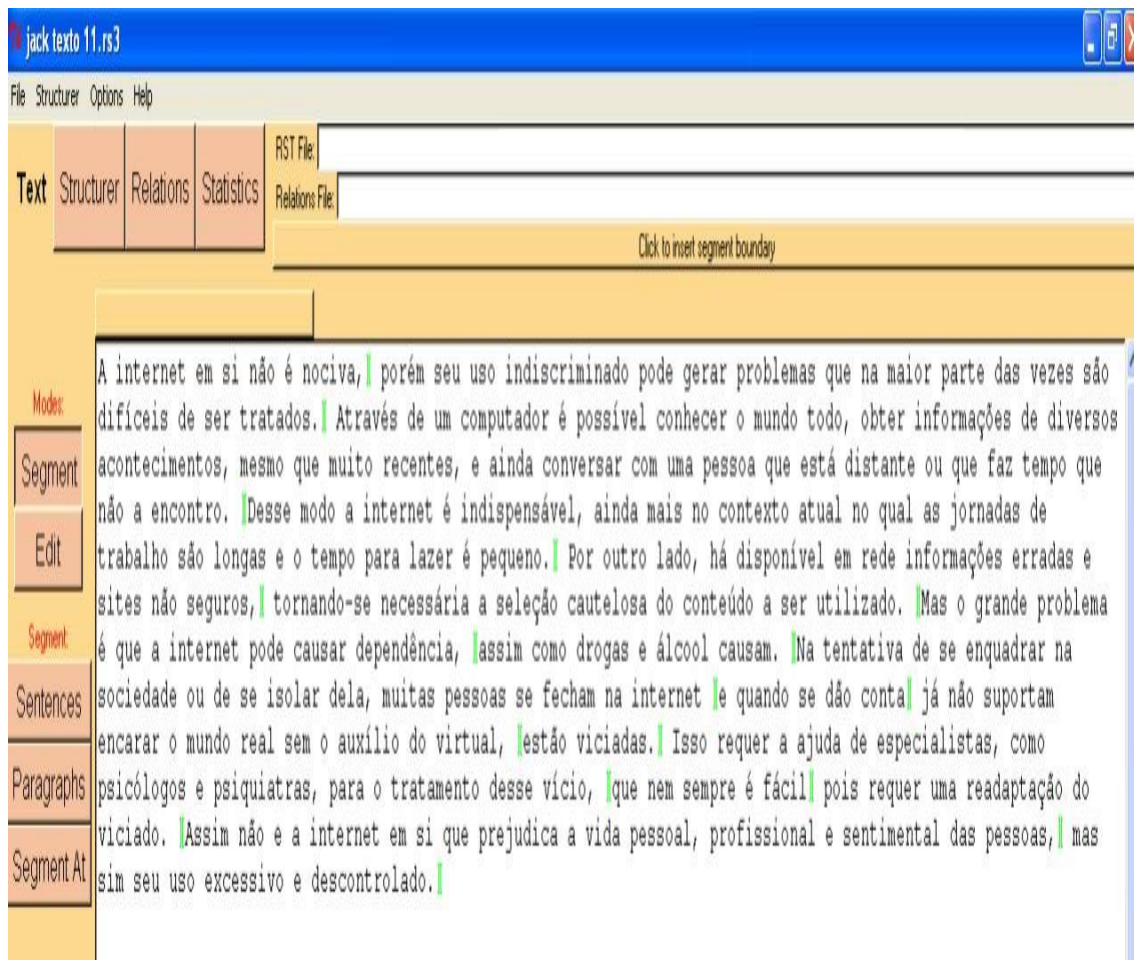


Figura 2.2- Segmentação dos textos

Por fim, traçam-se os esquemas que representam as relações entre as porções de textos, como podemos observar na figura 2.3:

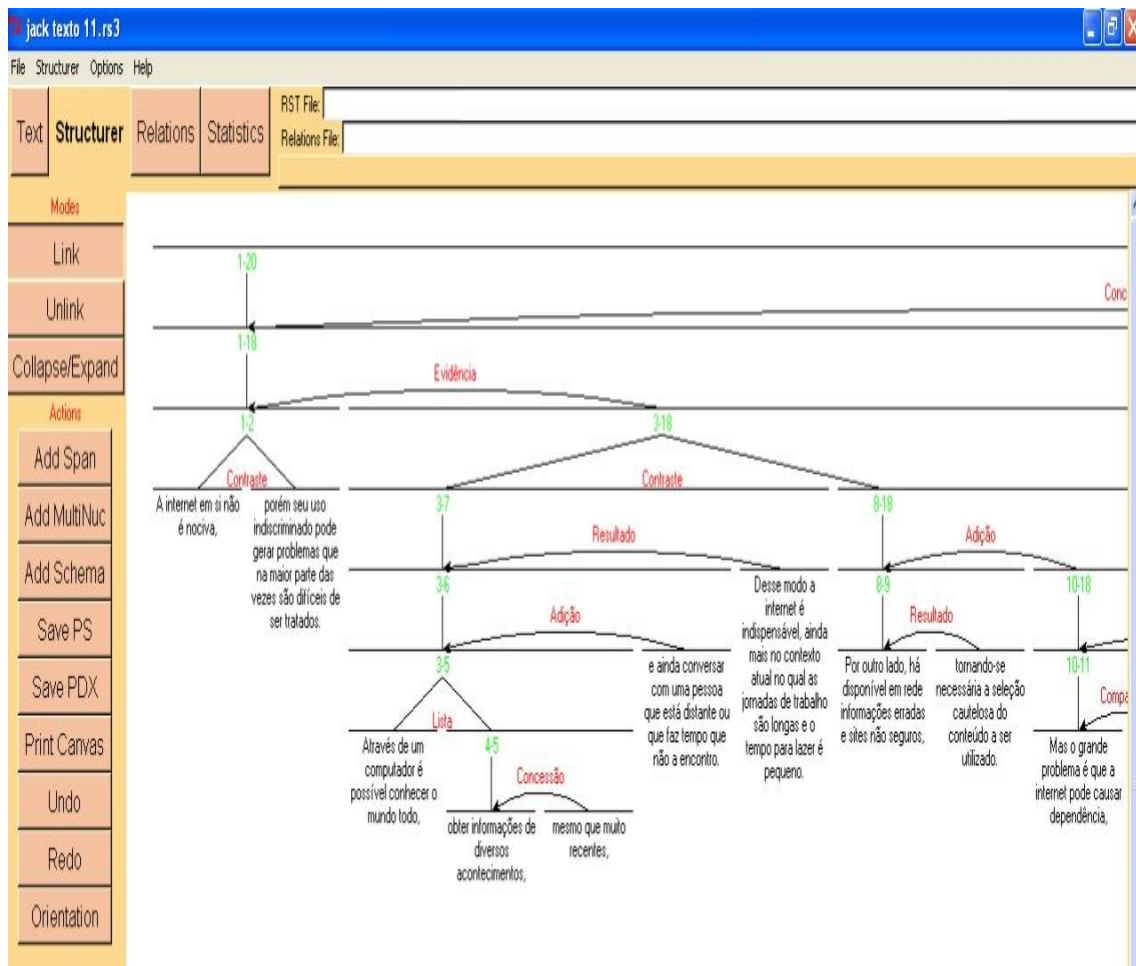
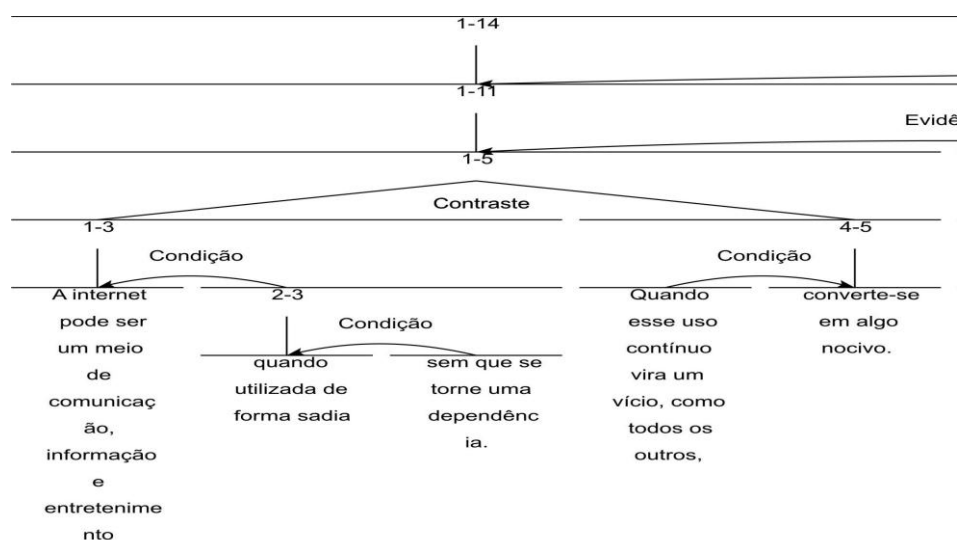


Figura 2.3- Esquemas que representam as relações entre as porções de texto

### CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão analisados os dados quantificados do *corpus* em relação à frequência de ocorrência das relações retóricas que colaboram com o desenvolvimento do gênero resposta argumentativa. Para isso, dividiremos o capítulo em 6 partes, nas quais analisaremos a frequência de ocorrência das relações utilizadas para desenvolver a porção nuclear da superestrutura de cada uma das partes do texto (TÓPICO, DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO). Em seguida serão analisadas as relações utilizadas no interior da porção nuclear, uma vez que surgem relações no próprio tópico e nas outras porções de texto. Também analisaremos a frequência de ocorrência das relações utilizadas no DESENVOLVIMENTO da porção satélite, tanto as relacionadas ao desenvolvimento das respostas quanto as que estavam na microestrutura, entre orações adjacentes. Também será feita uma análise a respeito das expressões linguísticas que foram utilizadas para marcar essas relações, se são marcadas por algum conectivo ou outro meio.

Classificaremos a superestrutura das respostas argumentativas em níveis: a AFIRMAÇÃO INICIAL, o DESENVOLVIMENTO e CONCLUSÃO são considerados os níveis mais altos; as relações que encontrarmos nesses níveis consideraremos que estejam em um nível mais baixo das relações retóricas, por fim, as relações que forem encontradas a partir dessas mais baixas serão chamadas de relações adjacentes. Esses níveis podem ser observados no seguinte exemplo, que é a afirmação inicial da redação RA2.



E3.1- RA2

Nesse exemplo o tópico constitui o nível mais alto, é formado por uma relação de contraste. A relação de condição emerge em cada parte do tópico e está no que chamaremos de microestrutura.

### 3.1 SUPERESTRUTURA UTILIZADA PELOS CANDIDATOS PARA PRODUZIR A RESPOSTA ARGUMENTATIVA

O gênero resposta argumentativa apresenta, em sua estrutura prototípica, o TÓPICO INICIAL, que é a resposta, o DESENVOLVIMENTO, parte na qual o candidato convence o leitor de que seu ponto de vista está correto, e na maioria dos casos, a RA apresenta uma CONCLUSÃO, como podemos observar na figura 3.1.

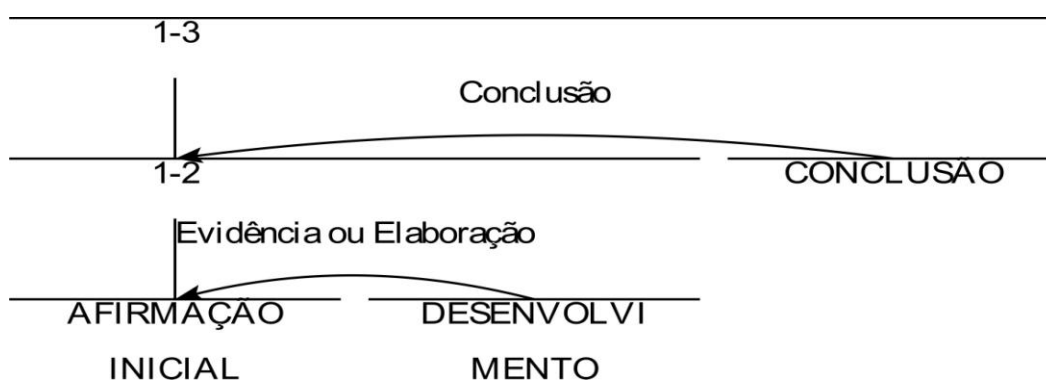


Figura 3.1- Superestrutura do gênero RA

No *corpus* analisado todas as redações apresentaram um TÓPICO. Isso porque a estrutura prototípica do gênero pede uma resposta seguida de uma argumentação.

O DESENVOLVIMENTO ocorreu por meio da relação de **evidência** em 14 das 15 redações. Em apenas 1 o candidato utilizou a relação de **elaboração**. A maior frequência da relação de **evidência** se justifica pelo fato de o produtor do texto, ao utilizar essa relação, ter como intenção aumentar a crença do leitor no conteúdo do núcleo (MANN E TABOADA, 2010). Na relação de **elaboração** o produtor do texto apenas enumera elementos para acrescentar informações ao conteúdo do núcleo. Sendo assim, a relação de evidência deixa a argumentação mais forte.

Das 15 redações que constituem o *corpus*, 3 não apresentam CONCLUSÃO. O gênero RA não precisa de conclusão, mas o autor do texto



pode apresentar uma, caso ele julgue necessário, ou acredite que retomar o que foi exposto no texto reforçará sua argumentação. Podemos observar essa estrutura na figura a seguir:

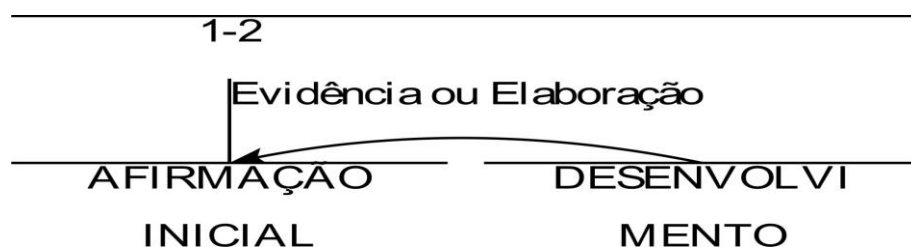


Figura 3.2- Superestrutura do gênero RA sem conclusão

### 3.2 RELAÇÕES UTILIZADAS PELOS CANDIDATOS NA SUPERESTRUTURA DA RA

As relações analisadas neste item fazem parte do nível mais alto da superestrutura textual. Trataremos aqui das relações encontradas na porção textual que corresponde ao DESENVOLVIMENTO da AFIRMAÇÃO INICIAL, que é a resposta à pergunta feita no enunciado, e da relação de **conclusão**, na qual se retoma a AFIRMAÇÃO INICIAL.

#### 3.2.1 RELAÇÕES UTILIZADAS PELOS CANDIDATOS NO DESENVOLVIMENTO DA AFIRMAÇÃO INICIAL

A AFIRMAÇÃO INICIAL é o que consideraremos a resposta, o tópico frasal (GARCIA, 1985). É a AFIRMAÇÃO INICIAL que guia todo o texto, uma vez que o DESENVOLVIMENTO e a CONCLUSÃO precisam comprovar ou reafirmar o que foi exposto no começo do texto.

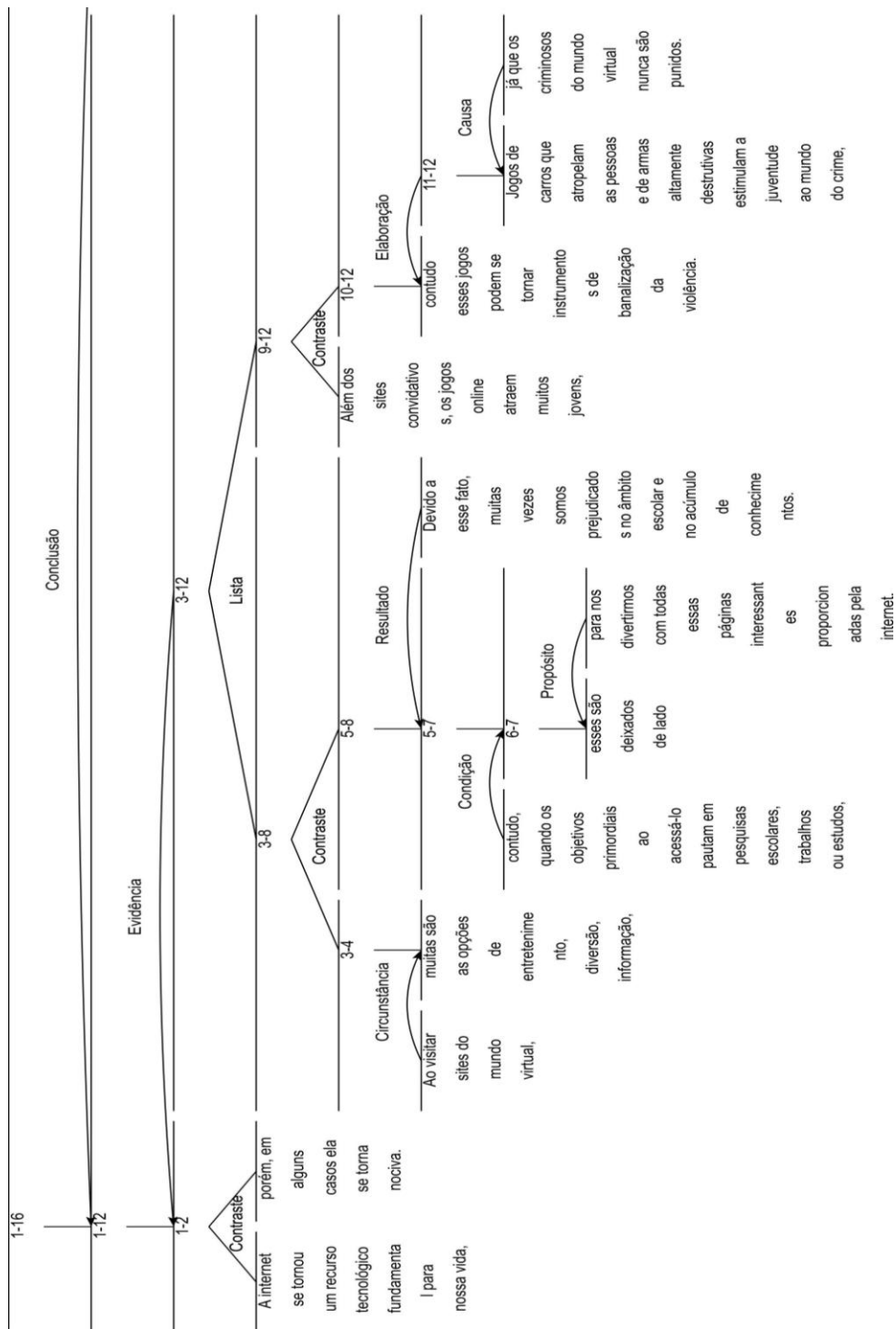
No quadro a seguir, apresentamos a frequência de ocorrência das relações encontradas no DESENVOLVIMENTO das redações.

RELAÇÃO	N	%
Evidência	14	93,3
Elaboração	1	6,6
TOTAL	15	100

Quadro 1- Frequência de ocorrências de relações utilizadas pelos candidatos no desenvolvimento da AFIRMAÇÃO INICIAL

Na porção textual que constitui o DESENVOLVIMENTO referente à AFIRMAÇÃO INICIAL emergem duas relações retóricas: **evidência** e

**elaboração.** Em 14 dos 15 textos analisados, os candidatos defenderam a resposta com a relação de **evidência**. Isso acontece porque, segundo Mann e Taboada (2005), nessa relação o autor do texto tem como intenção aumentar a crença do leitor no conteúdo do núcleo. Um exemplo dessa relação pode ser verificada na RA1:



E3.2- RA1

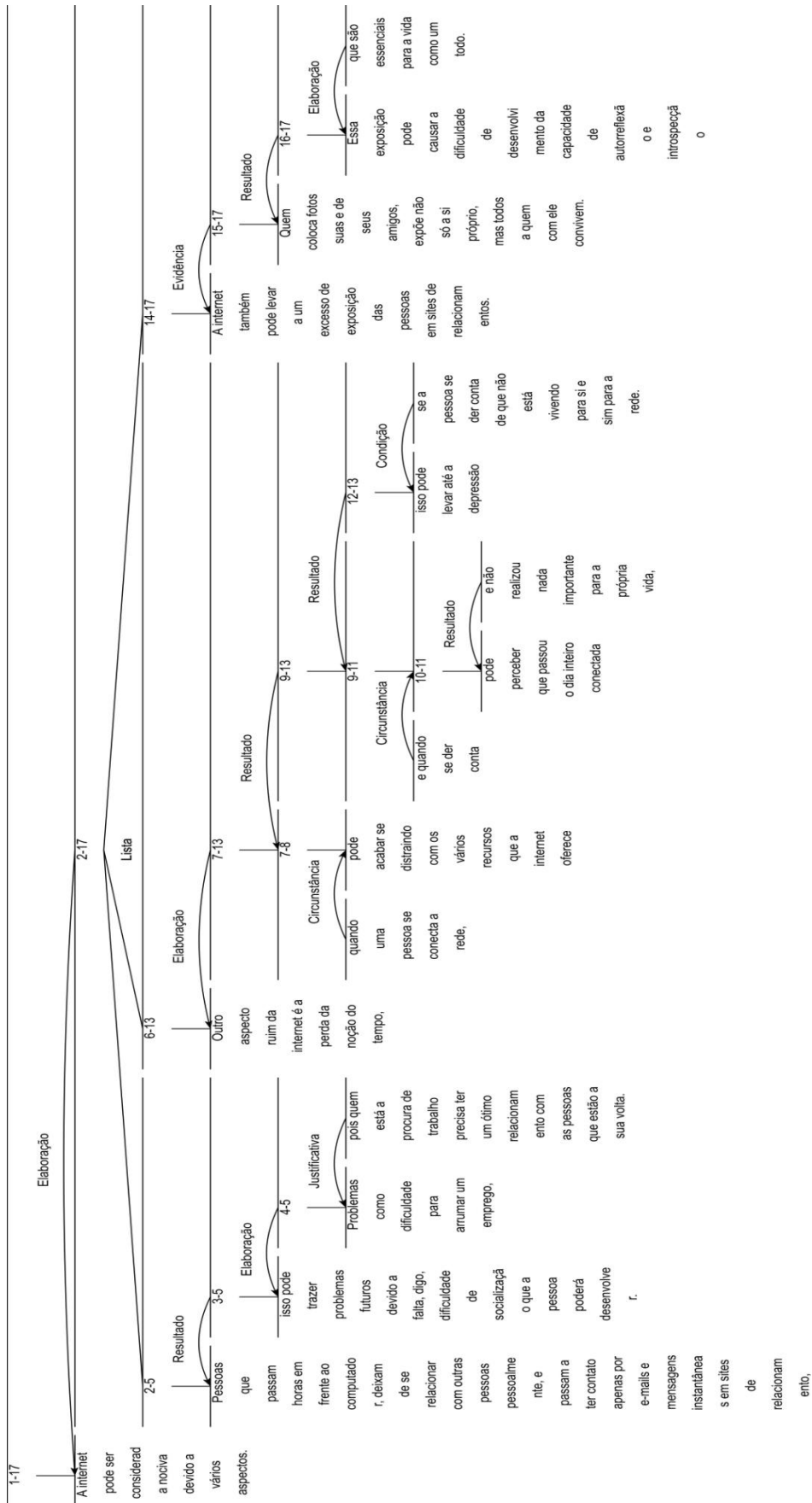
Nesse texto, o candidato tenta comprovar sua resposta com exemplos de acontecimentos possíveis, habituais. Ele faz isso utilizando uma lista de situações que são corriqueiras no cotidiano das pessoas, afirmando que existem muitas opções de entretenimento na internet, os quais podem atrapalhar os jovens quando estão fazendo trabalhos escolares ou quando acabam sendo influenciados pela violência de alguns jogos. Podemos perceber que não existe uma marca formal para indicar a relação de **evidência**, mas o aspecto pragmático, ou seja, a intenção do candidato corrobora essa análise.

Apenas um dos textos apresentou a relação de **elaboração** no desenvolvimento. Esse candidato enumerou aspectos que ele julga que tornam a internet nociva. Para isso, utilizou a relação de **lista**<sup>8</sup> e explicou os motivos pelos quais ele entende que a internet pode ser nociva. Ao contrário das redações que desenvolveram suas argumentações por **evidência**, ele não se baseou em fatos habituais, mas em fatos que sabe que podem acontecer.

---

<sup>8</sup> Segundo Mann e Thompson (2005), a lista é uma relação multinuclear que faz que o leitor reconheça a possibilidade de comparação entre os elementos relacionados.

E3.3- RA 3



Nesse exemplo, o candidato afirma que as pessoas que passam muito tempo na internet podem deixar de se relacionar pessoalmente com outras pessoas, podem perder a noção do tempo e se expor de maneira excessiva na rede. Ao listar cada um desses aspectos que fazem que a internet seja nociva, ele explica o porquê de cada um ser prejudicial às pessoas, utilizando para isso a relação de **elaboração**.

Uma vez que o gênero resposta argumentativa tem como característica que o candidato responda à pergunta no tópico, explique e exemplifique no DESENVOLVIMENTO, era previsível que as relações fossem as de **evidência** e **elaboração**.

### 3.2.2 RELAÇÕES UTILIZADAS PELOS CANDIDATOS NA CONCLUSÃO

No quadro a seguir, apresentamos a frequência de ocorrência da porção textual CONCLUSÃO das redações.

RELAÇÃO	N	%
Conclusão	12	80
Não apresenta CONCLUSÃO	3	20
TOTAL	15	100

Quadro 2- frequência de ocorrência das relações utilizadas na CONCLUSÃO

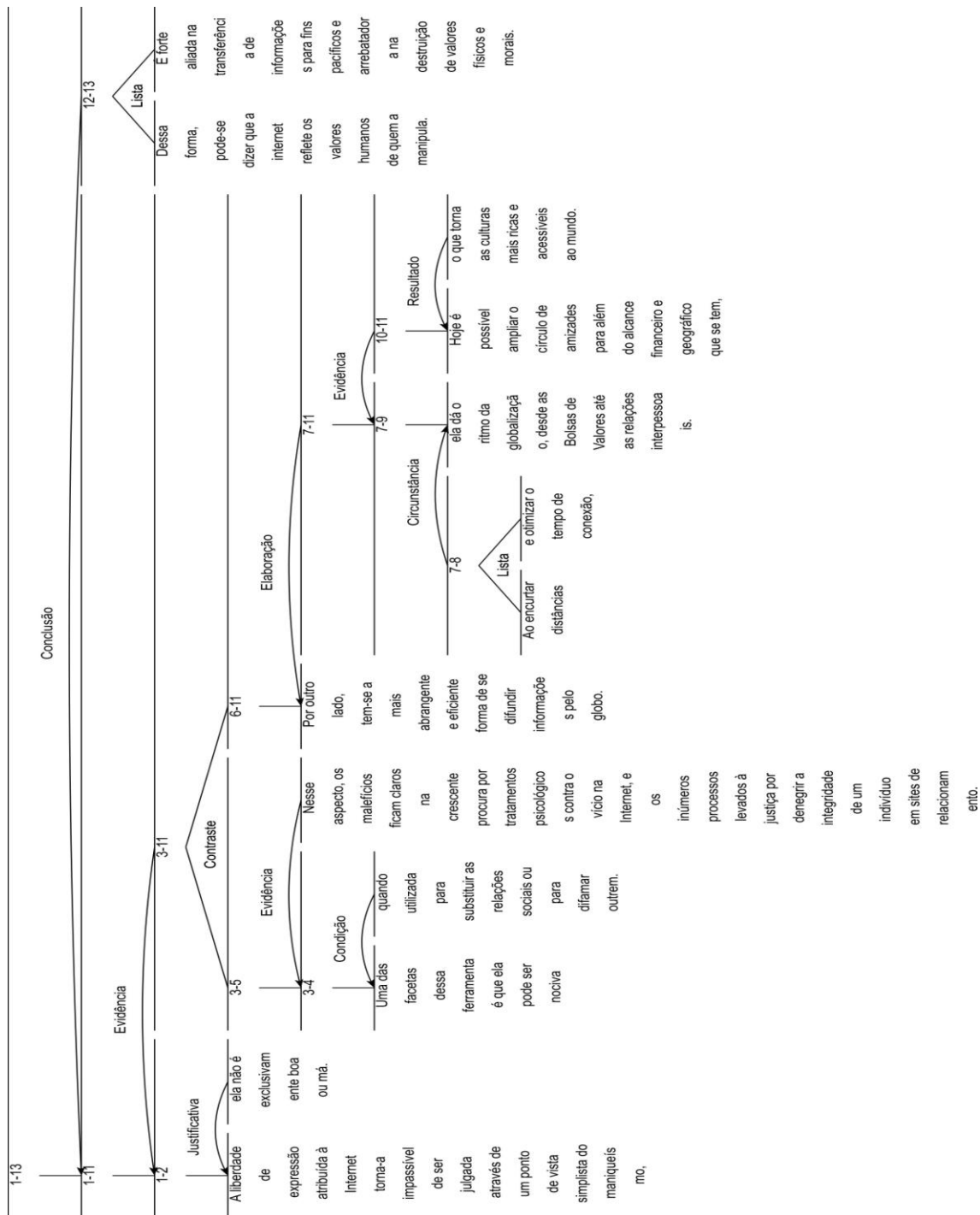
Das 15 redações analisadas, 3 não apresentaram a porção textual que corresponde à CONCLUSÃO, como acontece no E3.4:



### E3.4- RA3

No texto RA3, pode-se perceber que o candidato optou por não apresentar uma CONCLUSÃO; ele simplesmente listou e explicou os aspectos pelos quais a internet pode ser considerada nociva como afirmou no tópico.

Por outro lado, a maioria dos candidatos optou por retomar a afirmação inicial e concluir o texto como ocorre na RA6:



### E3.5- RA6

Nesse exemplo, E3.5, o candidato retoma a AFIRMAÇÃO INICIAL com o conector *dessa forma*, que marca a CONCLUSÃO. A relação utilizada foi a relação de **conclusão**, que não faz parte das relações clássicas da RST. Segundo Pardo (2005, p.137), na relação de **conclusão** o leitor reconhece que o satélite é uma conclusão produzida devido à interpretação do núcleo. O candidato afirma, assim, que o DESENVOLVIMENTO de seu texto comprovou

o que foi exposto no início, ou seja, não é possível julgar a internet uma vez que ela reflete os valores de quem a manipula.

### 3.3 RELAÇÕES UTILIZADAS PELOS CANDIDATOS NO NÍVEL MAIS ALTO DO INTERIOR DA PORÇÃO TEXTUAL QUE COMPÕE A AFIRMAÇÃO INICIAL

A AFIRMAÇÃO INICIAL pode ser composta por apenas uma oração ou pode ser constituída por um núcleo e um satélite, que, por sua vez, pode ser composto por uma ou mais orações. No quadro 3 a seguir, apresentamos as relações que surgem entre o núcleo e o satélite<sup>9</sup>.

RELAÇÃO	N	%
Contraste	4	30,7
Concessão	2	15,4
Justificativa	2	15,4
Adição	1	7,7
Conclusão	1	7,7
Condição	1	7,7
Elaboração	1	7,7
Preparação	1	7,7
TOTAL	13	100

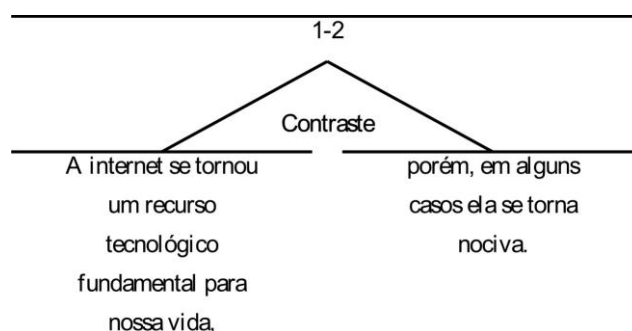
Quadro 3- frequência das relações utilizadas pelos candidatos no nível mais alto do interior da AFIRMAÇÃO INICIAL

Pode-se observar que apresenta maior frequência de ocorrência a relação de **contraste**, que, segundo a definição, faz que o leitor reconheça a possibilidade de comparação e da existência de diferenças suscitadas pela comparação realizada. Isso se deve ao fato de que muitos candidatos não assumiram uma posição clara, grande parte optou por afirmar que a internet traz benefícios, mas se não for bem utilizada pode ser nociva. É o que acontece no exemplo a seguir encontrado na RA1:

---

<sup>9</sup> Nos casos em que o satélite é composto por mais de uma oração, as relações estabelecidas no interior do satélite serão analisadas no item 3.6 – Relações utilizadas na microestrutura da RA.

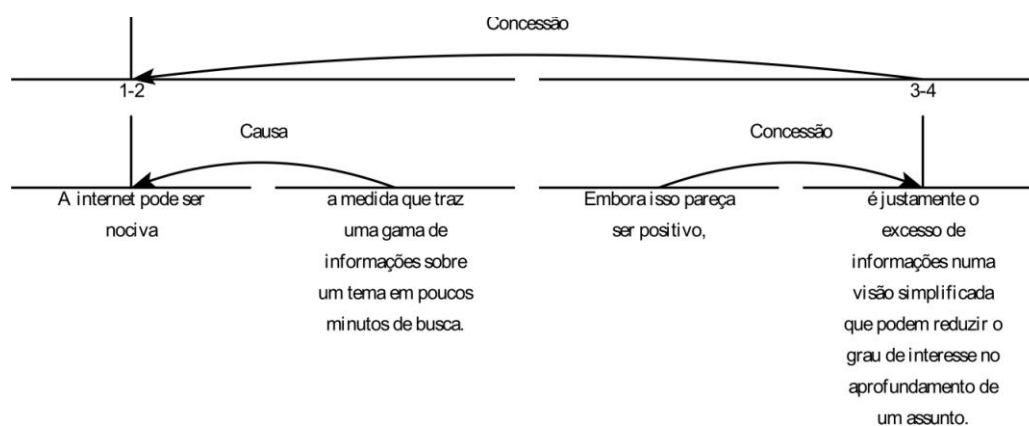




### E3.6- RA1

O **contraste** ficou muito bem marcado nesse exemplo pelo conectivo “*porém*”, que é uma conjunção coordenada adversativa. Segundo Neves (1999), as adversativas “enlaçam unidades, apontando uma oposição entre elas”. Isso quer dizer que, ao utilizar o “*porém*”, o candidato quis mostrar que existe o lado bom da internet, mas, se as pessoas não souberem utilizá-la da maneira correta, ela pode ser nociva. Percebemos que a própria coletânea de textos<sup>10</sup> que fundamenta a resposta no concurso vestibular da UEM leva o candidato a afirmar que a internet não é boa nem nociva, o problema está em quem a utiliza.

A relação de **concessão** apareceu em 15,4% das redações, com uma função muito parecida com a da relação de contraste. Os candidatos afirmam que, embora toda a agilidade e quantidade de informações que a internet traz pareça ser algo bom, ela pode ter aspectos ruins também, como podemos observar no tópico da RA8:



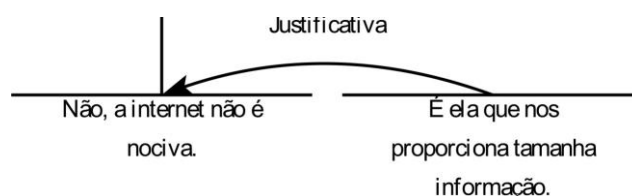
### E3.7- RA8

A conjunção “*embora*” marca a **concessão**. Essa relação representa uma quebra de expectativa. Para Mann e Thompson (1988), a **concessão**

<sup>10</sup> A prova de vestibular encontra-se no anexo A.

envolve uma atitude positiva do leitor face ao núcleo, porém o núcleo não se realiza. Thompson e Mann (1986) e Taboada e Gomez Gonzales (2005) afirmam que na relação de **concessão** o autor precisa fazer que o leitor acredite no conteúdo do núcleo, diferentemente da relação de contraste, que é neutra. Para isso ele precisa fazer que o leitor tenha uma *positive regard*, ou seja, uma consideração positiva a respeito do núcleo.

Outra relação que apareceu com a frequência de 15,4% foi a de **justificativa**. Nessa relação, o candidato tem como intenção aumentar a tendência de o leitor aceitar o que foi exposto no núcleo (MANN e TABOADA, 2010). Isso aconteceu nas redações em que o candidato assumiu um posicionamento e justificou o porquê de ter assumido esse posicionamento, como acontece na RA5:



#### E3.8- RA5.

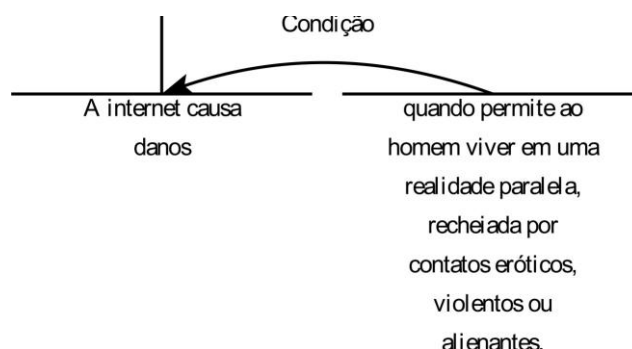
Mesmo sem a presença de um conectivo que marque a relação de **justificativa**, pode-se justificar a plausibilidade da análise pelo fato de o núcleo ser composto por um ato de fala.

RA5 é considerada um caso prototípico do gênero resposta argumentativa, uma vez que o candidato foi incisivo em sua resposta e justificou seu posicionamento. Pode-se observar nessa redação que o autor responde à pergunta de maneira objetiva e, em seguida, na porção textual que corresponde ao DESENVOLVIMENTO, ele faz uma lista de exemplos para reforçar sua argumentação. Todos os exemplos expostos ainda apresentam uma pequena explicação em seguida.

As outras relações encontradas (**condição, preparação, elaboração, adição e conclusão**) tiveram apenas 1 ocorrência cada, o que corresponde a uma frequência de 7,7% para cada relação nas redações analisadas.

Na relação de **condição**, segundo Mann e Taboada (2010), o satélite apresenta uma situação hipotética, futura ou não realizada, e a realização do núcleo depende da realização do satélite. Isso corrobora a afirmação de que, na maioria dos textos, os candidatos não se posicionaram de forma categórica

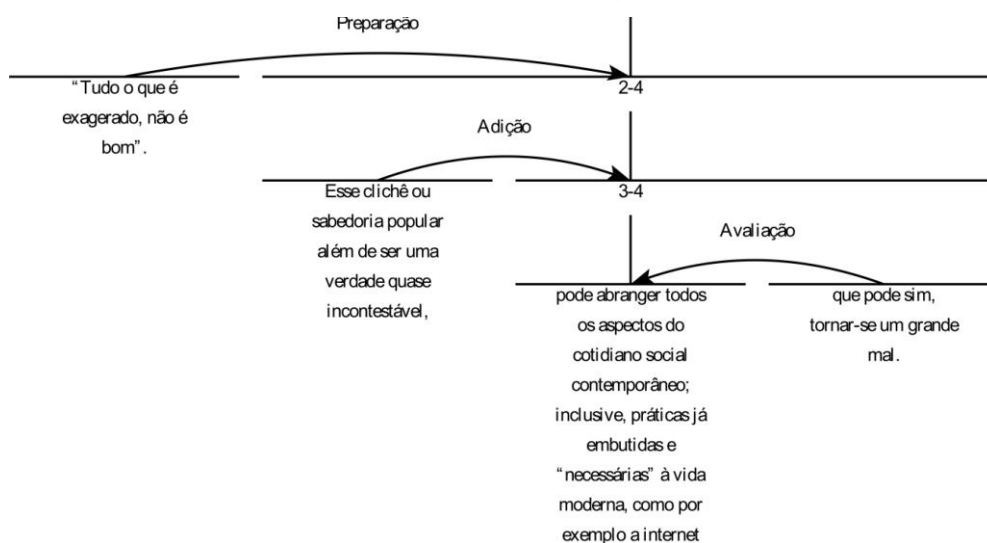
a respeito da nocividade da internet. Nesses casos, eles afirmam que a internet é nociva se for utilizada de maneira exagerada, ou se faz que as pessoas vivam em uma realidade paralela, criada no computador, como acontece na RA14, apresentada a seguir:



### E3.9- RA14

Nesse caso, a **condição** foi marcada pelo conectivo “quando”. Segundo Neves (1999), algumas combinações de predicções com relação temporal efetuadas por “quando” propiciam diferentes leituras como causalidade, concessão e adversidade, dependendo dos tempos e modos verbais empregados. Na afirmação inicial da RA 14, a intenção do candidato não era estabelecer uma relação de tempo, mas de condição, ou seja, a internet só causará danos SE permitir que o homem viva em uma realidade paralela ou que tenha conteúdo nocivo.

Na relação de **preparação**, o candidato “dá uma pista” antes de apresentar sua resposta. A relação de preparação busca fazer que o leitor esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler o núcleo (MANN E TABOADA, 2010), como acontece na RA4 a seguir.



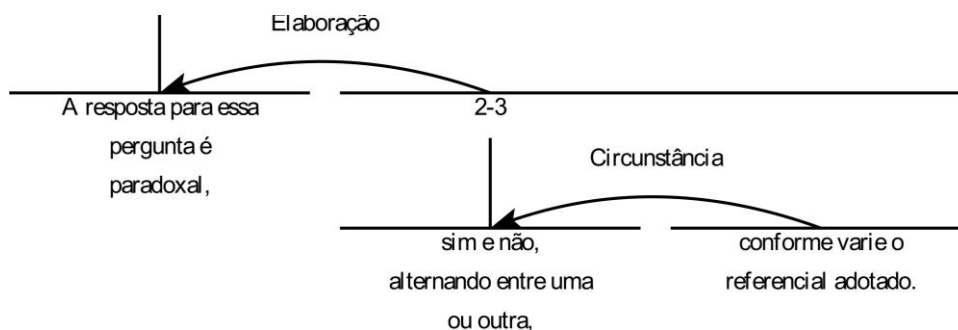
### E3.10- RA4.

Apesar de termos identificado um número considerável de ocorrências, a relação de **adição** não está no rol de relações clássicas, nem foi definida por nenhum autor, mas Decat (2001) menciona as orações aditivas de Halliday (1985). A autora afirma que algumas relações não constam na listagem dos casos clássicos da Gramática. Assim, definimos a **adição** como uma relação em que o autor do texto apresenta um argumento no núcleo, que é considerado mais forte que o argumento apresentado no satélite. Podemos observar uma ocorrência da relação de **adição** no nível mais alto do interior da porção textual que compõe a afirmação inicial na RA10. O que marcou a relação foi o termo “aliás”. Nessa redação, o candidato afirmou que a internet não é nociva e ainda traz inúmeros benefícios às pessoas.



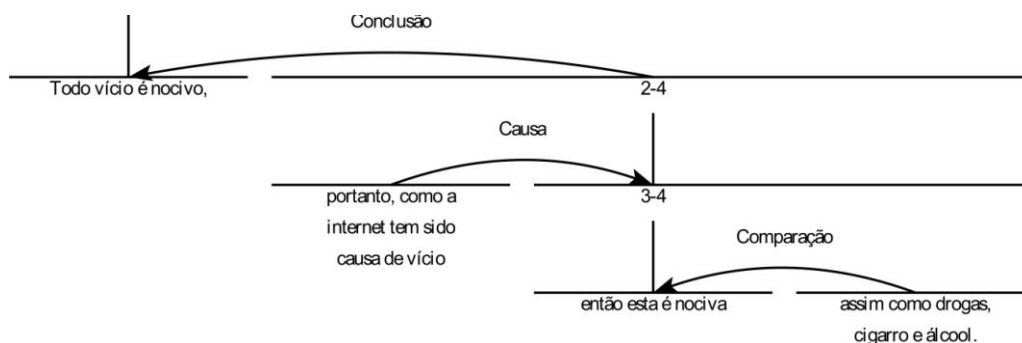
### E3.11- RA10

A relação de **elaboração** encontrada no nível mais alto da porção que constitui a afirmação inicial pode ser observada a seguir:



### E3.12- RA9.

Na redação RA9 o candidato apresenta uma informação adicional antes de inserir o tópico. Não existe um marcador discursivo para comprovar que é uma **elaboração**, o que nos faz chegar a essa conclusão é o fato e que ele apresenta detalhes sobre o conteúdo do núcleo.



### E3.13- RA11

A relação de **conclusão** na RA11 é marcada pela conjunção conclusiva “portanto”. O candidato faz uma espécie de silogismo<sup>11</sup> para concluir o tópico de sua afirmação inicial.

### 3.4 RELAÇÕES UTILIZADAS PELOS CANDIDATOS NO NÍVEL MAIS ALTO DO INTERIOR DA PORÇÃO TEXTUAL QUE COMPÕE O DESENVOLVIMENTO

O DESENVOLVIMENTO constitui a maior porção textual das RAs, ou seja, o DESENVOLVIMENTO é a parte da RA que apresenta maior número de orações. Neste item, analisaremos a frequência de ocorrência das relações que aparecem no nível mais alto do DESENVOLVIMENTO, como pode ser observado no quadro a seguir.

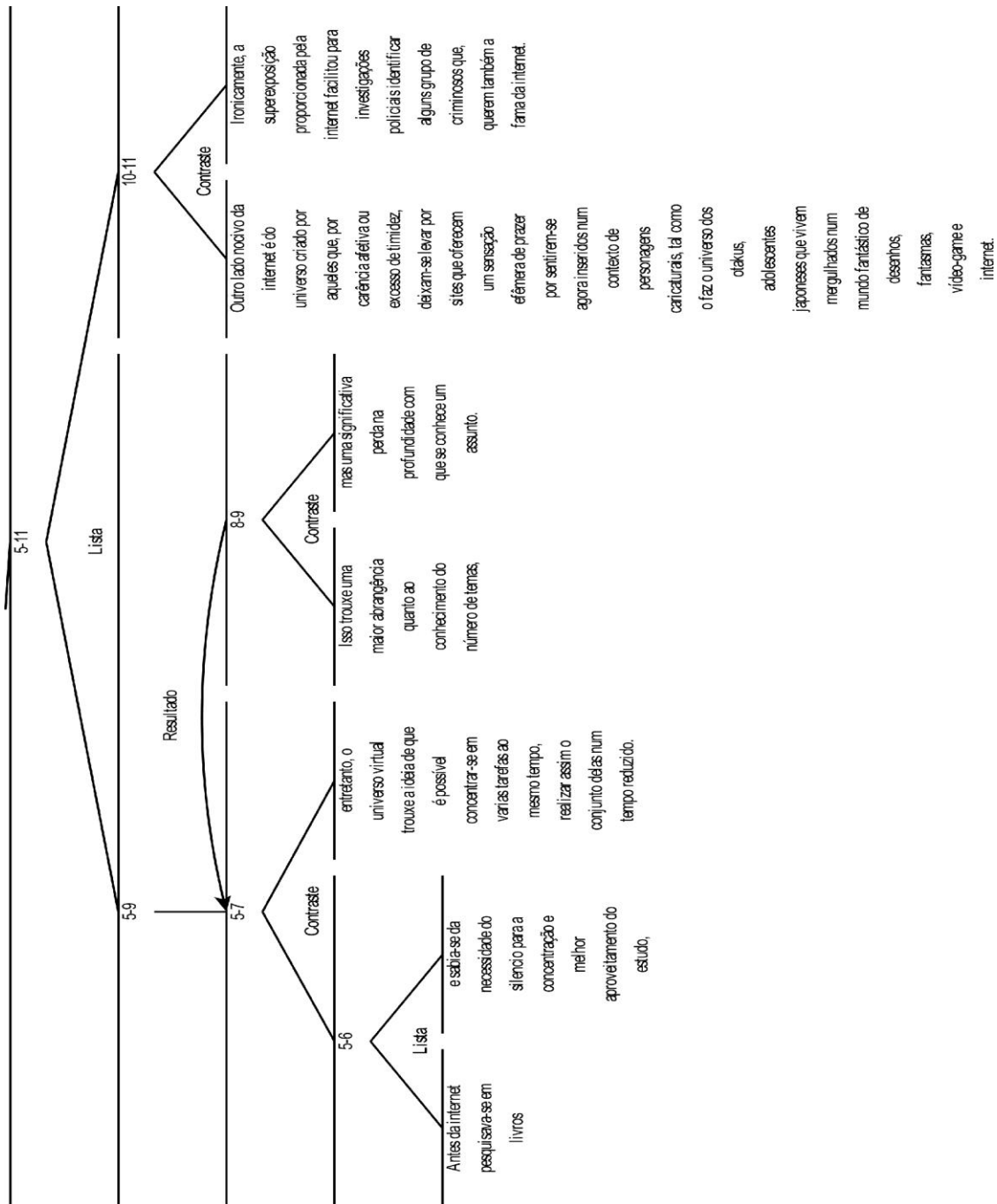
RELAÇÃO	N	%
Lista	7	46,6
Contraste	6	40
Causa	1	6,6
Elaboração	1	6,6
TOTAL	15	100

Quadro 4- frequência de relações utilizadas no nível mais alto do interior da porção textual que compõe o DESENVOLVIMENTO.

Do interior da porção textual que constitui o DESENVOLVIMENTO, emergem outras relações (em níveis mais baixos) que auxiliam a argumentação. Essas relações reforçam a argumentação, pois apresentam vários elementos que servem para exemplificar os fatos expostos no DESENVOLVIMENTO. Por isso a relação de **lista** é a que apresenta maior

<sup>11</sup> Silogismo é uma dedução formal em que postas duas proposições, as *premissas*, delas se tira uma terceira, a *conclusão*. (DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010)

freqüência de ocorrência. Como já foi mencionado anteriormente, a natureza do gênero “pede” que se exemplifique o que foi exposto. Quase metade das redações apresentou a relação de **lista** no interior do desenvolvimento. Tomemos como exemplo a RA8 a seguir.

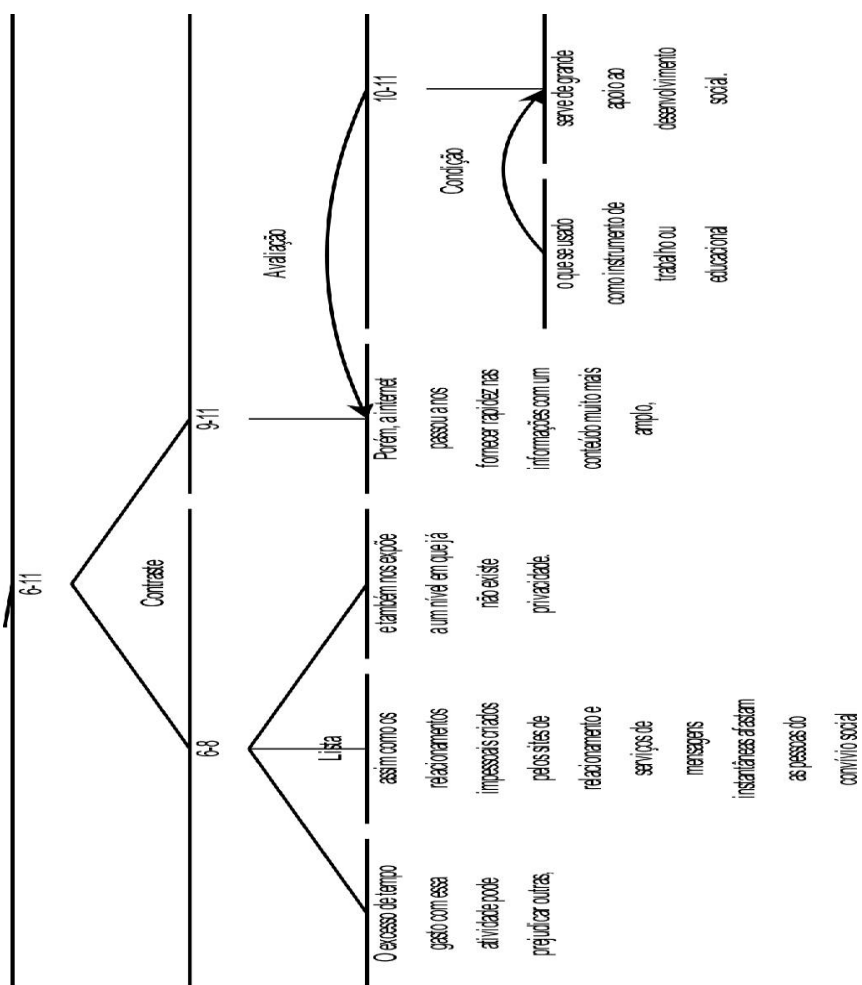


E3.14- RA8

Nessa redação, o candidato afirma, no tópico, que a internet não é nociva, em seguida apresenta exemplos dos benefícios que ela traz às pessoas. Esses exemplos são apresentados com uma relação multinuclear por meio de dois núcleos em que o candidato afirma que a internet facilita a

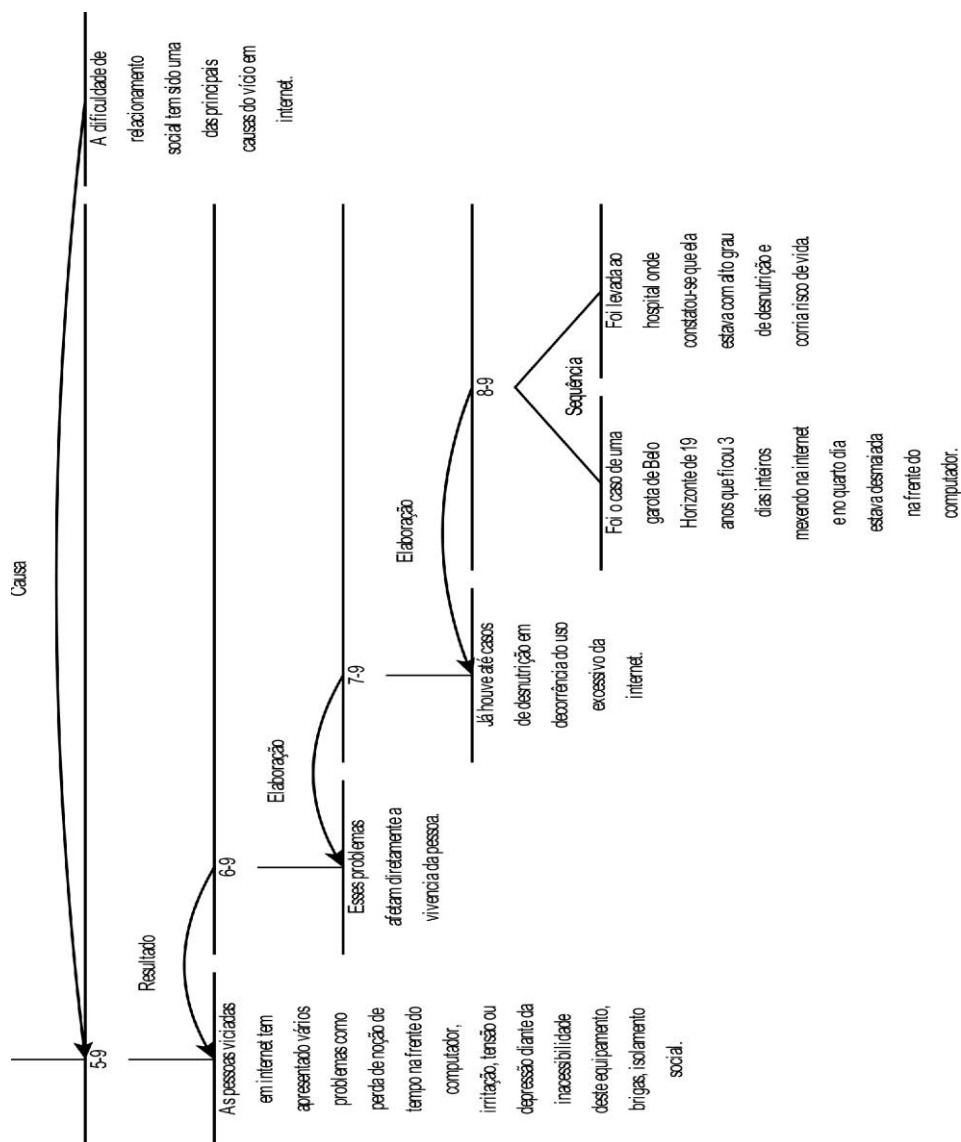
globalização, faz que as faculdades sejam mais acessíveis para quem precisa estudar e trabalhar ao mesmo tempo e a medicina usa a internet como arma para que as pessoas não tenham preconceitos com certas doenças.

Outra relação que aparece com frequência é a de **contraste**, que foi identificada em 6 das 15 redações analisadas (40%). Mais uma vez cabe ressaltar que a própria prova levava o aluno a ficar no meio termo e afirmar que a internet pode ser nociva, mas isso depende de quem a utiliza. Esse dado é relevante se pensarmos que os candidatos, na tentativa de atender ao comando e de pontuar na prova, tentariam mostrar os aspectos positivos e negativos da internet. Na RA2, por exemplo, o candidato afirma no tópico que a internet pode ser boa se não virar um vício. No DESENVOLVIMENTO ele retoma a informação de que o excesso de tempo gasto na internet pode prejudicar outras atividades, e exemplifica isso por meio de uma **lista**. E em seguida, ele marca o **contraste** com a conjunção adversativa “porém” e afirma que a internet também trouxe rapidez na busca por informações.



E3.15- RA2

A relação de **causa** foi identificada na RA11.

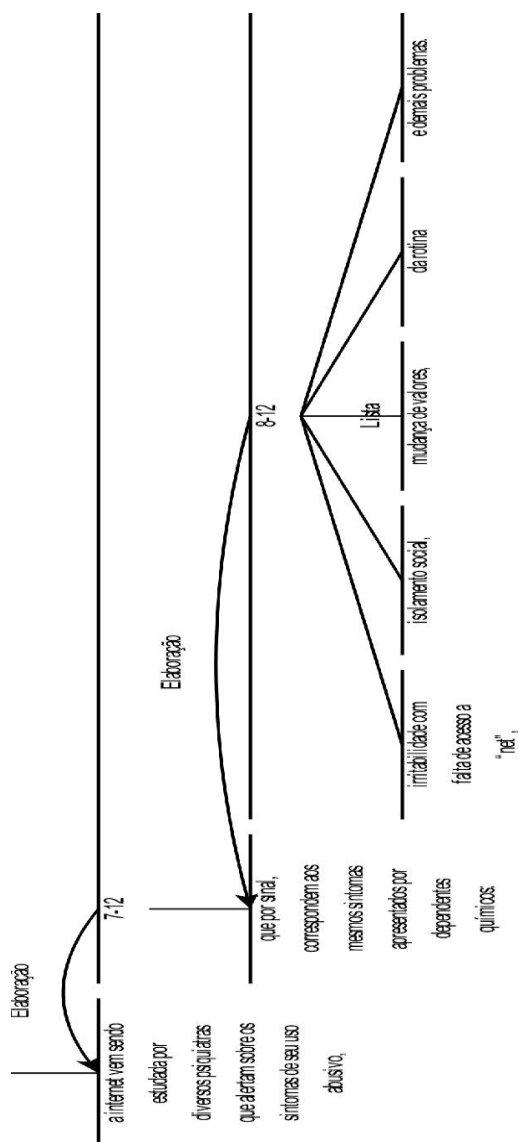


### E3.16- RA11

A relação de **causa** aponta uma situação que o candidato acredita que causou o núcleo, ou seja, o autor da redação afirma que é a dificuldade que as pessoas têm em se relacionar socialmente que causa o vício na internet e as situações que foram apontadas no núcleo.

A **elaboração** foi identificada no DESENVOLVIMENTO da RA4 (a seguir). Esse tipo de relação ocorre quando a intenção do produtor do texto é acrescentar informações adicionais ao núcleo (MANN E THABOADA, 2010). No caso da RA4, o candidato afirma no núcleo que existem sintomas do uso abusivo da internet e, no satélite, ele aponta quais são esses sintomas.





E3.17- RA4

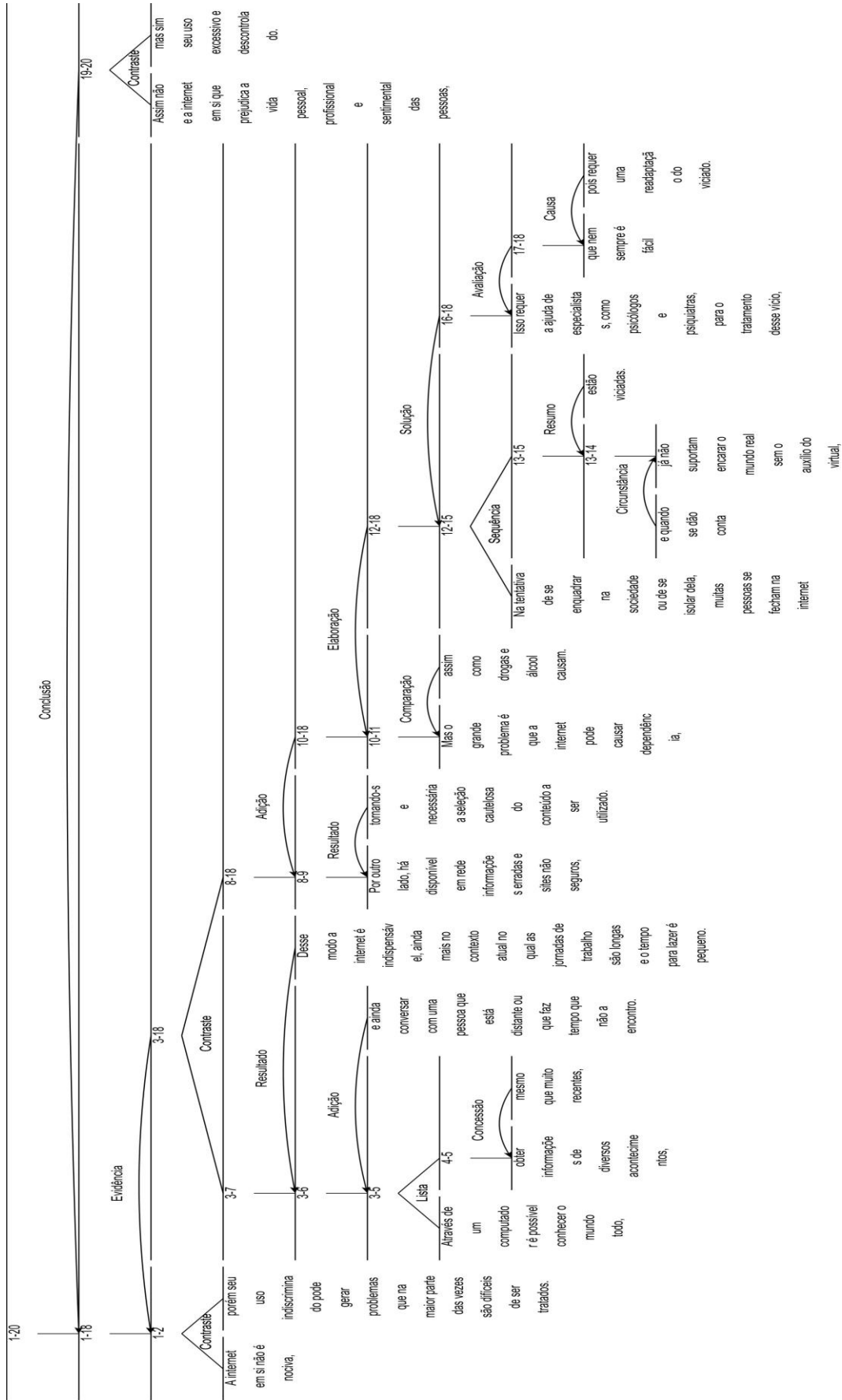
### 3.5 RELAÇÕES UTILIZADAS PELOS CANDIDATOS NO NÍVEL MAIS ALTO DO INTERIOR DA PORÇÃO TEXTUAL QUE COMPÕE A CONCLUSÃO.

O satélite de CONCLUSÃO, nas redações em que aparece, é composto por várias orações. No quadro a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência da relação que se estabelece no nível mais alto da estrutura retórica da porção textual que forma a CONCLUSÃO.

RELAÇÃO	N	%
Contraste	8	66,6
Adição	1	8,3
Comparação	1	8,3
Lista	1	8,3
Solução	1	8,3
TOTAL	12	100

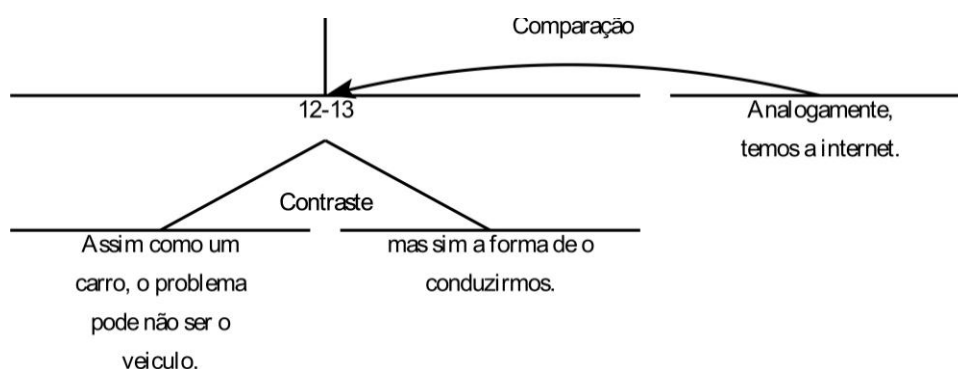
Quadro 5- frequência de ocorrência no nível mais alto do interior da porção textual que compõe a CONCLUSÃO

A relação que apresenta maior número de ocorrência na CONCLUSÃO das redações analisadas é a de **contraste**: 66,6%. É comum que isso ocorra nas redações em que o tópico foi desenvolvido por **contraste**, uma vez que a CONCLUSÃO é a reafirmação do que foi dito no tópico, e a relação que teve mais frequência no tópico foi justamente a de **contraste**. Isso acontece porque o candidato tem como intenção expor, na maioria das redações, que a internet tem pontos positivos e negativos. Tomemos como exemplo a RA7:



Nesse exemplo, o candidato, por meio do item porém, estabeleceu uma relação de **contraste** no tópico, afirmou que a internet não é nociva, mas seu uso indiscriminado pode causar problemas, a conjunção adversativa “porém” marcou a relação de contraste. No DESENVOLVIMENTO da redação ele apresentou pontos positivos e negativos da internet, reforçando e comprovando a AFIRMAÇÃO INICIAL. O DESENVOLVIMENTO se deu com uma relação de **contraste**, marcada pelo conector “por outro lado”. Na CONCLUSÃO, o autor do texto apresentou a mesma técnica, reafirmando, assim, o tópico. O **contraste** foi marcado pela conjunção “mas”.

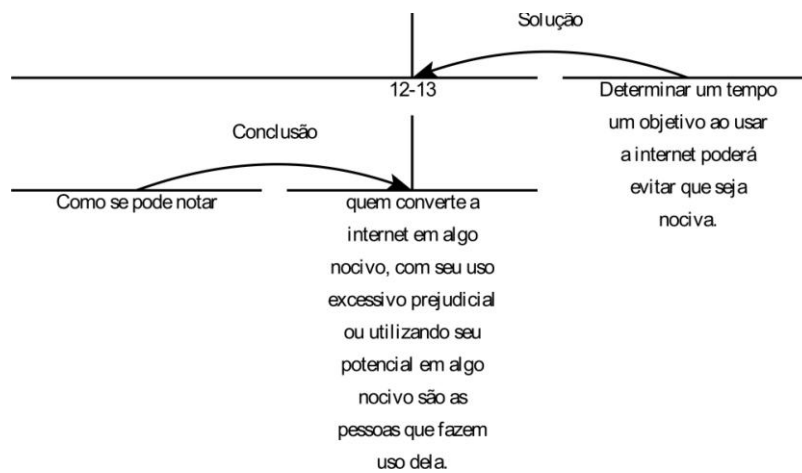
As outras relações encontradas (**solução, adição, lista, e comparação**) apresentam 1 ocorrência cada.



E3.19- RA12.

A relação de **comparação** implica encontrar elementos em comum nas duas porções textuais (MANN E THOMPSON, 2010). Da conclusão da RA12 emerge uma relação de comparação marcada pelo advérbio “analogamente”, que indica que as afirmações têm algo em comum. O candidato compara a internet a um veículo; a nocividade está em quem conduz e não na máquina em si.

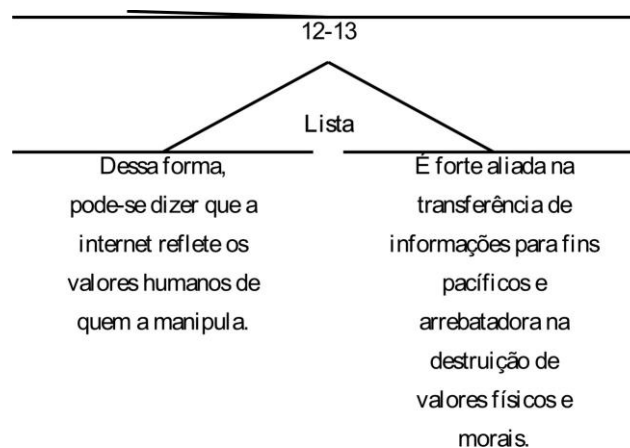
Na relação de solução, o satélite apresenta uma solução para o problema apresentado no núcleo (MANN E THOMPSON, 2010). Podemos observar uma ocorrência dessa relação no exemplo a seguir:



### E3.20- RA2

Na RA2, o candidato aponta, no satélite, uma solução para o que faz que a internet seja nociva ao afirmar que determinar um tempo de uso da internet pode evitar que ela se torne nociva. Para isso, o autor não utilizou marca formal alguma.

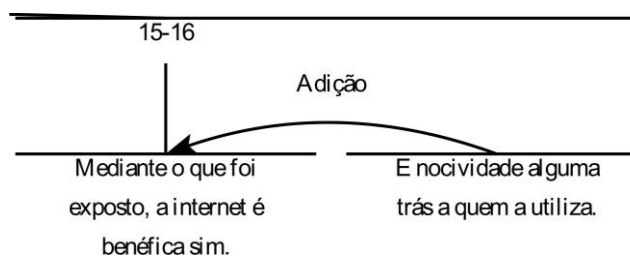
A relação de lista teve uma ocorrência e pode ser observada a seguir:



### E3.21- RA6

Na RA6, o candidato afirma que a internet reflete os valores humanos de quem a manipula e pode ser usada para coisas boas ou ruins.

A relação de **adição** pode ser observada no exemplo a seguir:



### E3.22- RA5

A conjunção “e” marca a relação de **adição** na RA5. Ao utilizar essa relação, o candidato acrescenta uma informação ao núcleo. O autor da redação se posiciona desde o começo da redação; na CONCLUSÃO ele reafirma o que defendeu o texto todo: além de ser benéfica, não faz mal algum às pessoas.

### 3.6 RELAÇÕES UTILIZADAS PELOS CANDIDATOS NA MICROESTRUTURA DA RESPOSTA ARGUMENTATIVA

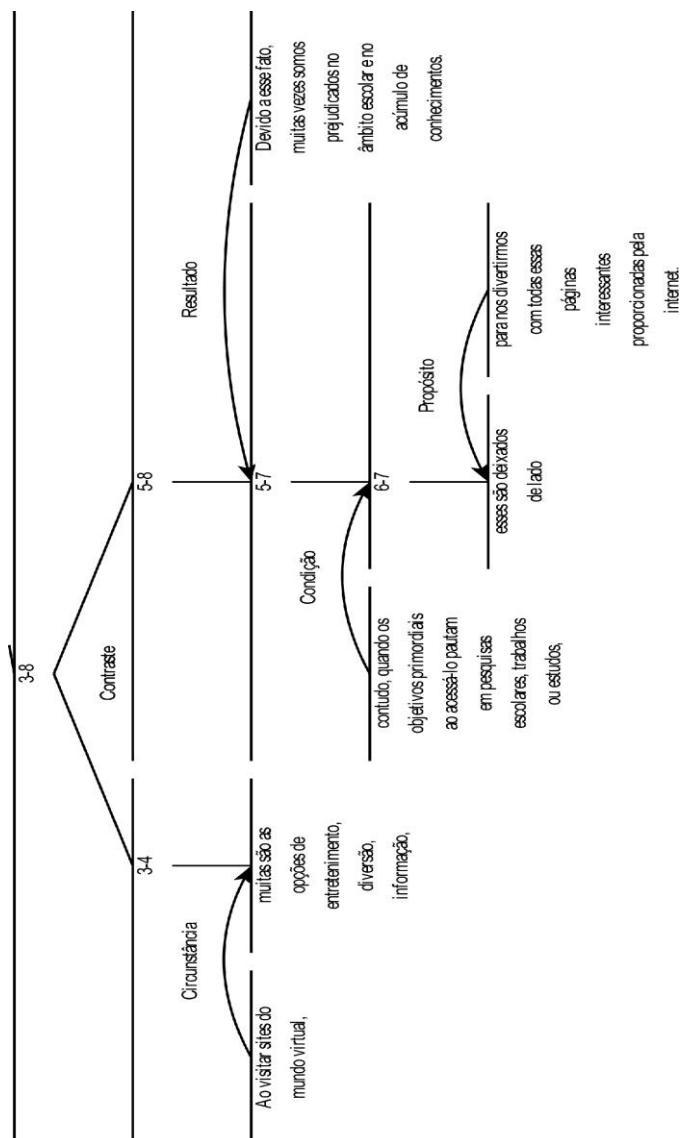
Para Van Dijk (1992), microestrutura é a relação entre sentenças ou entre proposições, ou seja, são conexões lineares entre elementos em uma sequência. Neste trabalho, vamos tomar como orações adjacentes aquelas que surgem nos níveis mais baixos da estrutura retórica, as que têm algum tipo de relação com a microestrutura textual e de alguma forma auxiliam na comprovação do que foi exposto pelo candidato na produção do texto.

No quadro a seguir, apresentamos a frequência de ocorrência das relações entre orações adjacentes encontradas no *corpus* desta pesquisa.

RELAÇÃO	N	%
Resultado	24	18,04
Elaboração	16	12,03
Lista	16	12,03
Contraste	12	9,02
Condição	11	8,27
Causa	10	7,51
Circunstância	7	5,26
Avaliação	5	3,75
Evidência	5	3,75
Justificativa	5	3,75
Exclusão	4	3
Adição	3	2,25
Comparação	3	2,25
Concessão	3	2,25
Resumo	2	1,5
Sequência	2	1,5
Fundo	1	1,33
Disjunção	1	1,33
Parentético	1	1,33
Solução	1	1,33
Propósito	1	1,33
TOTAL	133	100

Quadro 6- frequência de ocorrência das relações utilizadas na microestrutura da RA

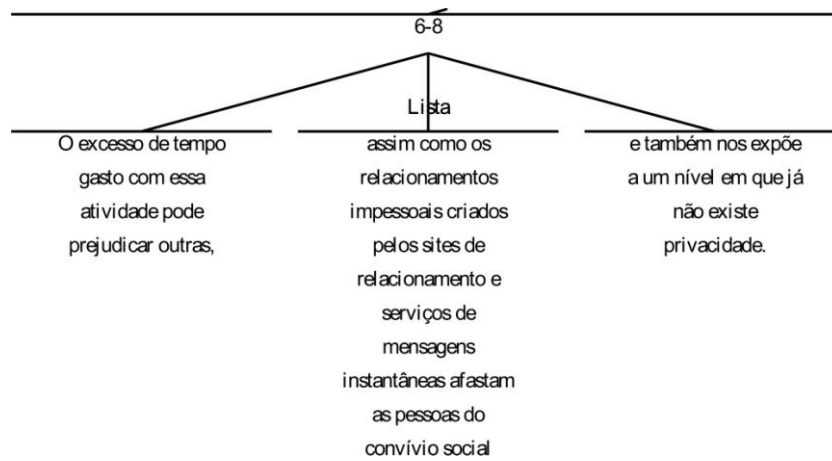
Foram encontradas 133 relações entre orações. Dentre elas, a mais recorrente foi a de **resultado**, que foi utilizada 24 vezes em 15 redações, o que corresponde a 18,04%. É o que acontece no exemplo 3.23.a:



E3.23- RA1

Ao utilizar a relação de **resultado**, o candidato mostra que o núcleo pode ser a causa da situação apresentada no satélite (MANN E THOMPSON, 2010). Nesse exemplo, a relação de **resultado** é marcada pela expressão “devido a esse fato”, que deixa bem claro que se trata de uma consequência. O candidato a utilizou para comprovar um dos pontos da relação de **contraste** que foi estabelecida no DESENVOLVIMENTO.

Outra relação que foi utilizada com bastante frequência foi a de **lista**:12,03%. Tomemos como exemplo a ocorrência a seguir:

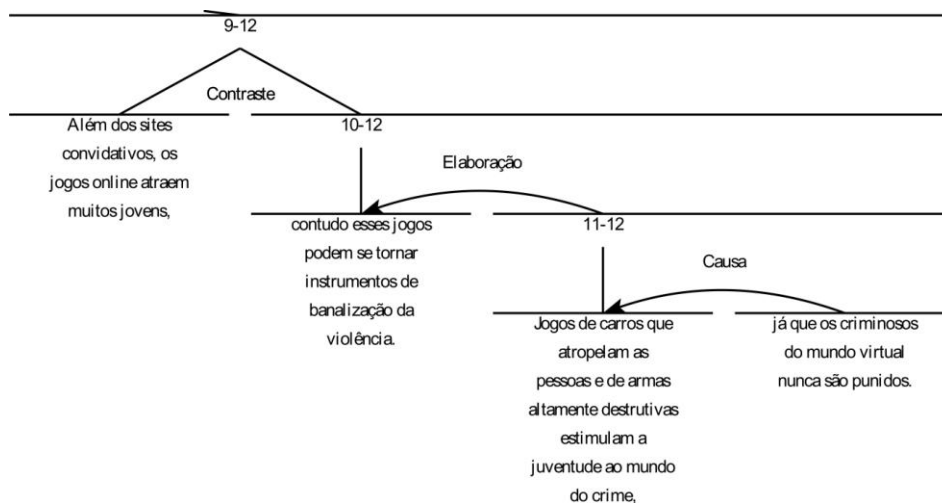


### E3.24- RA2

No diagrama do texto 2, podemos perceber que a relação de **lista** é utilizada para elencar situações em que a internet pode ser nociva às pessoas. Uma vez que é característico do gênero apresentar o tópico, a explicação e os exemplos, era previsível que a relação de **lista** tivesse um grande número de ocorrências mesmo nas orações adjacentes uma vez que essa relação é utilizada para elencar elementos de mesmo estatuto que, embora sugiram a ideia de adição, tratam os elementos de forma equivalente, corroborando a identificação da relação com a de **lista**. Os conectivos que marcam essa relação são: a conjunção “assim” e a locução “e também”.

A relação de **elaboração** foi utilizada 16 vezes, o que corresponde a 13,67% das ocorrências. A relação de **elaboração** apresenta dados adicionais sobre a situação, sobre alguns elementos apresentados no Núcleo (N) ou informações passíveis de serem inferidas do núcleo (MANN E TABOADA, 2010). A relação de **elaboração** traz dados adicionais ao que foi exposto no início, por isso foi utilizada com uma frequência significativa pelos candidatos. Podemos verificar uma ocorrência de elaboração nas relações adjacentes no exemplo 3.4.c.:





### E3.25- RA1

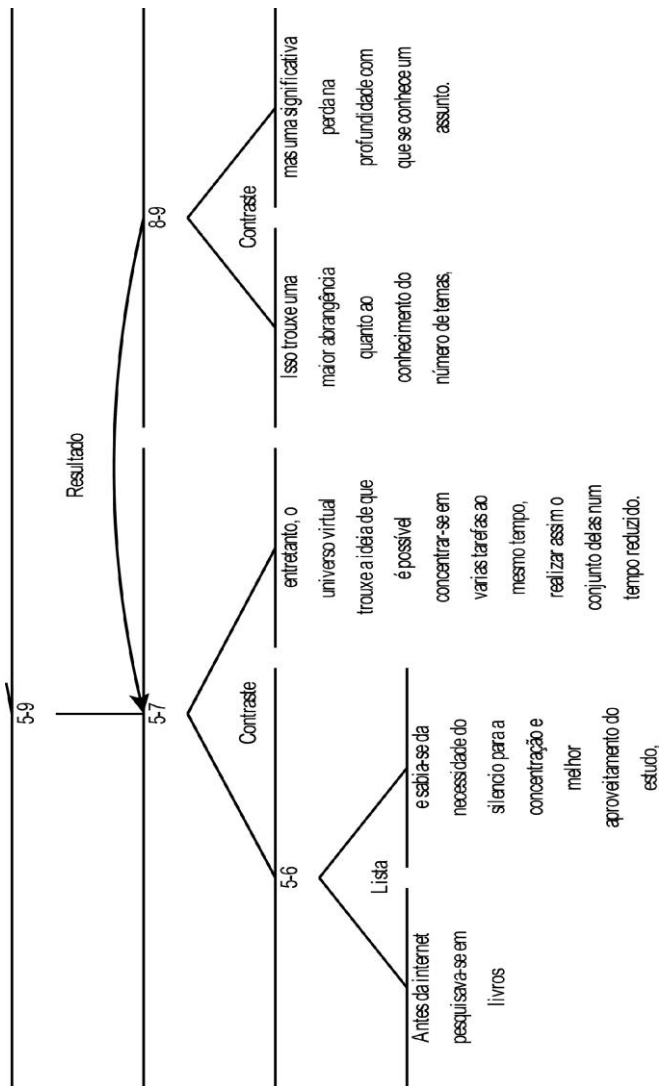
No caso da RA1, a relação de **elaboração** foi utilizada pelo candidato para acrescentar informações sobre os jogos que são violentos. Não foi um conectivo ou marcador específico que nos fez chegar a essa análise, mas o fato de que foram acrescentados detalhes relevantes ao núcleo.

A relação de **causa** também pode ser observada no exemplo E3.21. A causa é aquela que origina o núcleo, de maneira voluntária<sup>12</sup> ou não. Foram encontradas 8 ocorrências de relação de **causa**, o que equivale a uma frequência de 6,83% das ocorrências. No texto RA1, a relação é utilizada para justificar porque os jogos causam a banalização da violência; o candidato expõe que nos jogos a violência nunca é punida.

A relação de **condição** também teve uma frequência de 6,83%. Podemos observar uma ocorrência também no exemplo E3.20, no qual a **condição** serviu como um ponto de partida para a relação de **propósito**, que só teve uma ocorrência em todo o *corpus*, também na RA1. A relação de **condição** foi marcada pelo conectivo quando, que, nesse caso, serviu para marcar uma condição e não, um tempo, uma vez que ele afirma que a internet só deixa de ser útil se for utilizada apenas como diversão.

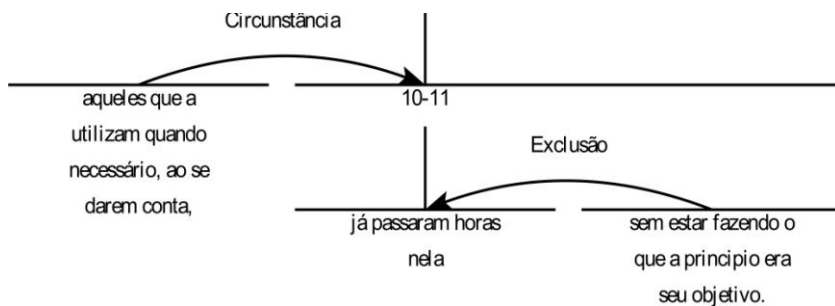
Mais uma vez a relação de **contraste** teve um considerável número de ocorrências, isso porque a maioria das redações foi produzida a partir da apresentação de pontos positivos e negativos da internet.

<sup>12</sup> Não levaremos isso em conta nesta pesquisa por não julgarmos relevante para o desenvolvimento da argumentação na RA.



E3.26- RA8.

A relação de **contraste** nessa redação foi utilizada para desenvolver o resultado de outra relação de **contraste**. O candidato utilizou essa relação em todo o desenvolvimento do texto, seu objetivo era marcar os prós e contras do uso da internet. Podemos observar que o fato de o candidato começar e terminar a redação afirmando que ela tem pontos positivos e negativos refletiu, inclusive, nas relações utilizadas para criar o texto. A conjunção adversativa “mas” foi utilizada por ele para marcar o contraste.



E3.27- RA15

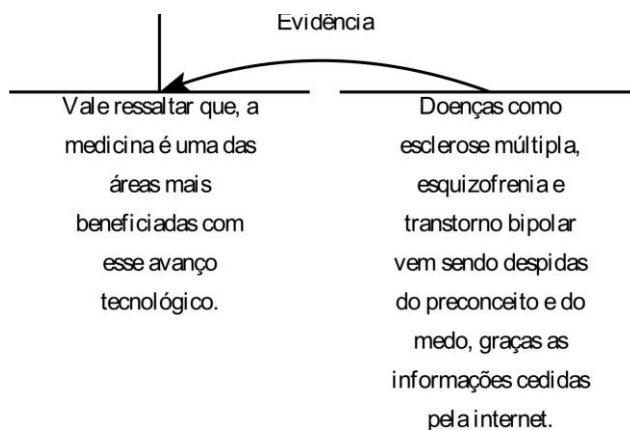
A relação de **circunstância** apresentou 7 ocorrências, o que resulta em uma frequência de 5,26%. No caso da RA15, o que marca a **circunstância** é a oração “ao se darem conta”. Nessa relação, o leitor reconhece que o satélite fornece o contexto para interpretação do núcleo.

**Avaliação, evidência e justificativa** foram utilizadas na microestrutura de 5 redações, com uma frequência de 3,75% das ocorrências.



E3.28- RA4

Na relação de **avaliação**, segundo Mann e Taboada (2010), o leitor reconhece que o satélite confirma o núcleo e reconhece o valor que lhe foi atribuído. Na redação RA4 a afirmativa “pode sim, tornar-se um grande mal” apresenta uma confirmação que o candidato faz a respeito do que foi exposto no núcleo.



E3.29- RA5

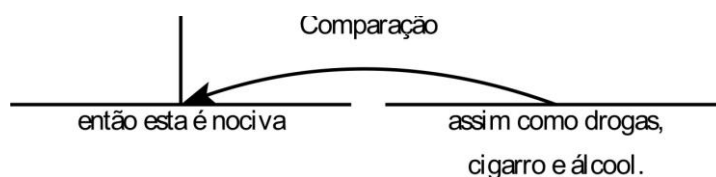
O candidato apresenta um argumento e evidências para tentar fazer que o leitor acredite no conteúdo do núcleo ou concorde com o conteúdo do núcleo. São essas evidências que marcam a relação retórica utilizada pelo escritor.



E3.30- RA10

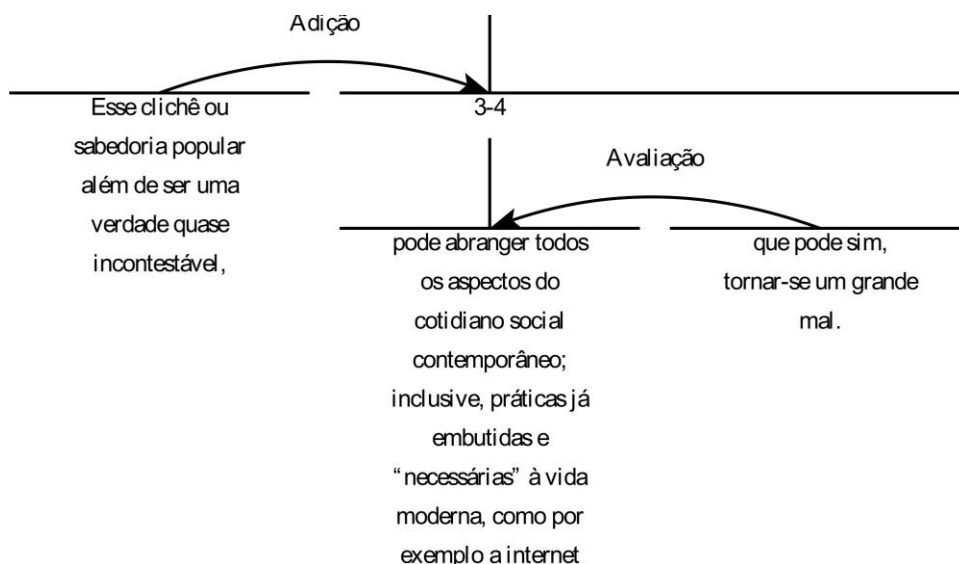
A relação de **justificativa** implica a utilização do satélite para justificar o conteúdo do núcleo. Na RA10, a conjunção explicativa “já que” indica que o candidato está justificando o fato de ter afirmado que é possível cultivar antigas amizades.

As relações de **comparação**, **adição** e **concessão** tiveram 3 ocorrências cada, o que resultou em uma frequência de 2,25%.



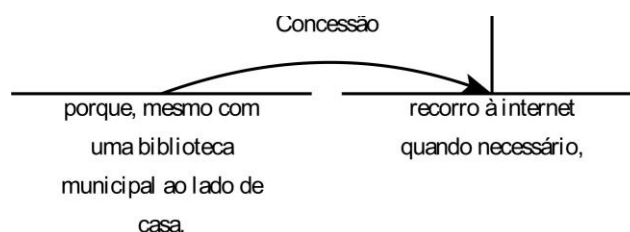
E3.31- RA11

Na relação de **comparação**, definida por Pardo (2005), o satélite apresenta uma característica de algo ou alguém que é comparável ao que foi apresentado no núcleo. Na RA11, o candidato usa a locução conjuntiva “assim como” para comparar o vício na internet com o vício que as pessoas têm nas drogas.



### E3.32- RA4

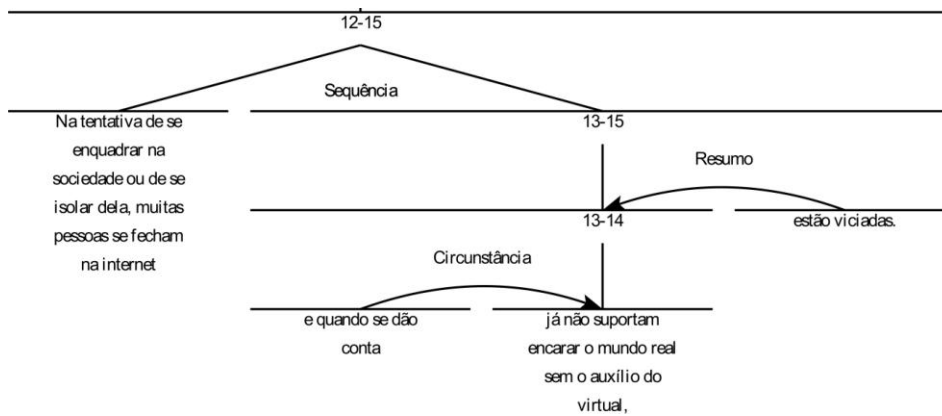
A locução adverbial “além de” marca a relação de **adição**, em que o candidato utiliza o satélite para acrescentar informações adicionais ao núcleo, que tem um argumento mais forte.



### E3.33- RA15

A relação de **concessão** envolve uma quebra de expectativa, ou seja, o núcleo indica uma ação ou ideia que não se concretiza no satélite. O candidato utiliza a conjunção “mesmo” para quebrar uma expectativa, uma vez que tem uma biblioteca perto de casa, mas não vai até lá porque usa a internet quando precisa.

**Sequência e resumo** tiveram apenas 2 ocorrências cada uma, com uma frequência de 1,5% cada.

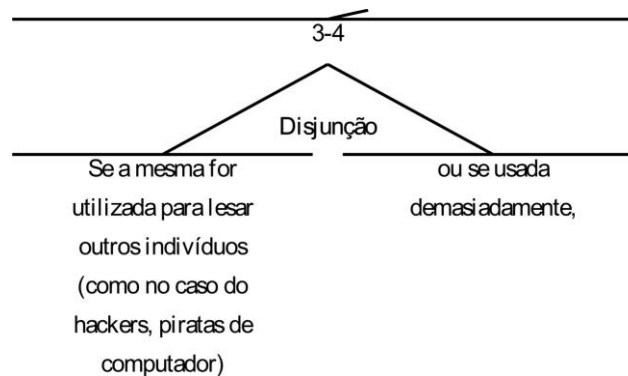


### E3.34- RA7

Na relação de **sequência**, segundo Mann e Taboada (2010) existe uma sucessão entre os fatos apresentados. O candidato afirma que primeiro as pessoas se fecham na internet e depois se dão conta de que não conseguem encarar o mundo. O conectivo “e” traz a ideia de sequência.

Os mesmos autores postulam que a relação de **resumo** implica a reformulação do conteúdo do núcleo, mas com menor extensão, não é necessário que exista um conectivo para marcar essa relação. Como acontece na RA7, o candidato utiliza a oração “estão viciadas” para resumir o que foi anunciado no núcleo do resumo, ou seja, ele afirma a mesma coisa, mas com outras palavras.

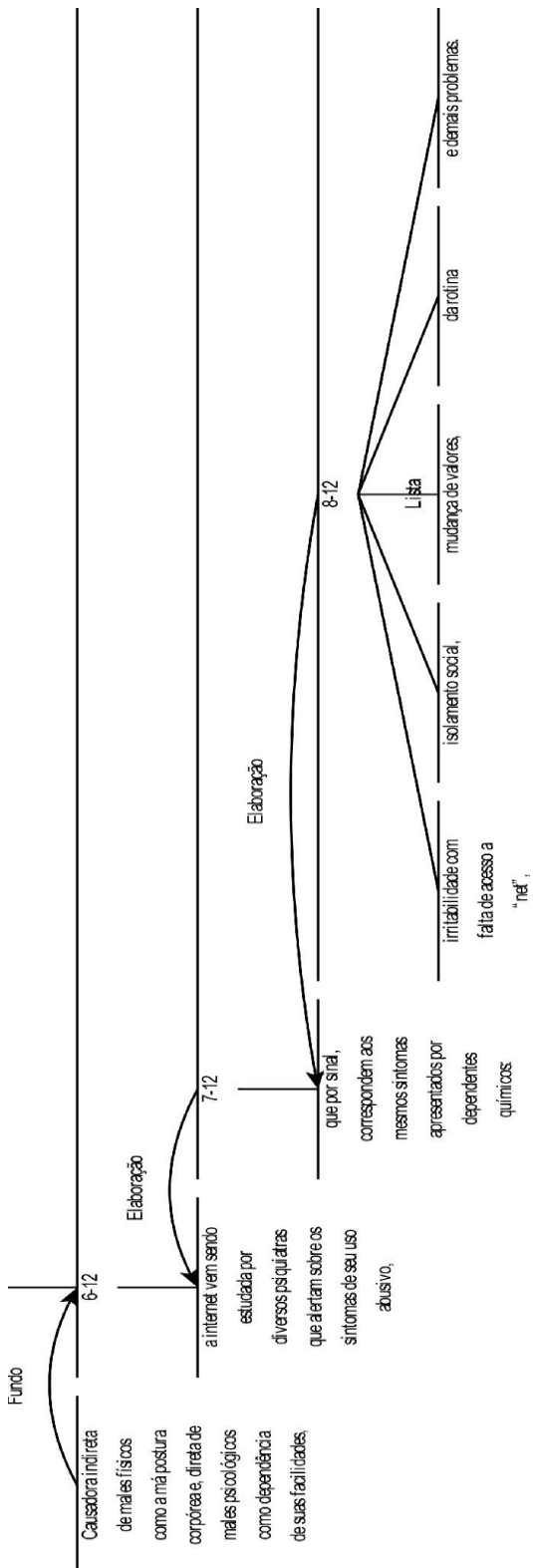
Por fim, **disjunção**, **fundo**, **solução**, **parentética** foram as relações que apresentaram menor frequência, 1,33% cada, o que corresponde a apenas 1 ocorrência para cada uma dessas relações.



### E3.35- RA12

O candidato que produziu a RA12 utilizou as conjunções “se”... “ou se” para marcar a relação de **disjunção**. Mann e Taboada (2010) afirmam que nessa relação o satélite oferece uma alternativa (não necessariamente

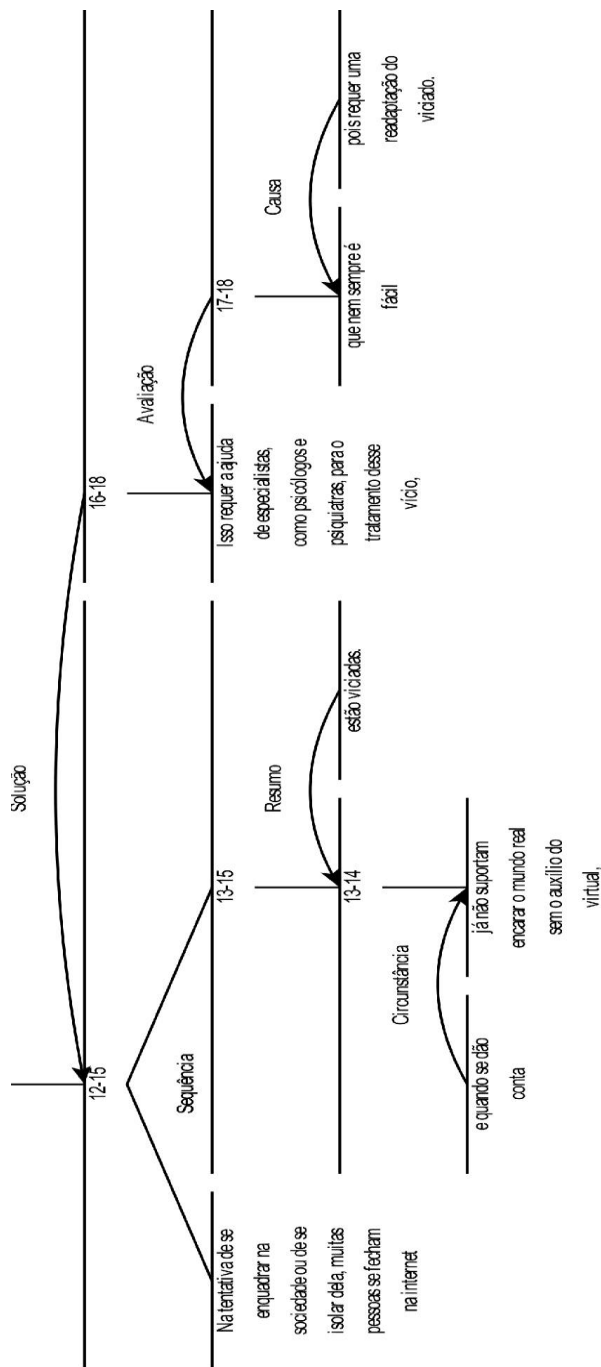
exclusiva) à outra. Na redação o candidato afirma que a internet é nociva se for utilizada em demasia ou para cometer crimes, e um uso não exclui o outro.



### E3.36- RA4

No exemplo E3.36, o candidato utiliza a relação de **fundo** no DESENVOLVIMENTO. Para Mann e Taboada (2010), a relação de **fundo**

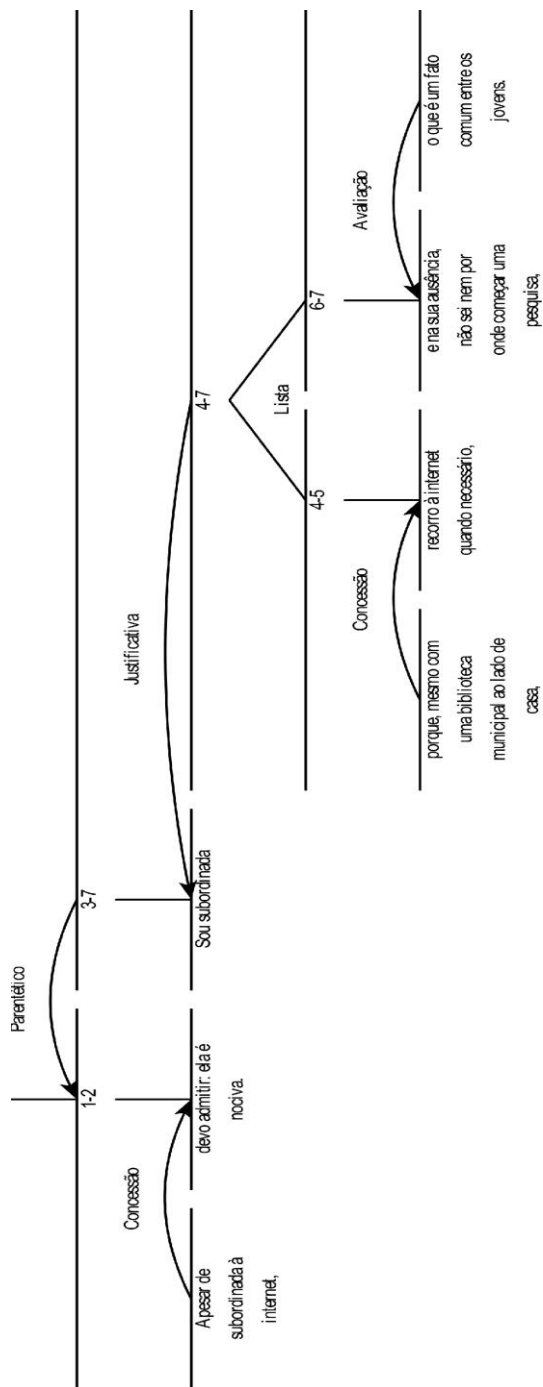
busca aumentar a capacidade do leitor em compreender o conteúdo do núcleo. Nessa redação, o candidato apresentou informações a respeito da internet, quando afirmou que ela causa males físicos e psicológicos antes de começar sua argumentação.



### E3.37- RA7

Na RA7, o candidato apresenta o problema e, em seguida, aponta uma solução. Ele sugere que o viciado deve procurar ajuda com especialistas para deixar o vício em internet.





### E3.38- RA15

A relação **parentética** não faz parte das relações clássicas da RST; sua definição foi apontada por Pardo (2005). O autor afirma que, nessa relação, o satélite apresenta informação extra relacionada ao núcleo que não foi apontada no fluxo principal do texto. Ao utilizar essa relação, o candidato interrompe o fluxo de informações, acrescenta informações que ele acha relevante e volta ao fluxo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base a Teoria da Estrutura Retórica (RST), uma teoria de cunho funcionalista que busca analisar as relações estabelecidas entre porções de textos, este trabalho teve como objetivo investigar como as relações retóricas auxiliam no desenvolvimento da argumentação em redações do gênero Resposta Argumentativa. Também tivemos como objetivo investigar as marcas linguísticas que podem auxiliar na identificação dessas relações.

O *corpus* selecionado foi composto por 15 redações do gênero Resposta Argumentativa do Concurso Vestibular de Inverno 2009 da Universidade Estadual de Maringá. As redações escolhidas para o *corpus* foram aquelas que bem avaliadas pela banca, isso quer dizer que seguiam critérios que levaram em conta se a forma do gênero e a organização das porções textuais estavam adequadas ao gênero resposta argumentativa, ou seja: precisavam apresentar uma resposta à pergunta feita no enunciado, um desenvolvimento com a argumentação e poderia apresentar uma conclusão.

Primeiramente, realizamos uma análise da superestrutura textual, e verificamos que, de 15 redações, apenas uma desenvolveu o TÓPICO por elaboração; nas outras 14 redações, o DESENVOLVIMENTO ocorreu por meio da relação de **evidência**. Essa maior frequência da relação de **evidência** se justifica pelo fato de que, quando utiliza essa relação, o produtor do texto tem como intenção aumentar a crença do leitor no conteúdo do núcleo (MANN E TABOADA, 2010). Isso reforça a argumentação, que é uma das finalidades do gênero resposta argumentativa. Além disso, ainda na análise da superestrutura textual, 3 redações não apresentaram a porção textual CONCLUSÃO, o que não compromete a estrutura do gênero.

Em seguida, observamos as relações que foram utilizadas no nível mais alto do interior da porção textual que compõe cada parte da superestrutura. Na afirmação inicial, a relação que teve uma maior frequência de ocorrência foi a de **contraste**, que foi encontrada em 30,7% das redações. Essa relação ainda aparece com maior frequência nas outras porções textuais. Isso acontece porque o próprio enunciado e os textos de apoio da prova levam o candidato a estabelecer contrastes: a maioria afirma que a internet é boa e traz benefícios

se for utilizada da maneira correta, caso contrário, ela é nociva e pode prejudicar as pessoas.

No nível mais alto do DESENVOLVIMENTO das redações, a relação de **lista** foi a que teve mais ocorrências: esteve presente em 46,6% das relações encontradas nesse nível. O que justifica a alta frequência de ocorrência dessa relação é a própria forma do gênero estudado. Na RA, o produtor do texto deve responder à pergunta, exemplificar e explicar sua resposta. Uma vez que na relação de **lista** o produtor apresenta elementos de mesmo estatuto de informação, ela é utilizada pelo candidato para exemplificar a afirmação inicial, ou elencar argumentos, que são desenvolvidos no nível seguinte.

No nível mais alto do interior da porção textual que compõe a CONCLUSÃO, a relação com maior frequência de ocorrência foi a de **contraste**, encontrada em 8 das 15 redações analisadas. Isso se justifica pelo fato de que a CONCLUSÃO é a retomada da AFIRMAÇÃO INICIAL, e a maioria das relações encontradas na AFIRMAÇÃO INICIAL também foi a de **contraste**.

Por fim realizamos uma análise das relações que tiveram maior ocorrência na microestrutura textual, entre orações adjacentes. Algumas relações surgem na microestrutura textual e colaboram para o desenvolvimento da argumentação nos textos argumentativos, uma vez que expandem informações do núcleo ou acrescentam informações ao núcleo. Dentre essas, a relação de **resultado** foi a que teve maior ocorrência nas redações do *corpus*; ela foi utilizada 24 vezes em 15 redações, o que corresponde a 18,04% das ocorrências.

Em cada exemplo utilizado para demonstrar como as relações se apresentavam no *corpus*, foi feita uma análise sobre o tipo de marcação da relação utilizado pelo produtor do texto. Esse aspecto do trabalho é de suma importância, uma vez que a descrição e a identificação de marcas que ajudem a identificar as relações retóricas podem auxiliar no ensino de redação.

Os resultados desta pesquisa apresentaram as relações mais recorrentes em boas redações argumentativas. Assim, podemos afirmar que essas relações contribuem com o bom desenvolvimento da resposta argumentativa. Isso pode auxiliar no desenvolvimento de novas pesquisas

sobre argumentação e coesão textual, além de apontar como a RST pode contribuir com a elaboração da coesão e coerência textuais.

É importante que surjam novas pesquisas na área da RST, pois o estudo das relações entre porções de textos deve auxiliar o desenvolvimento do ensino de redação. A RST pode ser utilizada para descrever a superestrutura de outros gêneros textuais, bem como as maneiras mais comuns de marcação formal das relações nesses gêneros. Este estudo poderá contribuir com o ensino de redação, uma vez que as relações retóricas estão diretamente ligadas à coesão textual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, J.D. Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português. Araraquara, 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras/ Unesp/ Araraquara.

\_\_\_\_\_. O texto como objeto de estudo na linguística funcional. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (orgs) *O texto como objeto de ensino de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Ed, da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 4. ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAITH, B. Bakthin e o círculo. São Paulo-SP. Ed. Contexto, 2009.

BUTLER, C. S. Structure and function: a guide to three major structural-functional theories. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2003.

\_\_\_\_\_. Functional approaches to language. In: C. S. Butler, M. L. A. Gómez-González and S. M. Doval-Suárez (eds.) *The Dynamics of Language Use: Functional and Contrastive Perspectives*. Amstedam and Philadelphia: John Benjamins, 2005.

CHAFE, W. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. Coherence and Grounding in Discourse. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987.

DECAT, M.B.N. Aspectos da gramática do português: uma abordagem Funcionalista. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001.

DIK, C. S. The Theory of Functional Grammar. Dorderecht-Holland/Providence RIEUA: Foris Publications, 1989.

\_\_\_\_\_. The theory of Functional Grammar. Part II: Complex and derived constructions. Berlin-New York: Mouton de Gruyter. 1997.

DU BOIS, J.W. Competing Motivations. In: Haiman, J (ed.). **Iconicity in Syntax**. Amsyterdam/Philadelphia: J.Benjamins, 1985.

FURTADO CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org) *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA,

M.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. R. de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, FGV, 1985.

GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A.; TABOADA, M. Coherence relations in functional discourse grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). *Studies in functional discourse grammar*. Berne: Peter Lang, 2005.

HALLIDAY, M.A.K. *Explorations in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.

HYMES, D. "Competence and performance in linguistic theory" *Acquisition of languages: Models and methods*. Ed. Huxley and E. Ingram. New York: Academic Press. 1971.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics- An Ethnographic approach*. University of Pennsylvania Press. Philadelphia, 1974.

KOCH, I. V. *Linguística do Discurso: o salto qualitativo*. In: Anais do II Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1988.

MANN, W.C., TABOADA, M. *Introdução à Teoria da Estrutura Retórica*. Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>. 2005

MANN, W. C.; TABOADA, M. *RST Web Site*. 2010. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/01intro/definitions.html>>.

Mann, W.C.; and Thompson, S.A; *Relational propositions in discourse*. Marina del Rey, CA: Information Sciences Institute. 1983.

MANN, W.C; THOMPSON, S.A. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization* 8 (3): 1988.

MANN, W.C. & THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. ISI/RS-87-190,1987.

MENEGASSI, R.J. Exauribilidade temática no gênero discursivo. In SALEH, P.; OLIVEIRA, S. (orgs). *Leitura, escrita e ensino de língua em debate*. Ponta Grossa: UEPG, 2009.

MENEGASSI, R.J. *Gênero Discursivo* (mimeo), 2010.

NEVES, M.H. M. *Uma visão geral da gramática funcional*. ALFA. 1994.

- \_\_\_\_\_. A Gramática Funcional. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. A gramática funcional. Texto e linguagem. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2006
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual review of anthropology**.1984.
- PARDO, T.A.S.. Métodos para Análise Discursiva Automática. 2005. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo. São Carlos-SP, Junho, 211p.
- Sanders, T., Spooren, W., Nordman, L. *Toward a Taxonomy of coherence relations*. Discourse Processes. 1992.
- TABOADA, M; GÓMEZ-GONZALEZ, M.L.A. Coherence relations in Functional (Discourse) Grammar. In: MACKENZIE, J.L.; GÓMEZ-GONZALEZ, M.L.A. *Studies in Functional Discourse Grammar*. Berne: Peter Lang. 2005.
- TABOADA, M; MANN, W.C. Applications of Rhetorical Structure Theory. *Discourse Studies* 8(4): 2006.
- TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (Ed.) *Discourse, of course*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- TABOADA, M.; MANN, W. Rhetorical Structure Theory: Looking back and moving ahead. *Discourse Studies*, 2005.
- THOMPSON, S. 1985. Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clause in English.
- THOMPSON, S.A. and MANN, W.C. *A discourse view of concession in writtem English*. In Proceedings of the second annual meeting of the Pacific Linguistics Conference. Scott De Lancey an Russel Tomlin (eds.). 1986
- VAN DIJK, Teun. 1985. "Introduction: Discourse analysis as a new discipline". *Handbook in discourse analysis. Disciplines of discourse*. Vol. 1. Nueva York: Academic Press.
- VAN DIJK, A.T.- Macrostructures: an interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers 365 Broadway Hillsdale, New Jersey. 1980
- VAN DJIK, T.; Kintsch, W. Strategies of discourse comprehension. Orlando: Academic Press, 1983
- VAN DIJK, A. T.Cognição, discurso e interação. São Paulo: Contexto, 2000. (1992)

\_\_\_\_\_Texto y contexto (semântica y pragmática del discurso). Madrid: Cátedra, 1984.

\_\_\_\_\_Estructuras y funciones del discurso: una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, SA, 1983.

VAN VALIN, R.D., JR. Functional linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J.(eds.) *The handbook of linguistics*. Malden. Blackwell Publishers, 2002.



## ANEXOS

ANEXO A- Prova de Redação do Concurso de Vestibular da UEM- Inverno (2009)

(UEM inverno 2009) A coletânea de recortes de textos abaixo, retirados de fontes variadas, aborda a temática *Vício na internet*. Tendo-a como apoio, redija os gêneros textuais solicitados.

Quando se fala em vício, logo pensamos em drogas, cigarro, álcool, jogatina, entre outros. Porém, o vício está ligado a uma questão mais ampla, ou seja, não se restringe a um ou dois aspectos, mas sim a diversos. Há o vício em internet, diagnosticado quando as pessoas têm sua vida pessoal, profissional e sentimental afetada pela permanência exagerada na internet.

(Texto adaptado de <http://www.brasilecola.com/informatica/ciberviciado.htm>)

### **Vício em internet é doença, defende psiquiatra**

Em editorial no *American Journal of Psychiatry*, Jerald Block, da Universidade de Saúde e Ciência de Oregon, alega que o vício hoje é tão comum que deveria entrar na lista contida no Manual de Estatística e Diagnóstico de Distúrbios Mentais – o principal livro de referência da Associação Americana de Psiquiatria para categorizar e diagnosticar doenças mentais.

Segundo o especialista, o vício em internet tem quatro comportamentos principais: uso excessivo, frequentemente associado à perda da noção do tempo ou negligência de impulsos básicos; sentimentos de irritação, tensão ou depressão caso o computador esteja inacessível; necessidade de computadores melhores, mais software ou mais horas de uso; e reações negativas como brigas, isolamento social e fadiga ligadas ao uso do computador.

(<http://tecnologia.terra.com.br/interna/0.OI2704377-EI4802,00.html>)

### **Brasil está entre países que tratam viciados em internet**

Agnes Dantas

Tem gente que senta diante do computador para trabalhar ou fazer o dever de casa, dá uma passadinha no MSN para ver quem está on line, e entra no

Orkut para saber se há novos posts e, de repente, se dá conta de que se passaram 10, 12 horas de conexão à internet. Nem todo o mundo sabe, mas existe uma linha tênue entre a mania de estar conectado e o vício em internet. (<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2006/10/31/286471817.asp>)

### **A doença da conexão**

Ninguém se surpreende ao ver a executiva Andiara Petterle entrar e sair de seu escritório com o laptop em mãos. Como tantos profissionais, é pela internet que ela dá respostas rápidas a seus clientes mais exigentes. Uma rotina normal, se não fosse tão difícil para essa gaúcha de 28 anos se desconectar. O problema veio à tona há quatro anos, quando uma viagem com o marido se tornou um tormento diante da impossibilidade de se conectar à internet no local. (...)

A compulsão por e-mails é uma extensão da dependência de internet, problema que se manifesta também com jogos e compras on-line, salas de bate-papo e sites eróticos.

(Revista *Veja*, n.º 2001, 28 de março de 2007)

- **Internet cria novo tipo de viciado: como as drogas e o álcool, o computador pode causar dependência, principalmente quando preenche carências e ansiedades**

"Ninguém se torna dependente de uma coisa que não traz prazer. A internet é, sem dúvida, prazerosa e se torna dependência quando passa a preencher uma carência, diminuir a ansiedade, aliviar uma angústia", diz o psiquiatra André Malbergier, coordenador do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP).(...)

O tratamento também é semelhante ao que se submete um dependente de droga. Inclui psicoterapia para tentar descobrir que conflitos pessoais levaram à dependência – parte dos viciados em internet, dizem os especialistas, tem extrema dificuldade de relacionamento social. Em muitos casos, é preciso tomar remédios que diminuam o impulso pelo computador.

(...) "Não podemos transformar a internet no vilão, porque o problema é o uso que nós fazemos dela", diz Maluh Duprat, da PUC-SP. "A internet é um instrumento fundamental."

<http://www.gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Informacoes&ParentId=349>

Redija, em até 15 linhas, uma **resposta argumentativa** à pergunta “A internet é nociva?”. Sua resposta pode apoiar-se na coletânea de textos, mas **não** deve apresentar cópias dela.

## ANEXO B- Definições das relações

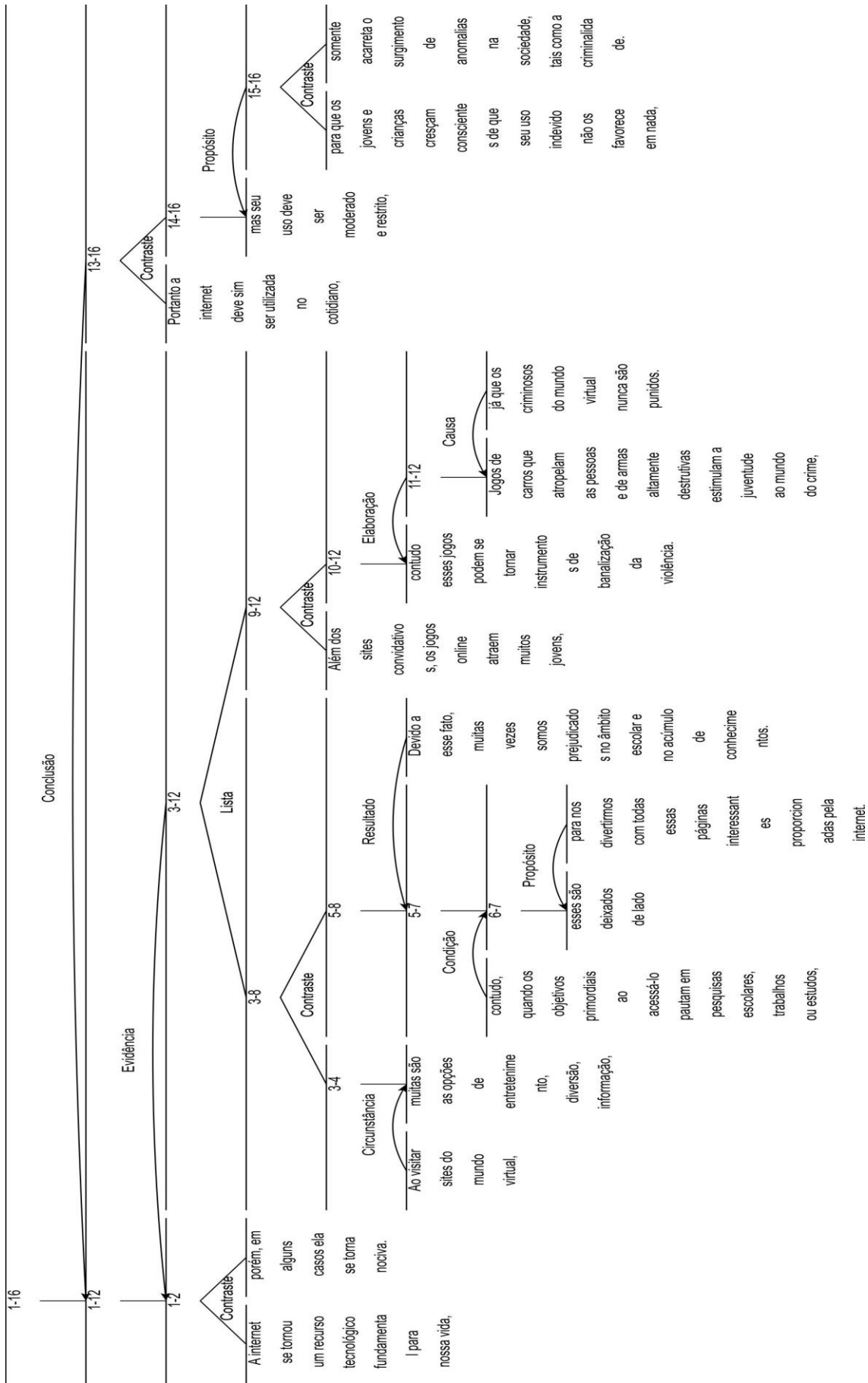
Definições de Relações de apresentação			
Nome da relação	Restrições em S ou N individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção de W
<u>Antítese</u>	N: W tem em conta positivo para N	N e S estão em contraste (veja a relação de contraste), por causa da incompatibilidade que surge do outro lado, não se pode ter consideração positiva para ambas as situações; compreender S ea incompatibilidade entre as situações aumenta consideração positiva R para N	Consideração positiva R para N é aumentada
<u>Fundo</u>	N: R não compreender suficientemente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de R compreender um elemento em N	Capacidade para R compreender N aumenta
<u>Concessão</u>	N: W tem consideração positiva para N em S: W não está afirmando que S não se sustenta;	W reconhece uma incompatibilidade aparente ou potencial entre N e S, reconhecendo a compatibilidade entre N e S aumenta consideração positiva R para N	Consideração positiva R para N é aumentada
<u>Habilitação</u>	N: apresenta uma acção por R (incluindo aceitar uma oferta), não realizado com respeito ao âmbito da N	R compreender S aumenta a capacidade potencial de R para executar a ação em N	Capacidade potencial de R para executar a ação em aumentos de N
<u>Evidência</u>	N: R pode não acreditar N a um grau satisfatório de W em S: S ou R acredita que irá encontrá-lo credível	S compreender R aumenta a crença de R N	Crença R de N é aumentada
<u>Justificar</u>	nenhum	S compreender R aumenta a disponibilidade de R aceitar o direito de apresentar W N	R prontidão para aceitar o direito de apresentar W N é aumentada
<u>Motivação</u>	N: N é um recurso em que R é o actor (incluindo aceitar uma oferta), não realizado com respeito ao âmbito da N	Compreender S aumenta o desejo de R para executar a ação em N	Desejo R para executar a ação em N é aumentada
<u>Preparação</u>	nenhum	S N antecede no texto; S tende a tornar mais R pronta, interessado ou orientado para ler N	R é mais preparado, interessado ou orientado para ler N
<u>Reapresentação</u>	nenhum	em N + S: S reafirma N, onde S e N são de massa comparável; N é mais importante para fins de W do que S é.	R S reconhece como uma reafirmação do N
<u>Resumo</u>	N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, que é mais curta em grandes quantidades	R reconhece S como um menor de correção N

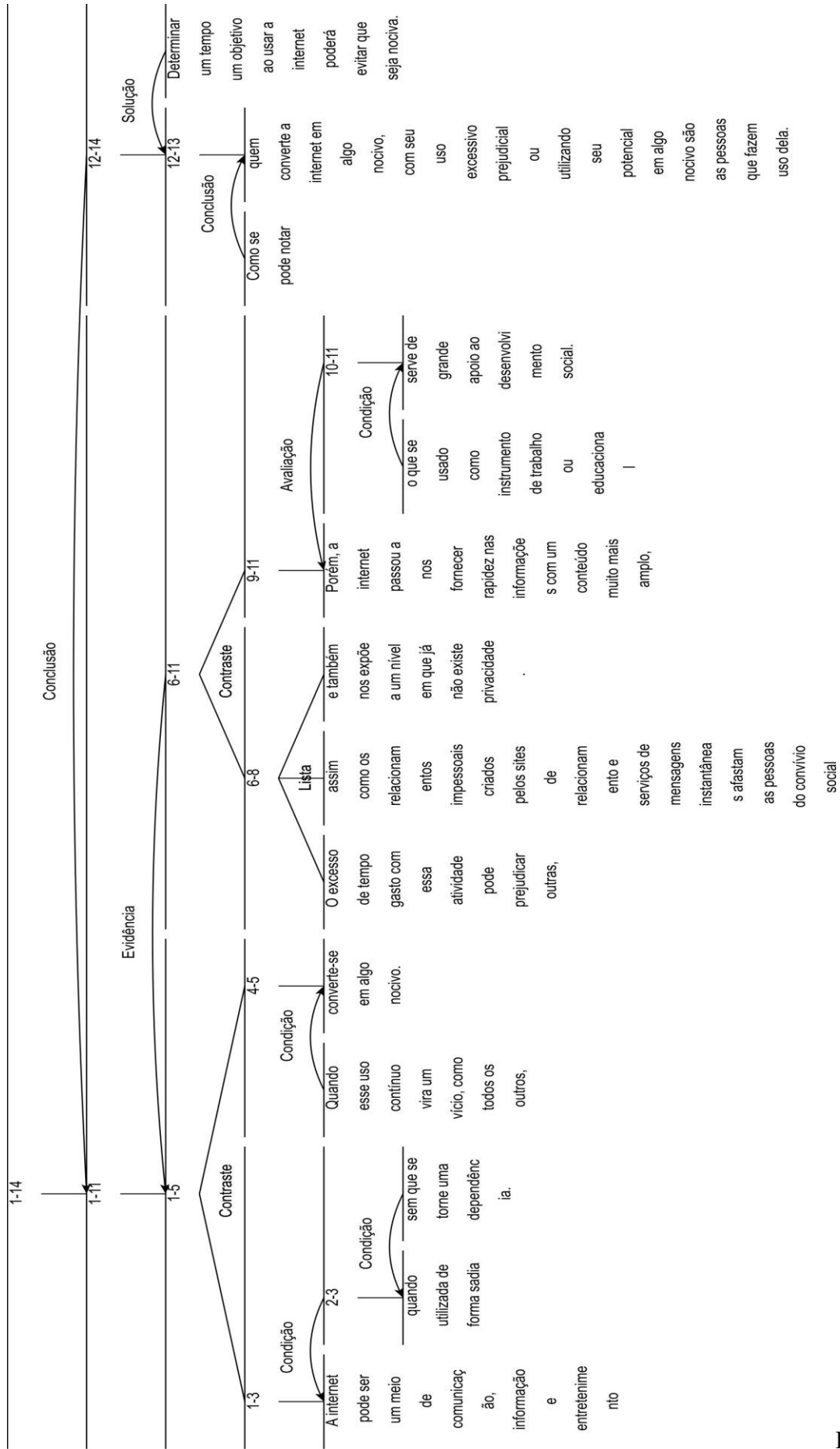
Definições de Relações no assunto			
Nome da relação	Restrições em S ou N individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção de W
<u>Circunstância</u>	em S: S não é não realizado	S define um quadro no assunto dentro do qual R destina-se a interpretar N	R S reconhece que fornece o quadro para interpretar N
<u>Condição</u>	em S: S apresenta uma situação hipotética, futuro, ou a realizar (em relação ao contexto situacional de S)	Realização de N depende realização de S	R reconhece como a realização de N depende da realização de S
<u>Elaboração</u>	nenhum	S apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou algum elemento de matéria que é apresentado em N ou inferencialmente acessível em N em uma ou mais das formas indicadas em baixo. Na lista, se N apresenta o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: <ul style="list-style-type: none"> <li>conjunto de membros ::</li> <li>abstração exemplo ::</li> <li>toda parte ::</li> <li>processo passo ::</li> <li>objeto attribute ::</li> <li>generalização :: específico</li> </ul>	R S reconhece como fornecer detalhes adicionais para N. R identifica o elemento do assunto para o qual detalhe é fornecido.
<u>Avaliação</u>	nenhum	em N + S: S N relaciona ao grau de consideração positiva W em direção N.	R reconhece que S N avalia e reconhece o valor que ele atribui
<u>Interpretação</u>	nenhum	em N + S: S N refere a um quadro de idéias que não estão envolvidos em N em si e não em causa relativamente positiva W de	R reconhece que S refere-N para um quadro de idéias não participou do conhecimento apresentado no N-se
<u>Meios</u>	N: uma atividade	S apresenta um método ou um instrumento que tende a fazer realização de N mais provável	R reconhece que o método ou instrumento em S tende a fazer realização de N mais provável
<u>Não-volitiva Causa</u>	N: N não é uma ação voluntária	S, por outros meios que motivar uma ação volitiva, causada N, sem a apresentação do S, R pode não saber a causa específica da situação, uma apresentação de N é mais central do que S para fins W em colocar diante da combinação NS.	R reconhece S como uma causa de N
<u>Resultado não-volitivo</u>	em S: S não é uma ação voluntária	N causada S; apresentação de N é mais importante para fins de W em colocar diante da combinação de NS é a apresentação de S.	R reconhece que N pode ter causado a situação em S
<u>Caso contrário</u>	N: N é uma situação de não realizado em S: S é uma situação não realizado	realização de N impede realização de S	R reconhece a relação de dependência da prevenção entre a realização de N ea realização de S
<u>Propósito</u>	N: N é uma atividade; em S: S é uma situação que não é realizado	S é para ser realizado através da actividade em N	R reconhece que a actividade em N é iniciada a fim de realizar S
<u>Solutionhood</u>	em S: S apresenta um problema	N é uma solução para o problema apresentado em S;	R reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S
<u>Incondicional</u>	em S: S conceivelmente poderia afectar a realização de N	N não depende de S	R reconhece que a N não depende de S
<u>A menos que</u>	nenhum	S afecta a realização de N, N é realizada desde que S não é realizada	R reconhece que N é realizada desde que S não é realizada
<u>Causa volitiva</u>	N: N é uma ação voluntária ou então uma situação que poderia ter surgido a partir de uma ação volitiva	S poderia ter causado o agente da ação voluntária em N para executar essa ação, sem a apresentação do S, R, não pode considerar a ação como motivada ou saber a motivação particular; N é mais importante para fins de W em colocar diante da combinação NS do que S é.	R S reconhece como uma causa para a ação voluntária em N
<u>Resultado volitiva</u>	em S: S é uma ação voluntária ou uma situação que poderia ter surgido a partir de uma ação volitiva	N pode ter causado S; apresentação de N é mais central para fins do que W é a apresentação de S;	R N reconhece que poderia ser uma causa para a ação ou situação em S

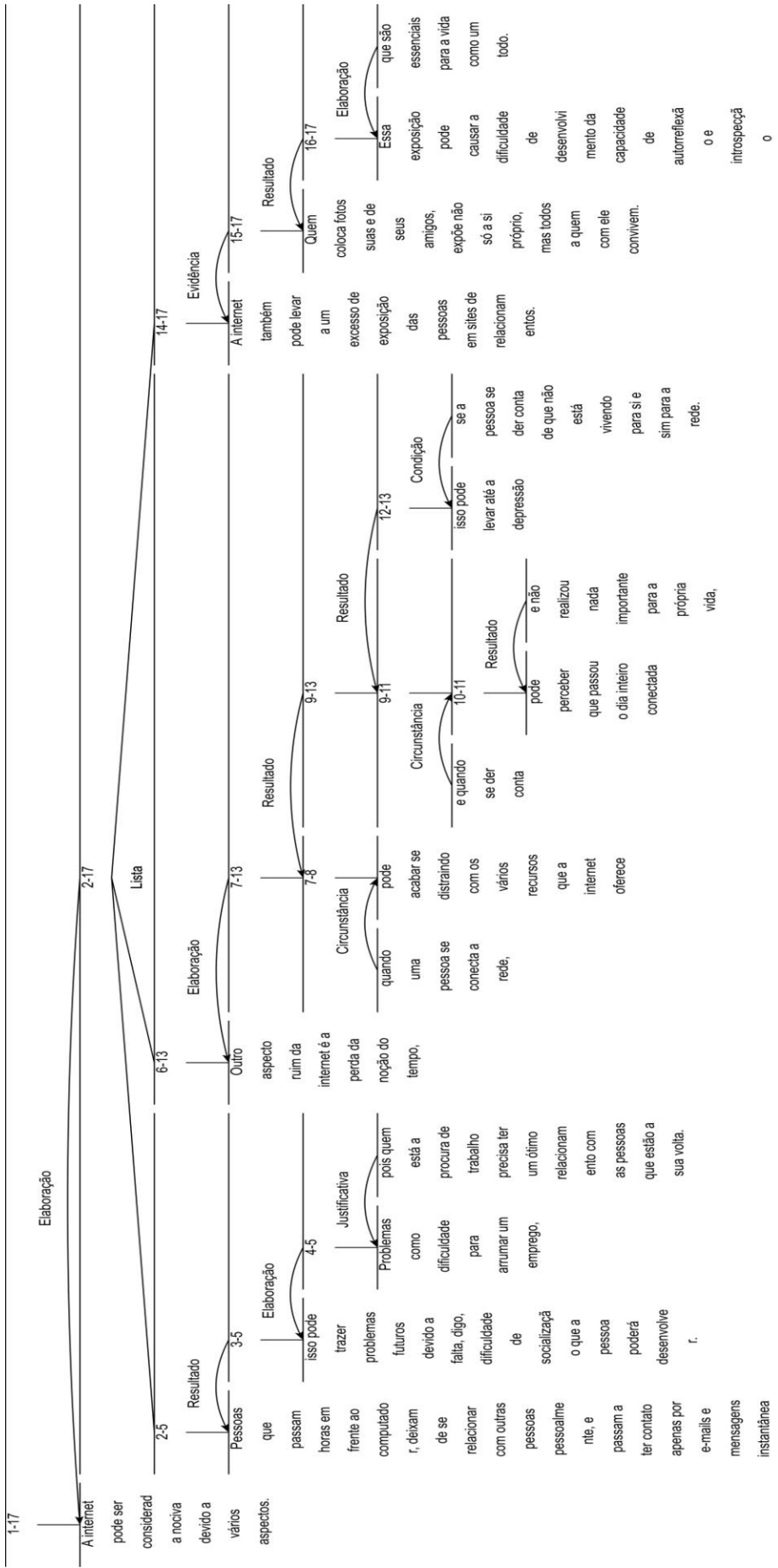
Definições de Relações multinucleares		
Nome da relação	Restrições de cada par de N	Intenção de W
<u>Conjunção</u>	Os itens são unidas para formar uma unidade em que cada item desempenha um papel comparável	R reconhece que os itens vinculados são conjugados
<u>Contraste</u>	N núcleos mais do que dois; as situações em dois destes núcleos são (a) compreendido como o mesmo em muitos aspectos, (b) compreendida como diferindo em alguns aspectos, poucos e (c), em comparação com respeito a uma ou mais destas diferenças	R reconhece a comparabilidade ea diferença (s) produziu pela comparação está sendo feita
<u>Disjunção</u>	Um item apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) para o outro (s)	R reconhece que os itens ligados são alternativas
<u>Articulação</u>	Nenhum	nenhum
<u>Lista</u>	Um item comparável aos outros a ele ligados pela relação Lista	R reconhece a comparabilidade dos itens ligados
<u>Correção multinuclear</u>	Um item é primariamente uma reexpressão de um ligado a ela; os itens são de importância comparável para os fins de W	R reconhece a reexpressão pelos elementos ligados
<u>Seqüência</u>	Existe uma relação entre as situações sucessão nos núcleos	R reconhece as relações sucessão entre os núcleos.



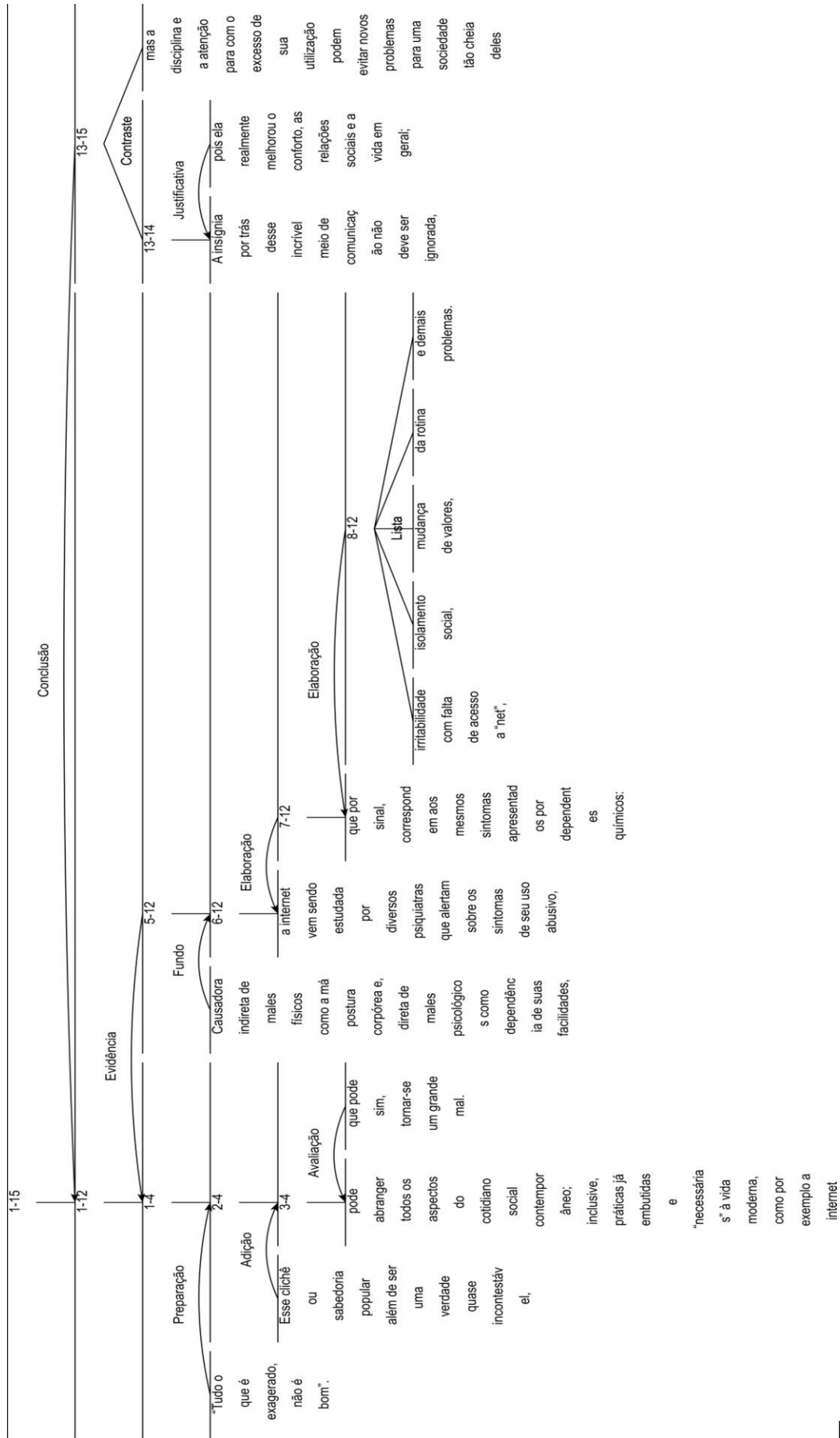
## ANEXO C- Diagramas

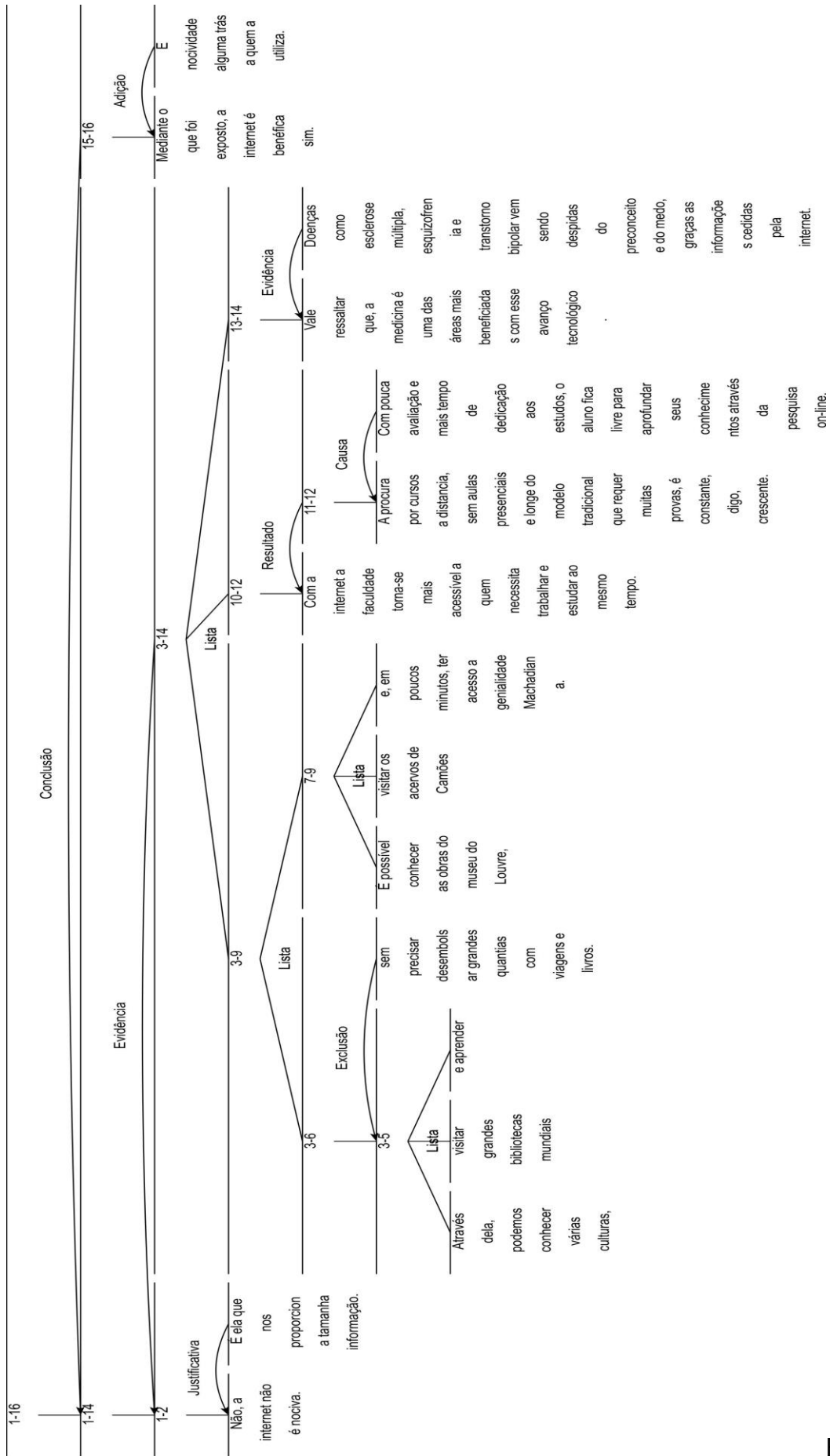


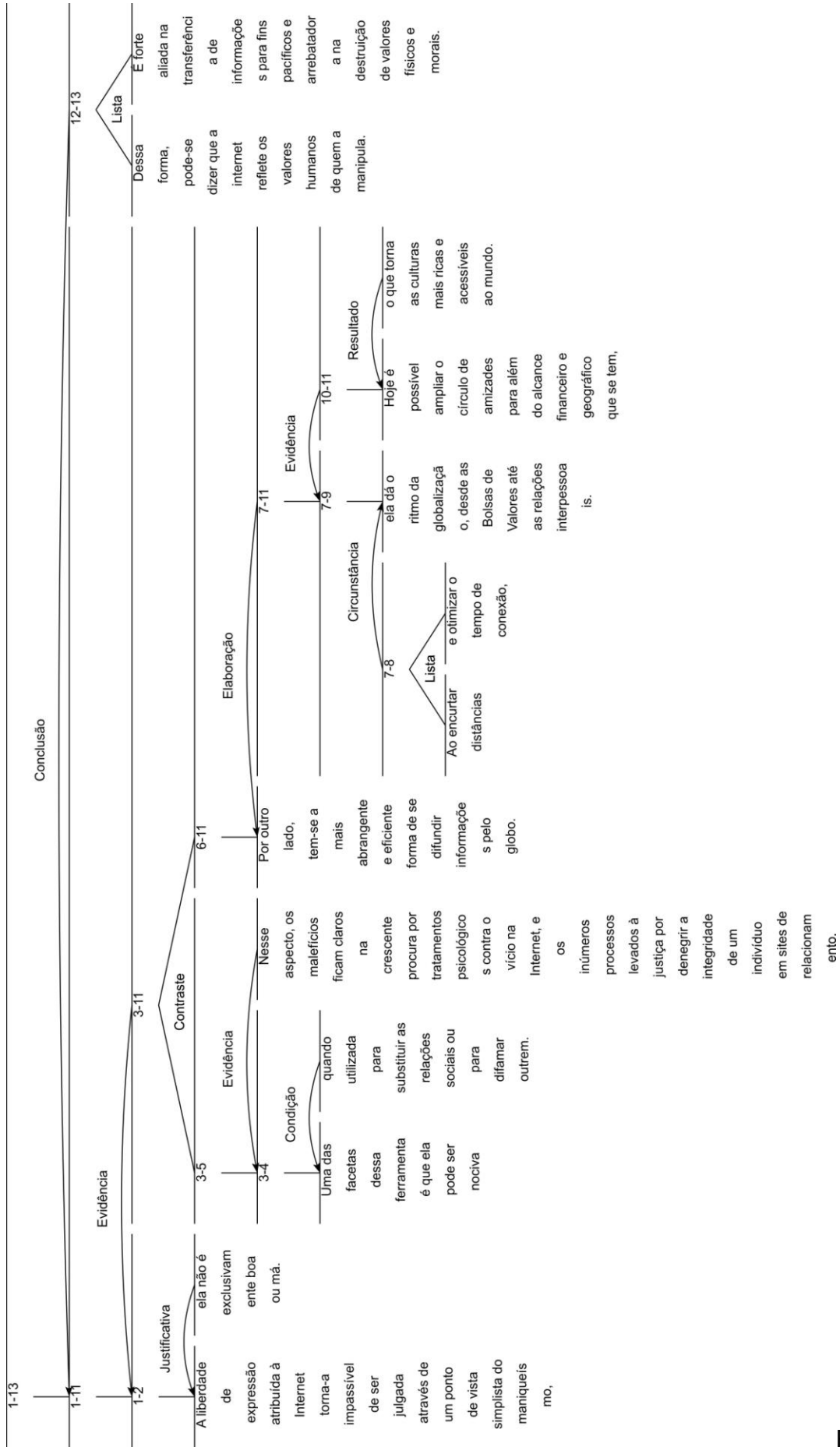




RA3

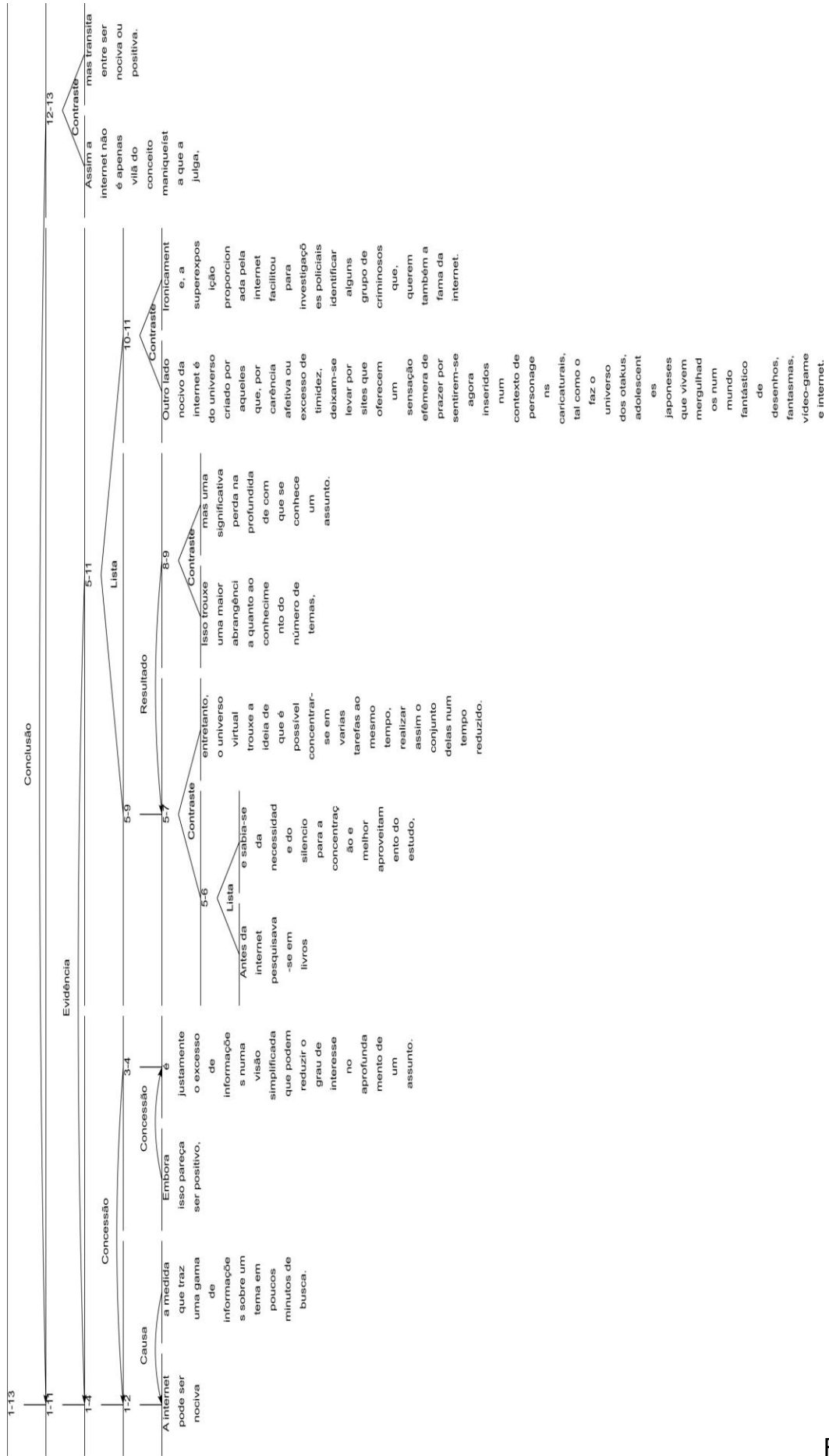


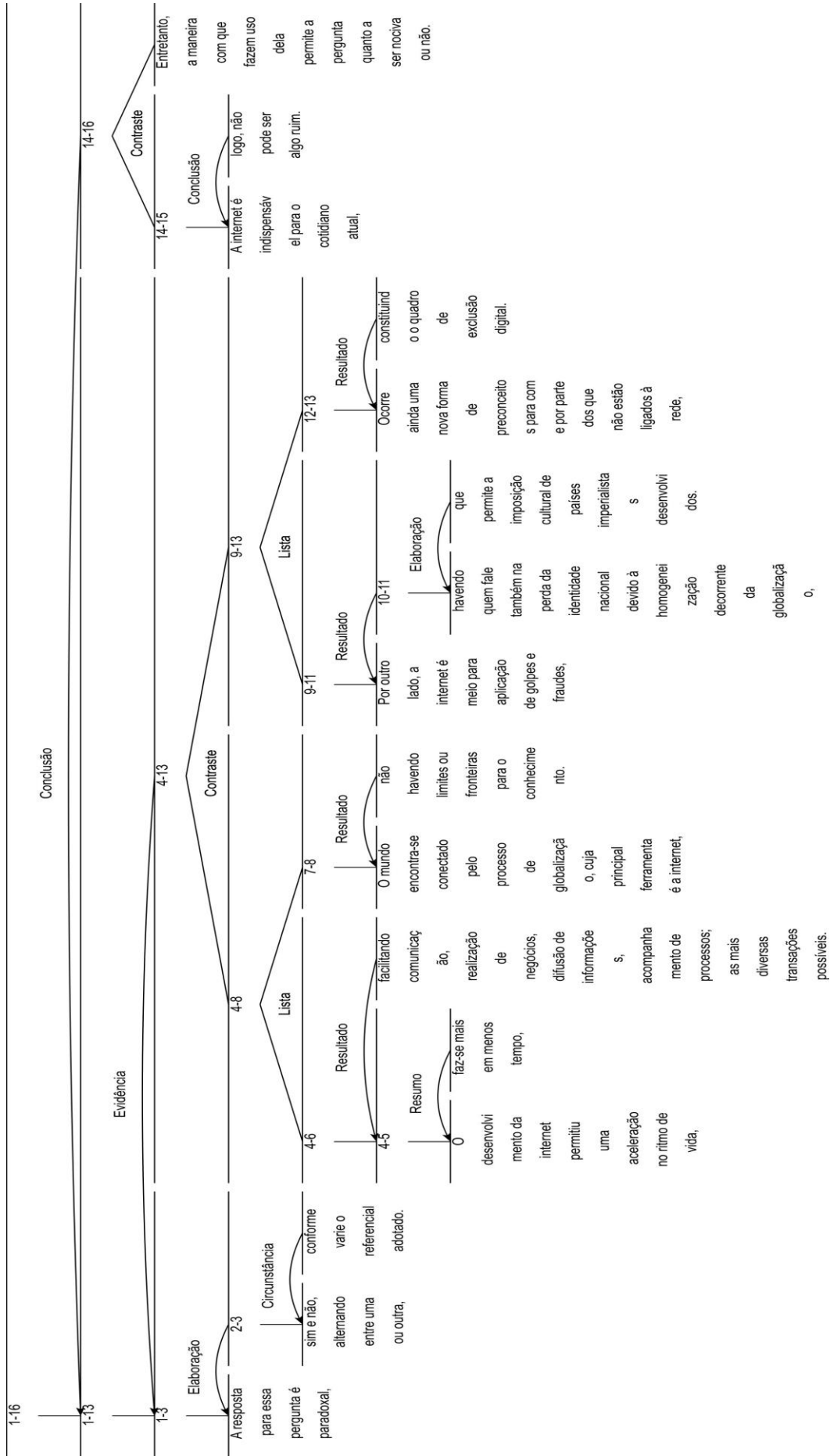


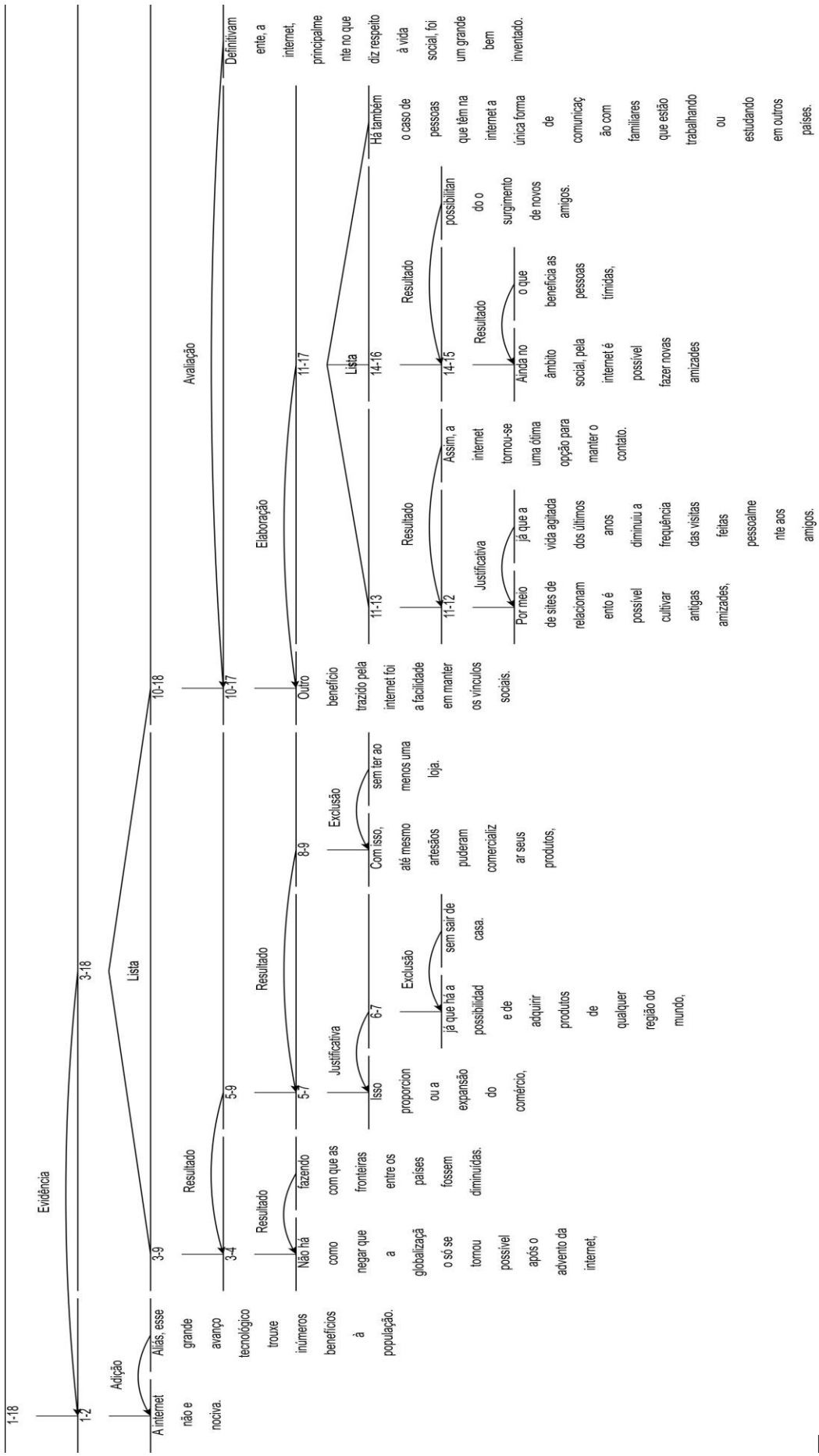




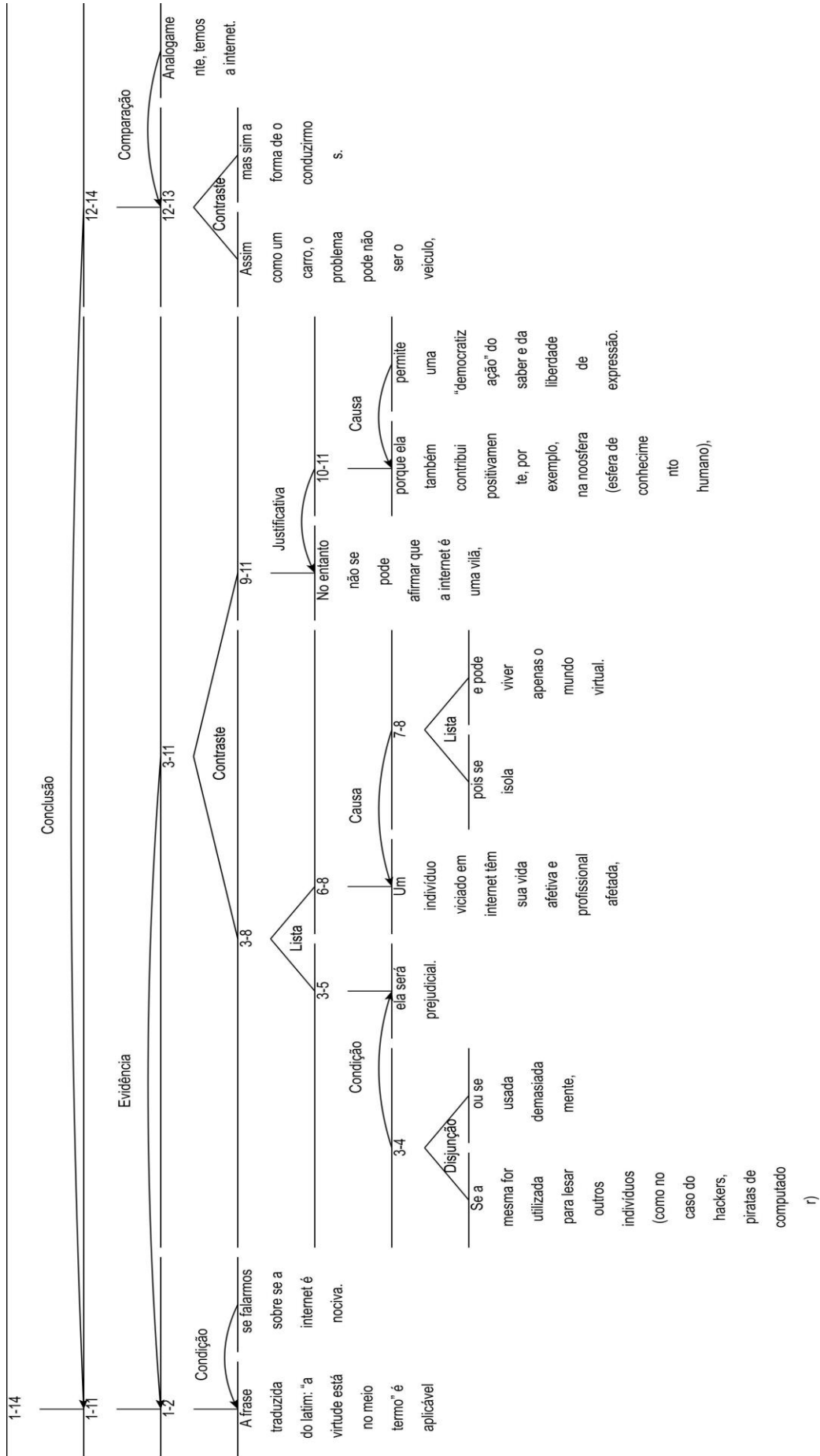




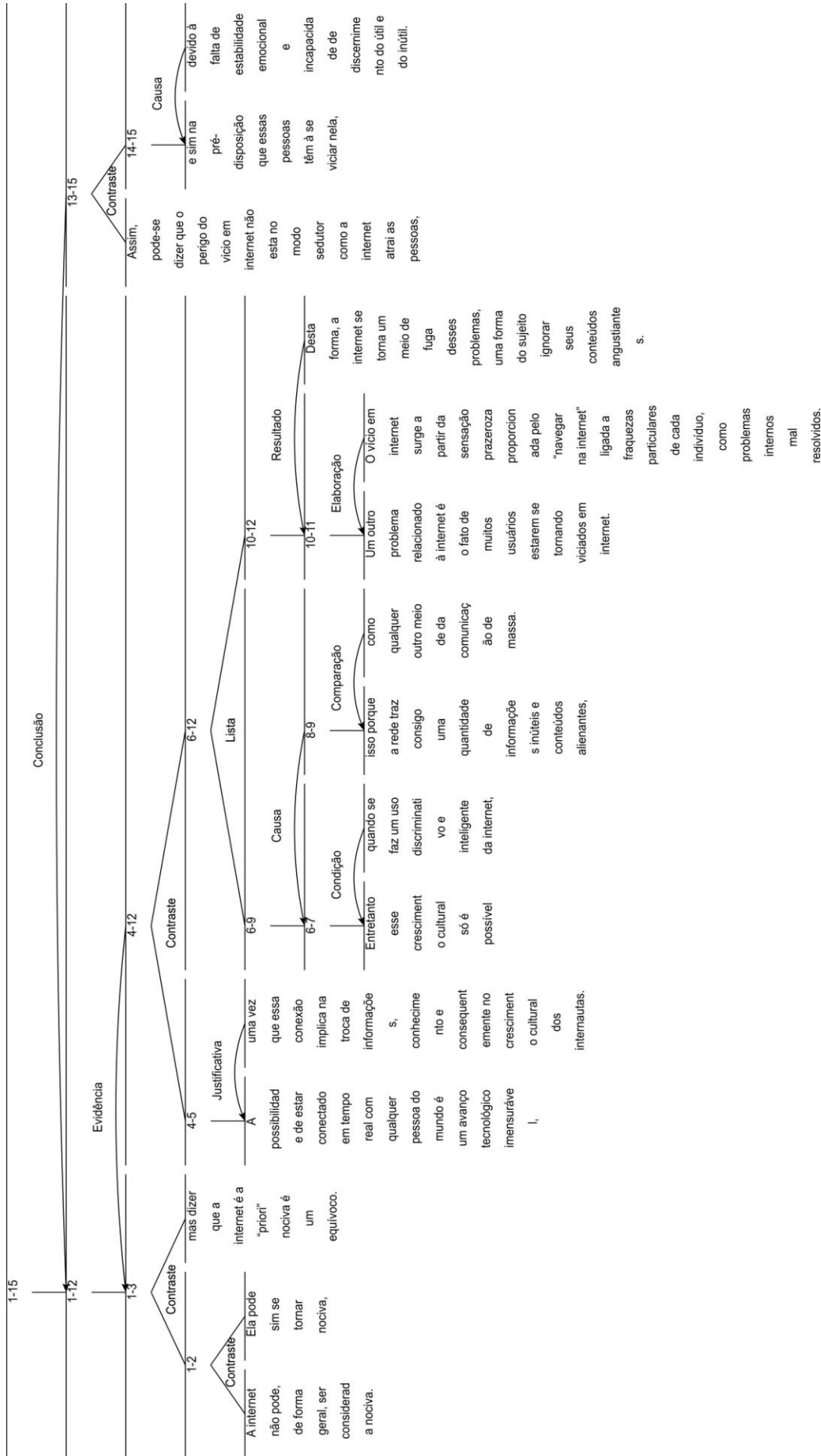


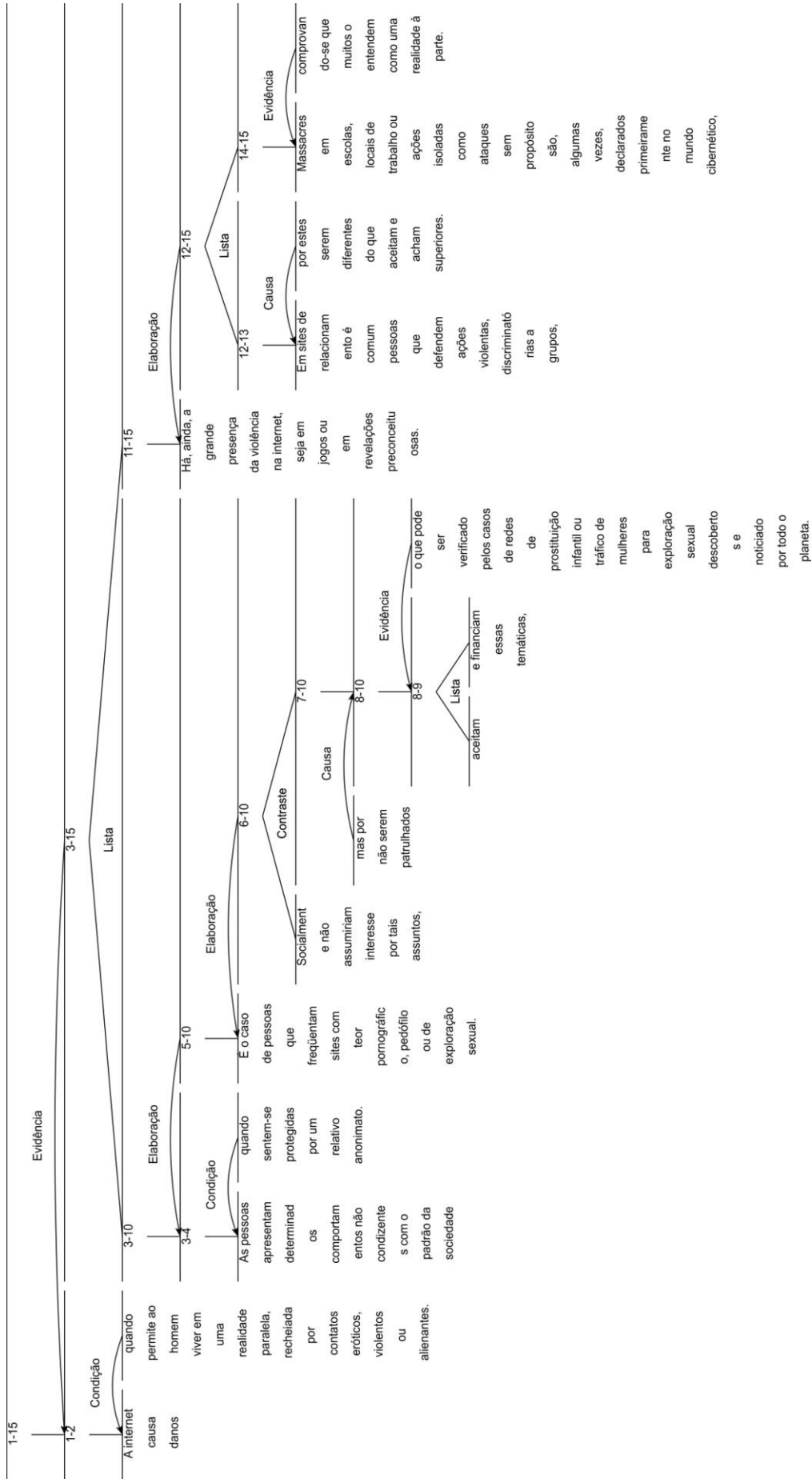






RA12





RA14





## ANEXO D – Redações

#### RA1.

A internet se tornou um recurso tecnológico fundamental para nossa vida, porém, em alguns casos ela se torna nociva. Ao visitar sites do mundo virtual, muitas são as opções de entretenimento, diversão, informação, contudo, quando os objetivos primordiais ao acessá-lo pautam em pesquisas escolares, trabalhos ou estudos, esses são deixados de lado para nos divertirmos com todas essas páginas interessantes proporcionadas pela internet. Devido a esse fato, muitas vezes somos prejudicados no âmbito escolar e no acúmulo de conhecimentos.

Além dos sites convidativos, os jogos online atraem muitos jovens, contudo esses jogos podem se tornar instrumentos de banalização da violência. Jogos de carros que atropelam as pessoas e de armas altamente destrutivas estimulam a juventude ao mundo do crime, já que os criminosos do mundo virtual nunca são punidos. Portanto a internet deve sim ser utilizada no cotidiano, mas seu uso deve ser moderado e restrito, para que os jovens e crianças cresçam conscientes de que seu uso indevido não os favorece em nada, somente acarreta o surgimento de anomalias na sociedade, tais como a criminalidade.

#### RA2.

A internet pode ser um meio de comunicação, informação e entretenimento quando utilizada de forma sadia sem que se torne uma dependência. Quando esse uso contínuo vira um vício, como todos os outros, converte-se em algo nocivo.

O excesso de tempo gasto com essa atividade pode prejudicar outras, assim como os relacionamentos impessoais criados pelos sites de relacionamento e serviços de mensagens instantâneas afastam as pessoas o convívio social e também nos expõe a um nível em que já não existe privacidade. Porém, a internet passou a nos fornecer rapidez nas informações com um conteúdo muito mais amplo, o que se usado como instrumento de trabalho ou educacional serve de grande apoio ao desenvolvimento social.

Como se pode notar quem converte a internet em algo nocivo, com seu uso excessivo prejudicial ou utilizando seu potencial em algo nocivo são as pessoas que fazem uso dela. Determinar um tempo um objetivo ao usar a internet poderá evitar que seja nociva.

#### RA3.

A internet pode ser considerada nociva devido a vários aspectos. Pessoas que passam horas em frente ao computador, deixam de se relacionar com outras pessoas pessoalmente, e passam a ter contato apenas por e-mails e mensagens instantâneas em sites de relacionamento, isso pode trazer problemas futuros devido a falta, digo, dificuldade de socialização que a pessoa poderá desenvolver. Problemas como dificuldade para arrumar um emprego, pois quem está a procura de trabalho precisa ter um ótimo relacionamento com as pessoas que estão a sua volta. Outro aspecto ruim da internet é a perda da noção do tempo, quando uma pessoa se conecta a rede, pode acabar se distraindo com os vários recursos que a internet oferece e quando se der conta pode perceber que passou o dia inteiro conectada e não realizou nada importante para a própria vida, isso pode levar até a depressão se a pessoa se der conta de que não está vivendo para si e sim para a rede. A internet

também pode levar a um excesso de exposição das pessoas em sites de relacionamentos. Quem coloca fotos suas e de seus amigos, expõe não só a si próprio, mas todos a quem com ele convivem. Essa exposição pode causar a dificuldade de desenvolvimento da capacidade de autorreflexão e introspecção que são essenciais para a vida como um todo.

RA4.

“Tudo o que é exagerado, não é bom”. Esse clichê ou sabedoria popular além de ser uma verdade quase incontestável, pode abranger todos os aspectos do cotidiano social contemporâneo; inclusive, práticas já embutidas e “necessárias” à vida moderna, como por exemplo a internet que pode sim, tornar-se um grande mal. Causadora indireta de males físicos como a má postura corpórea e, direta de males psicológicos como dependência de suas facilidades, a internet vem sendo estudada por diversos psiquiatras que alertam sobre os sintomas de seu uso abusivo, que por sinal, correspondem aos mesmos sintomas apresentados por dependentes químicos: irritabilidade com falta de acesso a “net”, isolamento social, mudança de valores, da rotina e demais problemas. A insígnia por trás desse incrível meio de comunicação não deve ser ignorada, pois ela realmente melhorou o conforto, as relações sociais e a vida em geral; mas a disciplina e a atenção para com o excesso de sua utilização podem evitar novos problemas para uma sociedade tão cheia deles.

RA5.

Não, a internet não é nociva. É ela que nos proporciona tamanha informação. Através dela, podemos conhecer várias culturas, visitar grandes bibliotecas mundiais e aprender sem precisar desembolsar grandes quantias com viagens e livros. É possível conhecer as obras do museu do Louvre, visitar os acervos de Camões e, em poucos minutos, ter acesso a genialidade Machadiana. Com a internet a faculdade torna-se mais acessível a quem necessita trabalhar e estudar ao mesmo tempo. A procura por cursos a distancia, sem aulas presenciais e longe do modelo tradicional que requer muitas provas, é constante, digo, crescente. Com pouca avaliação e mais tempo de dedicação aos estudos, o aluno fica livre para aprofundar seus conhecimentos através da pesquisa on-line. Vale ressaltar que, a medicina é uma das áreas mais beneficiadas com esse avanço tecnológico. Doenças como esclerose múltipla, esquizofrenia e transtorno bipolar vem sendo despidas do preconceito e do medo, graças as informações cedidas pela internet.

Mediante o que foi exposto, a internet é benéfica sim. E nocividade alguma trás a quem a utiliza.

RA6.

A liberdade de expressão atribuída à Internet torna-a impassível de ser julgada através de um ponto de vista simplista do maniqueísmo, ela não é exclusivamente boa ou má. Uma das facetas dessa ferramenta é que ela pode ser nociva quando utilizada para substituir as relações sociais ou para difamar outrem. Nesse aspecto, os malefícios ficam claros na crescente procura por tratamentos psicológicos contra o vício na Internet, e os inúmeros processos levados à justiça por denegrir a integridade de um indivíduo em sites de relacionamento. Por outro lado, tem-se a mais abrangente e eficiente forma de

se difundir informações pelo globo. Ao encurtar distâncias e otimizar o tempo de conexão, ela dá o ritmo da globalização, desde as Bolsas de Valores até as relações interpessoais. Hoje é possível ampliar o círculo de amizades para além do alcance financeiro e geográfico que se tem, o que torna as culturas mais ricas e acessíveis ao mundo. Dessa forma, pode-se dizer que a internet reflete os valores humanos de quem a manipula. É forte aliada na transferência de informações para fins pacíficos e arrebatadora na destruição de valores físicos e morais.

#### RA7.

A internet em si não é nociva, porém seu uso indiscriminado pode gerar problemas que na maior parte das vezes são difíceis de ser tratados. Através de um computador é possível conhecer o mundo todo, obter informações de diversos acontecimentos, mesmo que muito recentes, e ainda conversar com uma pessoa que está distante ou que faz tempo que não a encontra. Desse modo a internet é indispensável, ainda mais no contexto atual no qual as jornadas de trabalho são longas e o tempo para lazer é pequeno. Por outro lado, há disponível em rede informações erradas e sites não seguros, tornando-se necessária a seleção cautelosa do conteúdo a ser utilizado. Mas o grande problema é que a internet pode causar dependência, assim como drogas e álcool causam. Na tentativa de se enquadrar na sociedade ou de se isolar dela, muitas pessoas se fecham na internet e quando se dão conta já não suportam encarar o mundo real sem o auxílio do virtual, estão viciadas. Isso requer a ajuda de especialistas, como psicólogos e psiquiatras, para o tratamento desse vício, que nem sempre é fácil pois requer uma readaptação do viciado. Assim não é a internet em si que prejudica a vida pessoal, profissional e sentimental das pessoas, mas sim seu uso excessivo e descontrolado.

#### RA8.

A internet pode ser nociva a medida que traz uma gama de informações sobre um tema em poucos minutos de busca. Embora isso pareça ser positivo, é justamente o excesso de informações numa visão simplificada que podem reduzir o grau de interesse no aprofundamento de um assunto. Antes da internet pesquisava-se em livros e sabia-se da necessidade do silêncio para a concentração e melhor aproveitamento do estudo, entretanto, o universo virtual trouxe a ideia de que é possível concentrar-se em várias tarefas ao mesmo tempo, realizar assim o conjunto delas num tempo reduzido. Isso trouxe uma maior abrangência quanto ao conhecimento do número de temas, mas uma significativa perda na profundidade com que se conhece um assunto. Outro lado nocivo da internet é do universo criado por aqueles que, por carência afetiva ou excesso de timidez, deixam-se levar por sites que oferecem um sensação efêmera de prazer por sentirem-se agora inseridos num contexto de personagens caricaturais, tal como o faz o universo dos otakus, adolescentes japoneses que vivem mergulhados num mundo fantástico de desenhos, fantasmas, vídeo-game e internet. Ironicamente, a superexposição proporcionada pela internet facilitou para investigações policiais identificar alguns grupo de criminosos que, querem também a fama da internet. Assim a internet não é apenas vilã do conceito maniqueísta que a julga, mas transita entre ser nociva ou positiva.

RA9.

A resposta para essa pergunta é paradoxal, sim e não, alternando entre uma ou outra, conforme varie o referencial adotado.

O desenvolvimento da internet permitiu uma aceleração no ritmo de vida, faz-se mais em menos tempo, facilitando comunicação, realização de negócios, difusão de informações, acompanhamento de processos; as mais diversas transações possíveis. O mundo encontra-se conectado pelo processo de globalização, cuja principal ferramenta é a internet, não havendo limites ou fronteiras para o conhecimento.

Por outro lado, a internet é meio para aplicação de golpes e fraudes, havendo quem fale também na perda da identidade nacional devido à homogeneização decorrente da globalização, que permite a imposição cultural de países imperialistas desenvolvidos. Ocorre ainda uma nova forma de preconceitos para com e por parte dos que não estão ligados à red, constituindo o quadro de exclusão digital.

A internet é indispensável para o cotidiano atual, logo, não pode ser algo ruim. Entretanto, a maneira com que fazem uso dela permite a pergunta quanto a ser nociva ou não.

RA10

A internet não é nociva. Aliás, esse grande avanço tecnológico trouxe inúmeros benefícios à população. Não há como negar que a globalização só se tornou possível após o advento da internet, fazendo com que as fronteiras entre os países fossem diminuídas. Isso proporcionou a expansão do comércio, já que há a possibilidade de adquirir produtos de qualquer região do mundo, sem sair de casa. Com isso, até mesmo artesãos puderam comercializar seus produtos, sem ter ao menos uma loja. Outro benefício trazido pela internet foi a facilidade em manter os vínculos sociais. Por meio de sites de relacionamento é possível cultivar antigas amizades, já que a vida agitada dos últimos anos diminuiu a frequência das visitas feitas pessoalmente aos amigos. Assim, a internet tornou-se uma ótima opção para manter o contato. Ainda no âmbito social, pela internet é possível fazer novas amizades o que beneficia as pessoas tímidas, possibilitando o surgimento de novos amigos. Há também o caso de pessoas que têm na internet a única forma de comunicação com familiares que estão trabalhando ou estudando em outros países. Definitivamente, a internet, principalmente no que diz respeito à vida social, foi um grande bem inventado.

RA11.

Todo vício é nocivo, portanto, como a internet tem sido causa de vício então esta é nociva assim como drogas, cigarro e álcool. As pessoas viciadas em internet tem apresentado vários problemas como perda de noção de tempo na frente do computador, irritação, tensão ou depressão diante da inacessibilidade deste equipamento, brigas, isolamento social. Esses problemas afetam diretamente a vivência da pessoa. Já houve até casos de desnutrição em decorrência do uso excessivo da internet. Foi o caso de uma garota de Belo Horizonte de 19 anos que ficou 3 dias inteiros mexendo na internet e no quarto dia estava desmaiada na frente do computador. Foi levada ao hospital onde constatou-se que ela estava com alto grau de desnutrição e

corria risco de vida. A dificuldade de relacionamento social tem sido uma das principais causas do vício em internet.

Ao mesmo tempo que a internet é nociva, ela também é um instrumento fundamental, pois trata-se de um meio de comunicação, de uma fonte de pesquisas. O problema é no modo como é usada.

RA12.

A frase traduzida do latim: “a virtude está no meio termo” é aplicável se falarmos sobre se a internet PE nociva. Se a mesma for utilizada para levar outros indivíduos (como no caso do hackers, piratas de computador) ou se usada demasiadamente, ela será prejudicial. Um indivíduo viciado em internet têm sua vida afetiva e profissional afetada, pois se isola e pode viver apenas o mundo virtual. No entanto não se pode afirmar que a internet é uma vilã, porque ela também contribui positivamente, por exemplo, na noosfera (esfera de conhecimento humano), permite uma “democratização” do saber e da liberdade de expressão. Assim como um carro, o problema pode não ser o veículo, mas sim a forma de o conduzirmos. Analogamente, temos a internet.

RA13.

A internet não pode, de forma geral, ser considerada nociva. Ela pode sim se tornar nociva, mas dizer que a internet é a “priori” nociva é um equívoco. A possibilidade de estar em tempo real com pessoa do mundo é um avanço tecnológico imensurável, uma vez que essa conexão implica na troca de informações, conhecimento e conseqüentemente no crescimento cultural dos internautas. Entretanto esse crescimento cultural só é possível quando se faz um uso discriminativo e inteligente da internet, isso porque a rede traz consigo uma quantidade de informações inúteis e conteúdos alienantes, como qualquer outro meio de da comunicação de massa. Um outro problema relacionado à internet é o fato de muitos usuários estarem se tornando viciados em internet. O vício em internet surge a partir da sensação prazerosa proporcionada pelo “navegar na internet” ligada a fraquezas particulares de cada indivíduo, como problemas internos mal resolvidos. Desta forma, a internet se torna um meio de fuga desses problemas, uma forma do sujeito ignorar seus conteúdos angustiantes.

Assim, pode-se dizer que o perigo do vicio em internet não esta no modo sedutor como a internet atrai as pessoas, e sim na pré- disposição que essas pessoas têm à se viciar nela, devido à falta de estabilidade emocional e incapacidade de discernimento do útil e do inútil.

RA14.

A internet causa danos quando permite ao homem viver em uma realidade paralela, recheiada por contatos eróticos, violentos ou alienantes. As pessoas apresentam determinados comportamentos não condizentes com o padrão da sociedade quando sentem-se protegidas por um relativo anonimato. É o caso de pessoas que frequentam sites com teor pornográfico, pedófilo ou de exploração sexual. Socialmente não assumiriam interesse por tais assuntos, mas por não serem patrulhados aceitam e financiam essas temáticas, o que pode ser verificado pelos casos de redes de prostituição infantil ou tráfico de mulheres para exploração sexual descobertos e noticiado por todo o planeta. Há, ainda, a grande presença da violência na internet, seja em jogos ou em

revelações preconceituosas. M sites de relacionamento é comum pessoas que defendem ações violentas, discriminatórias a grupos, por estes serem diferentes do que aceitam e acham superiores. Massacres em escolas, locais de trabalho ou ações isoladas como ataques sem propósito são, algumas vezes, declarados primeiramente no mundo cibernético, comprovando-se que muitos o entendem como uma realidade à parte.

RA15.

Apesar de subordinada à internet, devo admitir: ela é nociva. Sou subordinada porque, mesmo com uma biblioteca municipal ao lado de casa, recorro à internet quando necessário, e na sua ausência, não sei nem por onde começar uma pesquisa, o que é um fato comum entre os jovens. Além disso, imperceptivelmente ela se torna sua inimiga: aqueles que a utilizam quando necessário, ao se darem conta, já passaram horas nela sem estar fazendo o que a princípio era seu objetivo. Causando frequentes dores de cabeça, a tela do computador prejudica os nervos ópticos, principalmente se utilizados à noite. Para muitos, ela se tornou um instrumento de trabalho, mas é fato muito comum em ambientes de trabalho, pessoas fugirem de suas responsabilidades profissionais entrando em sites de jogos, eróticos e de relacionamentos. Estudos alegam que uma pessoa deve desligar-se da internet pelo menos 2 horas antes de dormir, do contrário, ela ativa o metabolismo, podendo desencadear em problemas sérios de insônia. Portanto, não nego que a internet seja útil, mas fugindo do nosso controle, ela se torna nociva e prejudicial à saúde.